Instituto **Cidade de Deus**

Coleção VERITAS

6º Ano

AMOSTRA

1ª edição

Apresentação

Caro aluno,

Você tem em mãos um material que é fruto de muito estudo e oração. Aproveite esta oportunidade que os seus pais lhe deram, pois estão preocupados em cumprir o gravíssimo dever de o educar. O Instituto Cidade de Deus deseja a você um ano de muito estudo, de crescimento e de graças. Estude sobretudo por amor a Deus e ao próximo, como recomendava Santo Agostinho.

Quem somos

O Instituto Cidade de Deus (ICD) é formado por um grupo de professores e colaboradores cujo objetivo é promover a Educação Católica, pois "não existe educação adequada e perfeita senão a cristã" (Pio XI).

O Brasil enfrenta, atualmente, uma dura crise educacional, cujas raízes históricas se encontram, especialmente, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, a partir da década de 30 do século XX, repleto de naturalismo e laicismo pedagógico. A partir disso, a educação brasileira vem sofrendo uma influência nociva de vários educadores que a pervertem para fins diversos, contrários ao fim último do homem.

Frente a esta grande problemática, o Instituto Cidade de Deus se constituiu para colaborar com o resgate da autêntica educação católica, a única que pode oferecer verdadeiro remédio à crise educacional, pois forma o homem em vista do seu fim, que é Deus.

O material didático

Este material didático é composto pelas principais disciplinas exigidas pelo currículo brasileiro, a saber: Ensino Religioso, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Arte.

O ICD possui uma equipe profissional com mais de 20 professores formados em suas respectivas disciplinas. Este grupo busca, em última análise, assegurar o Sumo Bem, Deus, às almas dos educandos e, ao mesmo tempo, prepará-los para os diversos desafios que terão na vida, através de uma educação de qualidade. O material é revisado por especialistas e sacerdotes, o que assegura ao conteúdo o caráter de educação católica.

Estudo Sagrado

Introdução

"O menor conhecimento das coisas mais elevadas é mais desejável que uma ciência muito certa das coisas menores."

Santo Tomás de Aquino

O ensino da Sagrada Doutrina, servindo-nos das palavras do Sumo Pontífice Bento XIV, é o que há de mais útil para a glória de Deus e a salvação das almas.

O Papa Pio XI, na Encíclica Divini Illius Magistri, diz-nos que a religião deve ser verdadeiramente o fundamento e a coroa de toda a instrução, e completa Santo Tomás que a ciência Sagrada, dentre todas as ciências, é a mais excelente, pois seu objeto de estudo é o próprio Deus, o sumo bem; a mais certa, porque parte daquilo que Deus revelou e, portanto, é perfeita. São Pio X, por sua vez, na Carta Acerbo Nimis, afirma que a maior parte dos condenados às penas eternas padece sua perpétua desgraça por ignorar os mistérios da fé, que necessariamente se devem conhecer e crer para ser contado no número dos eleitos.

Wolfgang Moroder / Domínio público

O Sermão da Montanha. Aqui, Nosso Senhor expõe maravilhosamente sua Doutrina e ensinamentos

O presente conteúdo foi, portanto, estruturado para este fim: a glória de Deus e a salvação das almas. Queremos que através de seu estudo sejam movidas a inteligência e a vontade da criança para Deus.

A Doutrina aqui exposta se encontra em forma de perguntas e respostas, e é um resumo de toda a Teologia, de todo o Evangelho, de todos os Dogmas, de todas as verdades religiosas, de toda a Moral Cristã. Esta forma de expor permite à criança conhecer e aprender a Doutrina em fórmulas breves e precisas, além de mover sua inteligência, sua vontade e seu coração para que ame a Deus e pratique, por amor d'Ele, o bem.

Recomendações

O Catecismo aqui apresentado possui quatro tópicos:

- Pergunta e resposta: os jovens precisam decorar, tal e qual, cada uma das respostas. Uma boa e clara definição é salvaguarda da verdade, e o catolicismo sempre prezou definições claras e precisas. Sendo assim, exercite diariamente com a criança a memorização das questões da lição semanal.
- Explicação: leitura.
- Prática: sugestões para colocar em prática o que foi decorado e aprendido daquela pergunta.
- Exemplos: para inspirar a devoção e inflamar a vontade.

Uma vez que o jovem tenha decorado todas as respostas, terá conteúdo suficiente para levar uma vida agradável a Deus, se desejar cooperar com Sua Graça e em tudo procurar Sua Vontade.

Veja a seguir algumas recomendações acerca da memorização, bem como a vantagem deste processo.

Vantagens da Memorização

1. Guarda-se melhor e mais facilmente o que se aprende numa fórmula. O trabalho para gravar o que a inteligência aprendeu é propício à fixação. A experiência nos diz que de uma leitura, às vezes, não nos ficou senão uma frase que tínhamos decorado.

2. Quando racionalmente empregada e educada, a memória presta admiráveis serviços à inteligência. Precisamos, no estudo da religião, fazer constante apelo aos conhecimentos adquiridos, para boa compreensão da lição do dia. Os dogmas são entre si muito enlaçados, e suas conclusões são a base da vida cristã. Ai de nós, se não os tivermos claros e frescos na memória.

3. A facilidade de reflexão que nos deixam as fórmulas decoradas é mais uma vantagem, e não pequena. Com elas mais seguramente se conserva a Doutrina. Elas são, mais tarde, o meio para refletirmos sobre os admiráveis conceitos que encerram, e sobre os quais não nos detivemos bastante ao tempo do estudo. Agora, mais desenvolvida a razão, penetramos melhor aquelas verdades, que nos passariam despercebidas sem a fórmula fixada.

4. Há no texto do Catecismo uma autoridade às vezes insubstituível. Aquela precisão e segurança doutrinal são difíceis em qualquer matéria, mas notadamente

em assuntos religiosos. Aqui, mais que alhures, o perigo do mais ou menos, dos conceitos imprecisos, é para afastar-se. A mudança de um termo pode alterar o sentido e levar ao erro.

5. Consequência é, pois, que **uma fórmula bem conservada garante a ortodoxia, facilita a exposição da Doutrina, permite a defesa da Verdade.**

6. As impressões da infância são duráveis e voltam na velhice, quando se perdem as mais recentes. É então que as pequenas e rigorosas fórmulas do Catecismo, que pareciam perdidas, voltam à mente, despertando as mesmas emoções que despertavam naqueles dias longínquos. E eis o caminho pelo qual voltam a Deus muitas almas que se tinham afastado dele.

Muitos homens que tinham perdido a fé, que tinham passado pelo tumulto das guerras e revoluções, voltando a Deus depois de vinte, cinquenta ou sessenta anos de uma vida sem religião, recordam ao pé da letra, instintivamente, as respostas do Catecismo, as fórmulas da fé cristã. E com que proveito para sua salvação, com que conforto para sua alma, com que ternura para o coração, feliz de encontrar essa lembrança da infância, esses ensinamentos do bom padre que os educara, essas lições de suas mães.

Como fazer decorar

1. A primeira regra é que o jovem antes entenda o que vai decorar. Além de mais durável, a memorização inteligente é muito mais fácil. Aprende-se muito mais rápida e duradouramente uma frase de vinte palavras formando um sentido, do que uma série de seis palavras sem sentido. Para as aulas em comum só se deve dar a decorar o que a maioria dos alunos entende.

2. Se o trecho não é grande, como em geral não o são as respostas do Catecismo, é mais fácil aprendê-lo em conjunto que por partes.

Porque é preciso não quebrar o sentido – o que reduziria a memória a uma simples mecânica.

3. Decora-se mais com repetições espaçadas do que ininterruptas.

4. A hora tem notável influência. Assim, escolha o "horário nobre" – isto é, o horário em que está mais disposta ao estudo – da criança para aplicar o Catecismo.

5. A atenção é grande auxiliar da memória. O maior dos meios ativos. Importa despertá-la e acostumar a criança a aplicá-la.

6. Da vontade se pode dizer o mesmo. Quando se quer, aprende-se mais facilmente. Logo esquecemos o que queremos aprender por pouco tempo; mas

conservamos o que temos intenção de reter por mais longo tempo. É arte do mestre conseguir que a criança o queira.

7. Em compensação, há grande dificuldade quanto ao que se vai fazer constrangido. A disposição do espírito contribui igualmente de modo notável. Seria contraproducente obrigar uma criança irritada ou fatigada a decorar. É nosso dever despertar antes o interesse.

8. A intensidade das impressões facilita o trabalho da memória. Essas impressões podem ser psíquicas ou sensíveis. Daí o valor das histórias de aventuras, de gestos teatrais, das cores vivas, das festas bonitas, dos sentimentos vivos e profundos.

9. As impressões simultâneas ajudam muito o trabalho de memorização. Muito raramente existe isolado um tipo de memória. Em geral, temos um pouco de cada um. É vantajoso despertar as várias impressões: a auditiva pela recitação (que será ainda melhor se for feita também pelo próprio aluno), a visual (escrever numa lousa para a criança ver, por exemplo) e a motora (cópia no próprio caderno), tão do agrado e da natureza das crianças.

10. A educação da memória pelo hábito é, sem dúvida, o meio mais eficiente, guardados os recursos acima indicados e outros apontados pelos vários autores.

O que decorar

1. A primeira coisa a decorar são orações. Mesmo essas não se devem ensinar sem fazer compreender. Explicar o sentido, o que se quer dizer com elas; depois fazer decorar. Ainda assim ser parco. Poucas orações. Pai-Nosso, Ave-Maria, Credo, Salve-Rainha, Atos de Fé, Esperança e Caridade, Atos de Contrição, conforme a idade.

2. Outras coisas são também necessárias e até fáceis, por se ligarem a números: Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, Sacramentos, etc.

3. São necessárias as definições, certas divisões e conceitos que formam a estrutura da Doutrina Cristã.

4. É preciso, porém, ter em vista a capacidade dos alunos. Geralmente, as meninas têm mais facilidade de decorar que os meninos. A capacidade varia com as pessoas e não se deve exigir de todas a mesma medida. A própria caridade manda ter paciência com os menos capazes, aos quais não se pode pedir muito, sob pena de desanimá-los e afugentá-los. Aliás, as muitas exigências e as lições muito longas fatigam e desanimam as crianças.

LIÇÃO 1

Credo: Vinda de Jesus

Método da oração

NESTE ano continuaremos a tratar os artigos do Credo, iniciado no ano anterior.

Doutrina Sagrada

1. Jesus Cristo há de voltar alguma vez visivelmente à Terra?

Jesus Cristo há de voltar visivelmente à Terra, no fim do mundo, para julgar os vivos e os mortos, isto é, todos os homens, bons e maus.

Explicação

Pergunta-nos o Catecismo se Jesus nunca mais há de voltar visivelmente à Terra. Ponderai que Jesus é o Filho de Deus feito homem; nasceu menino, tomou, como Homem-Deus, o nome de Jesus Cristo, viveu, padeceu, morreu e depois, tendo ressuscitado, subiu aos Céus. Sendo Homem-Deus, está, como já aprendemos, não somente no Céu, mas também na Terra, no Santíssimo Sacramento do Altar. Vede-o na Eucaristia? Não, não o vedes! E, por isso, Jesus está, sem dúvida, voltando continuamente a este mundo, mas de modo invisível: não o vemos com os nossos olhos.

E de modo que vejamos, isto é, visivelmente, nunca mais virá?... Sim, ensina-nos o próprio Catecismo, há de vir ainda, há de vir no fim do mundo. Disse-o o próprio Jesus aos Apóstolos: "O Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os Anjos: e então dará a cada um a paga segundo as suas obras". Disseram-no também os Anjos aos Apóstolos depois da Ascensão de Jesus. Perguntareis: Quando será o fim do mundo? Apesar de interrogado pelos Apóstolos quando seria o fim do mundo, Jesus nada quis dizer sobre este ponto; crede só que o mundo deixará de existir do modo como existe agora, mas sem ser aniquilado. Isto deveis crê-lo. Com respeito a quando isso acontecerá e a que virá a ser do mundo, não acrediteis em tantas coisas que se

dizem. Jesus não o quis dizer aos Apóstolos e, portanto, podeis estar cientes de que tudo quando se diz a este respeito ou não é verdadeiro, ou não é certo.

Quando Jesus veio pela primeira vez ao mundo, veio para nos salvar, e por isso, nos deu a sua doutrina, os seus Sacramentos, e a sua Igreja. Depois da ressurreição, demorou-se na Terra para confirmar na fé os seus Apóstolos. No fim do mundo há de tornar a vir visivelmente para julgar, etc. Ele permite que, durante a vida, façamos ou desprezemos o que nos ensinou e ordenou. Porém naquele dia pedir-nos-á contas publicamente; julgar-nos-á. Haveis de ter alguma vez ouvido falar de juízos. E um indivíduo julgado, quando culpado ou tido como tal, é conduzido ao tribunal e aí examinado sobre o que praticou, a fim de se saber se é réu ou inocente da culpa que se lhe atribui. Assim, seremos todos nós julgados no fim do mundo; isto é, será examinado a nossa vida com as obras e, deste modo, se demonstrará ou a nossa inocência, ou a nossa culpa: "Todos compareceremos ante o tribunal de Cristo... Cada um de nós dará conta a Deus de si mesmo".

O Catecismo, ensinando-nos que Nosso Senhor Jesus Cristo há de vir a julgar a todos, os vivos e os mortos, explica-nos, também, que por mortos se entendem aqui os maus. Disse S. Pedro: "(Jesus) nos mandou pregar ao povo, e dar testemunho de que ele por Deus foi constituído juiz de vivos e mortos". Para o Juízo Universal, todos os homens ressuscitarão e assistirão a ele em corpo e alma.

Prática

Ninguém se poderá subtrair ao juízo divino; todos hão de comparecer ali; compareceremos nós também, também seremos julgados. Seremos então do número dos vivos ou dos mortos? Nas prédicas também ouvis dizer algumas vezes que os maus não são vivos, mas mortos. Estão vivos para a vida corporal, mas estão mortos para a espiritual, isto é, para a graça, que é a vida verdadeira da alma. Procurai estar sempre vivos para a vida sobrenatural, para a vida da graça, bem mais preciosa que a corporal, para serdes depois, no juízo, do número dos vivos.

Exemplos

A parábola da boa semente

Um homem semeou boa semente no seu campo; e enquanto dormiam os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e foi-se. E tendo crescido a erva, e dado fruto, aparece também então o joio. E, chegando os servos do pai de família, disseram-lhe: Senhor, porventura não semeaste tu boa semente no campo? Pois donde lhe veio o joio? E ele lhes disse: O inimigo é que fez isto. E os servidores lhe tornaram: Queres tu que vamos e o arranquemos? E respondeu-lhes: Não, para

que não suceda que, arrancando o joio, arranqueis juntamente com ele também trigo. Deixai crescer uma e outra coisa até a ceifa, e no tempo da ceifa direi aos segadores: Colhei primeiramente o joio, e atai-o em molhos para o queimar, mas o trigo recolhei-o no meu celeiro".

Os Apóstolos não compreenderam a parábola, e, despedidas as turbas, "chegaram-se a ele, dizendo: Explica-nos a parábola do joio no campo. Ele lhes respondeu, dizendo: O que semeia a boa semente é o Filho do homem, e o campo é o mundo. A boa semente, porém, são os filhos do reino, e o joio são os maus filhos; e o inimigo que a semeou é o diabo, e o tempo da ceifa é o fim do mundo; e os segadores são os anjos. De maneira que, assim como é colhido o joio e queimado no fogo, assim acontecerá no fim do mundo. Enviará o Filho do homem os seus anjos, e tirarão do seu reino todos os escandalosos, e os que obram a iniquidade. E lançá-los-á na fornalha de fogo. Ali haverá choro e ranger de dentes. Então resplandecerão os justos, como o Sol, no reino de seu Pai" (*São Mateus 13, 24-30; 36-43).*

Triunfo do Nome de Jesus. Afresco de Giovanni Battista. Roma.

Amizade com Deus

O tópico "Amizade com Deus" é para que possamos crescer na intimidade com Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas como faremos para crescer nesta intimidade com Nosso Senhor, quer dizer, nesta amizade com Deus? Respondemos: Contamos com a ajuda da graça, capaz de criar em nós um coração novo e em perfeita sintonia com o de Cristo, que nunca quis o que não fosse vontade de seu Pai. E, para que essa graça produza em nós frutos copiosos de conversão e sujeição à dulcíssima vontade de Deus, **precisamos ser solícitos em nossa vida de oração**, **porque é em oração que o Senhor nos fala mais particularmente e nos vai remodelando à imagem e semelhança de seu Filho,** a fim de que com Ele possamos dizer: "Eis que eu venho [...]: fazer vossa vontade, meu Deus, é o que me agrada, porque vossa Lei está no íntimo de meu coração" (Sl 39, 9-10). Devemos, portanto, rezar sem cessar, conforme o mandamento do Senhor, pois a oração é uma necessidade tão vital ao homem que Santo Afonso Maria de Ligório, resumindo-a numa fórmula expressiva, pôde dizer: "Quem reza se salva; quem não reza se condena".

No Evangelho da Transfiguração, os discípulos de Jesus são levados "a um lugar à parte, sobre uma alta montanha", a fim de se encontrarem com Deus, por meio da oração.

Santa Teresa de Jesus diz:

"Não é outra coisa a oração mental senão tratar de amizade, estando muitas vezes tratando a sós com quem sabemos que nos ama".[1]

Então, a oração implica amizade com Deus. E essa amizade brota do relacionamento intratrinitário, da amizade que o Pai tem pelo Filho, expressa nas palavras: "Este é o meu Filho amado, no qual eu pus todo o meu agrado". Para que também nós entremos nessa amizade e nos transfiguremos, por assim dizer, junto com Jesus, devemos atender ao apelo do Pai, que diz: "Escutai-o!". **Da oração brota, então, um ato efetivo de amor a Deus: determinamo-nos a transformar a nossa vontade na vontade de Deus, como o próprio Jesus indica em outra passagem: "Vós sois meus amigos, se fazeis o que vos mando"** (Jo 15, 14).

Mas Jesus também quer que o nosso amor a Deus se desdobre no amor ao próximo: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos" (Jo 15, 13). Jesus leva-nos para o monte, mas não para que fiquemos aí, isolados em tendas, como sugeriu São Pedro; mas, ao contrário, para que, descendo o monte, entreguemos nossa vida por Ele e pelos outros. Então, a oração, que é amizade com Deus, desabrocha, concretamente, na prática da caridade.

---

[1] Livro da Vida, cap. 8, 5.

Ainda sobre a oração, Santa Teresa dá-nos algumas indicações preciosas:

"[O iniciante] pode fazer muito para se determinar a servir bastante a Deus e despertar o amor. A pessoa pode imaginar que está diante de Cristo e acostumar-se a enamorar-se da Sua Sagrada Humanidade, tendo-O sempre consigo, falando com Ele, pedindo-lhe auxílio em suas necessidades, queixando-se dos seus sofrimentos, alegrando-se com Ele em seus contentamentos e nunca esquecendo-se Dele por nenhum motivo, e sem procurar orações prontas, preferindo palavras que exprimam seus desejos e necessidades. É excelente maneira de progredir, e com rapidez. E adianto que quem trabalhar para ter consigo essa preciosa companhia, aproveitando muito dela e adquirindo um verdadeiro amor por esse Senhor a quem tanto devemos, terá grande benefício. 3. Para isso, não façamos caso de não ter devoção sensível — como eu disse —, mas agradeçamos ao Senhor, que nos permite estar desejosos de contentá-Lo, embora as nossas obras sejam fracas. Esse modo de trazer Cristo conosco é útil em todos os estados, sendo um meio seguríssimo para tirar proveito do primeiro e breve chegar ao segundo grau de oração, bem como, nos últimos graus, para ficarmos livres dos perigos que o demônio pode pôr. Quem quiser passar daqui e levantar o espírito a sentir gostos, que não lhe são dados, perde, a meu ver, tudo".[2]

A oração não consiste em "sentir gostos", mas em determinar-se no amor. Precisamos cultivar a verdadeira oração, "que não é outra coisa (...) senão tratar de amizade (...) com quem sabemos que nos ama".

Portanto, todas as reflexões que serão feitas ao longo do ano só trarão frutos aos estudantes se estes as meditarem, e as meditarem em oração. O trecho da página seguinte, retirado da Imitação de Cristo, resume bem o que queremos expressar:

[2] Livro da Vida, cap. 12: 2 – 3.

Da conversação interior de Cristo com a alma fiel

Diz a Alma Fiel: Ouvirei o que em mim disser o Senhor meu Deus (Sl 84, 9).

Bem-aventurada a alma que ouve o Senhor falar-lhe interiormente e de seus lábios recebe palavras de consolação.

Bem-aventurados os ouvidos atentos ao sopro das divinas inspirações e surdos aos rumores do mundo.

Mil vezes bem-aventurados os ouvidos que escutam, não as vozes de fora, mas os ensinamentos internos da Verdade.

Bem-aventurados os olhos, que, cerrados às coisas externas, estão abertos às interiores.

Bem-aventurados os que penetram os mistérios da alma e, por meio dos exercícios de cada dia, mais e mais se preparam para entender os segredos celestiais.

Bem-aventurados os que suspiram por entregar-se a Deus e se desembaraçam de todos os impedimentos do mundo.

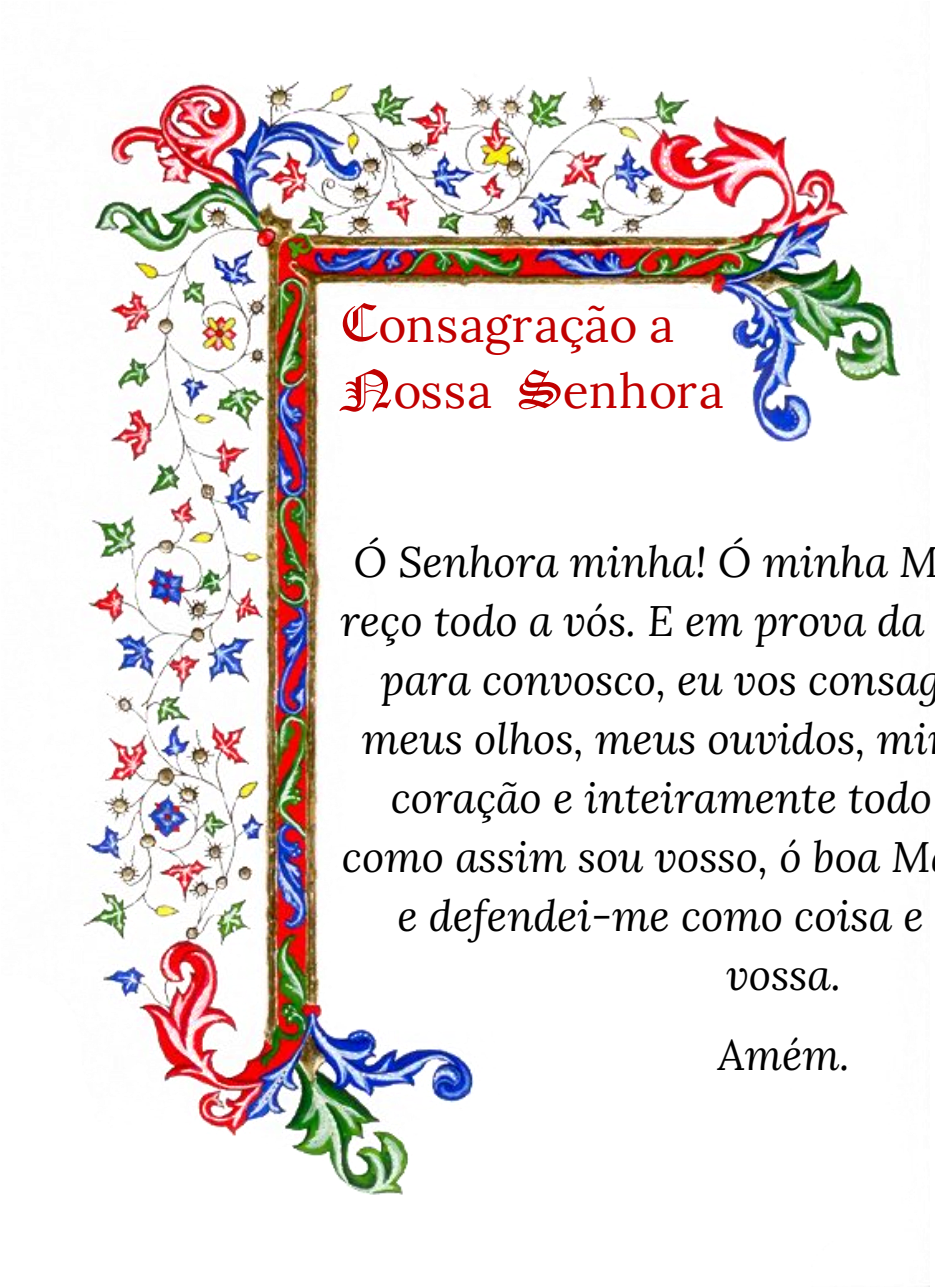
Medita, ó alma, estas coisas, e fecha as portas dos teus sentidos a fim de poderes ouvir o que te disser o Senhor teu Deus.

Portanto, para essa oração meditativa, para esta conversação interior com Cristo, sugerimos que se sigam os passos propostos por Santo Afonso Maria de Ligório e que se encontram nas páginas seguintes.

Recomendamos que o estudante, ou mesmo seus responsáveis, identifique qual é o melhor horário do dia para fazer esta oração meditativa, cuja base de reflexão serão os textos aqui escritos. Lembre-se de que, apesar de o tópico "Amizade com Deus" conter um texto para ser lido em um dia, ele deverá ser meditado ao longo de toda a semana, escolhendo o aluno ora uma frase ora outra para meditar a cada dia.[3]

Por fim, faça a consagração à Virgem Maria, que se encontra a seguir, pedindo-lhe a graça de ser perseverante e paciente neste caminho que empreenderá:

[3] É claro que cada um poderá escolher as obras e os textos, além do que está aqui contido, para sua meditação pessoal.



Consagração a Nossa Senhora

Ó Senhora minha! Ó minha Mãe! Eu me ofereço todo a vós. E em prova da minha devoção para convosco, eu vos consagro, neste dia, meus olhos, meus ouvidos, minha boca, meu coração e inteiramente todo o meu ser. E como assim sou vosso, ó boa Mãe, guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade vossa.

Amém.

A Oração Meditativa, segundo Santo Afonso Maria de Ligório

A oração tem sido sempre as delícias das almas fervorosas. Estas delícias, querido leitor, o Sagrado Coração vos convida hoje a saborear. Mais aparentes do que reais são as dificuldades deste santo exercício. "Fazer oração mental ou meditação", diz Monsenhor Dechamps, "é pensar nas verdades da fé, para se excitar no amor divino e na prática das virtudes, cuja graça será obtida pela oração." A meditação chama-se *oração mental*, pois a oração ou súplica é a parte principal da meditação. Assim, fazer oração mental é pensar nas verdades da fé, por exemplo, na morte, no juízo, no céu, no inferno, na eternidade, em Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho único de Deus, que desceu do céu, fez-se Homem por nosso amor no seio da bem-aventurada Virgem Maria, padeceu e morreu na cruz para nos alcançar o perdão de nossos

pecados. Quando o cristão pensa numa das grandes verdades que a santa fé ensina, e pensa para se excitar a evitar o pecado, imitar a Jesus Cristo e empregar para isto os meios que ele nos deixou, principalmente a oração e os sacramentos, que são os canais da graça, então faz meditação ou oração mental.

Bem vedes que muitos cristãos que nunca ouviram talvez pronunciar estas palavras fazem contudo a oração, visto como pensam algumas vezes nas verdades da salvação: por exemplo, quando depois de ouvirem o sermão do domingo, pedem a Deus perdão dos pecados, tomam a resolução de confessar-se e lhe rogam a graça de vida melhor. Faz também oração mental aquele que se prepara para uma boa confissão, porque então, depois de ter orado e reconhecido suas faltas, excita-se à contrição pensando no inferno que mereceu, no céu e na graça de Deus que perdeu, em Jesus Cristo a quem nossos pecados fizeram chorar, padecer e morrer. Ainda faz oração mental quem, depois de ter lido em algum bom livro, se detém um pouco considerando um ponto que lhe diz respeito e mais o comove, e depois ora a Deus, a Jesus, a Maria, aos santos anjos, ou aos santos padroeiros, a fim de conseguir uma graça que deseja, ou cumprir uma coisa que Deus exige dele. Em viagem e até no trabalho pode uma pessoa fazer oração mental, pois ainda então pode pensar nas verdades da salvação, e dirigir-se a Deus em súplicas. Não se creia, pois, que este exercício, por difícil, seja raro. Não, quando se toma a peito o negócio da salvação eterna, nele se pensa todos os dias com tão boa vontade como os negociantes no seu comércio; e tão impossível é que nos saiamos bem no negócio de nossa salvação sem nele pensarmos e nos resolvermos a empregar os meios necessários como o é ao negociante prosperar sem pensar nos meios de adquirir fortuna. *O mundo está cheio de pecados e o inferno de réprobos*, afirma Santo Afonso, *porque não se medita nas verdades eternas*.

Portanto, alma cristã, nada mais fácil que fazer oração mental. Santo Afonso torna sua prática extremamente simples, clara, fácil e não menos frutuosa; graças ao método que ele ensina, este exercício indispensável a quem quer santificar-se é posto com toda verdade ao alcance de todos: também seu desejo é que todos aprendam a meditar. Eis aqui o método de fazer a oração mental segundo o santo doutor:

A oração mental contém três partes: a preparação, a meditação e a conclusão.

I. Na Preparação fazem-se três atos:

1. Ato de Fé na presença de Deus:

Meu Deus, eu creio que estais aqui presente e vos adoro.

2. Ato de humildade.

Eu deveria estar a esta hora no Inferno; Senhor,
eu me arrependo de vos ter ofendido.

3. Ato de petição de luzes.

Eterno Pai, por amor de Jesus e Maria, esclarecei-me
nesta meditação, para que tire proveito dela.

Uma Ave-Maria à Mãe de Deus, e um Glória ao Pai a S. José, ao Anjo Custódio e ao nosso Santo protetor. Estes atos devem ser feitos com atenção, mas brevemente; depois faz-se a meditação.

II. Para a Meditação sirvamo-nos sempre de um livro, ao menos no começo, parando nas passagens que mais impressão nos fazem. S. Francisco de Sales diz que devemos imitar as abelhas, que se demoram numa flor enquanto acham mel, e voam depois para outra.

Cumpre, além disso, saber que os frutos da meditação são três: afetos, súplicas e resoluções; nisto é que consiste o proveito da oração mental. Assim, depois de haverdes meditado uma verdade eterna, e ter Deus falado a vosso coração, é mister que faleis a Deus:

1º. Pelos afetos, isto é, pelos atos de fé, agradecimento, humildade, esperança; mas repeti de preferência os atos de amor e contrição. Conforme Santo Tomás, todo ato de amor nos merece a graça de Deus e o Paraíso. O mesmo se deve dizer do ato de contrição. Eis aqui exemplos de atos de amor:

— Meu Deus, eu vos amo sobre todas as coisas.

— Eu vos amo de todo o meu coração.

— Quero fazer em tudo vossa vontade.

Para o ato de contrição basta dizer:

Bondade infinita, pesa-me o vos ter ofendido.

2º. É necessário também falar a Deus pelas súplicas, pedindo-lhe as luzes de que precisamos, a humildade ou outra virtude, uma boa morte, a salvação eterna, mas principalmente seu amor e a santa perseverança. E, se nossa alma está em grande aridez, basta repetirmos:

— Meu Deus, socorrei-me.

— Senhor, tende compaixão de mim.

— Meu Jesus, misericórdia!

3º. É mister enfim falar a Deus pelas resoluções: antes de terminar-se a oração, cumpre tomar alguma resolução particular: por exemplo, fugir de tal ocasião, sofrer o que parece nos molestar em tal pessoa, corrigir-se de tal defeito, etc.

III. Enfim a Conclusão compõe-se de três atos:

1º. Meu Deus, eu vos agradeço as luzes que me destes.

2º. Proponho observar as resoluções que tomei.

3º. Peço-vos, por amor de Jesus e Maria, a graça de pô-las em prática.

Termina-se a oração por um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, para recomendar a Deus as almas do Purgatório, os prelados da Igreja, os pecadores, parentes e amigos.

S. Francisco de Sales aconselha notar algum pensamento que mais impressão nos faz na oração, para o recordarmos de tempos a tempos durante o dia.

Além da oração, diz Santo Afonso, é utilíssimo fazer também, cada dia, uma Leitura Espiritual por espaço de meia hora, ou ao menos de um quarto de hora, em algum livro que trate da vida dos Santos, ou das virtudes cristãs.

Quantos há que foram convertidos e se tornaram grandes santos por terem lido um livro de piedade! Aí estão S. João Colombini, Santo Inácio de Loyola, e muitos outros.

Quando o cristão pensa numa das grandes verdades que a santa fé ensina, e pensa para se excitar a evitar o pecado, imitar a Jesus Cristo e empregar para isto os meios que ele nos deixou, principalmente a oração e os sacramentos, que são os canais da graça, então faz meditação ou oração mental.

Os textos que iremos propor ao longo deste ano foram retirados da excelente obra *A Piedade*, do Pe. Guilbert. A obra é um verdadeiro primor, e, se nos aplicarmos em viver tudo o que ali nos recomenda seu pio autor, certamente alcançaremos de Deus muitas graças.

Prefácio

Não ignora o autor quão é perigoso escrever um tratado da piedade, e quão pouco são estimadas as obras desta natureza.

Entretanto escreverá, persuadido de que fará coisa útil, e talvez necessária.

Propõe-se a inspirar a estima da piedade não só às pessoas piedosas que a ela se dão, mas também àquelas que a menosprezam como coisa mesquinha, que a blasfemam como prática degradante. É com este fim que estuda a natureza, expõe os efeitos e determina o uso da piedade.

Nada mais nobre do que a piedade, porquanto desperta e aplica a atividade da alma à vida mais alta, pura e fecunda, à vida mesmo de Deus.

Nada mais útil do que a piedade, pois que, pelo íntimo contato que produz com Deus e pelo esforço constante que impõe ao homem sobre si mesmo, ela purifica os sentidos, ilumina o espirito, fortifica a vontade, enche o coração de alegria, atiça na alma a chama apostólica.

A piedade, porém, só guarda sua dignidade e produz todos os seus frutos quando é guiada pelo espírito de sabedoria. Já não seria o que é, deformaria as almas e as tornaria objeto de repulsão se degenerasse em formalismo supersticioso e estéril.

A piedade deve responder aos ataques de que é objeto pela elevação de caráter e riqueza de virtudes que comunica às almas, que dela vivem.

No dia em que as pessoas piedosas tiverem mais prudência, reserva exterior, compaixão, desinteresse, espírito de sacrifício do que as outras, como devem ter, nesse dia a piedade e a própria religião já não precisarão de apologistas: a mesma vida dessas almas será sua melhor defesa.

Se quiserem as pessoas piedosas entrar no espírito exposto neste livrinho, espera o autor que sua vida religiosa lhe correrá cheia de consolações, e que por seus exemplos também se darão à piedade numerosas almas que, sendo no fundo religiosas, não ousam aventurar-se numa vereda em que receiam encontrar amargas decepções.

Possam estas páginas dar a muitas almas o gosto de Deus. Do gosto de Deus nascerá espontaneamente o gosto do bem.

LIÇÃO 7

Credo: Igreja Católica

Meditação: A piedade é uma vida interior

Doutrina Sagrada

12. O que é a Igreja?

A Igreja é a sociedade dos verdadeiros cristãos, isto é, dos batizados, que professam a fé e a doutrina de Jesus Cristo; participam dos seus Sacramentos e obedecem aos pastores constituídos por Ele.

A Igreja Militante, Padecente e Triunfante, afresco de Andrea da Firenze

Explicação

Sob o nome de Igreja podem-se entender duas coisas: a igreja material (o templo), ou a sociedade dos verdadeiros cristãos. Assim, por exemplo, quando dizeis asilo infantil, podeis entender o lugar onde os meninos são lá educados. Dizendo Igreja, neste capítulo, não falamos nunca da Igreja material, mas sempre da sociedade dos verdadeiros cristãos. Por que se diz dos verdadeiros cristãos? Não são todos verdadeiros cristãos aqueles que receberam o batismo? Não; assim como nem todos os cidadãos são verdadeiros cidadãos (e não o são os traidores, os que renegam a pátria ou se revoltam contra ela), assim também nem todos os batizados são verdadeiros cristãos, somente os que, sendo batizados:

1. Professam a fé e doutrina de Jesus Cristo. Isto quer dizer:

A) Crer em geral todas as verdades, que Jesus Cristo nos ensina por meio da Igreja, e em particular as que se devem crer com ato de fé explícita.

B) Confessar explicitamente a fé ainda mesmo à custa da vida, quando for necessário, por exemplo, quando para fim religioso se é interrogado pela autoridade pública sobre a fé, quando o silêncio fosse ocasião de escândalo, ou significasse negação, negação, desprezo ou vergonha de fé. Milhares de cristãos sacrificaram generosamente a vida no meio de indivisíveis sofrimentos, para não negar a fé, fiéis ao dever de confessá-la explicitamente.

C) Finalmente deve-se professar a doutrina de Jesus Cristo, isto é, viver em conformidade com os ditames da fé, praticando as suas obras e observando os Mandamentos de Deus e da Igreja. Os hereges, que negam tudo ou parte do que Jesus Cristo ensinou, já não pertencem à Igreja, embora tenham sido batizados. Um cristão que renega a fé de Jesus Cristo deixa de pertencer à Igreja.

2. Participam dos seus Sacramentos, isto é, dos Sacramentos que Jesus Cristo instituiu para santificar as nossas almas. Por conseguinte, os que dizem professar a fé de Jesus Cristo, e depois negam um ou outro dos Sacramentos, não pertencem também à Igreja; apartaram-se dela. Em suma, embora por palavras digam confessar a fé de Jesus Cristo, renegam-na de fato, negando ainda mesmo que seja um só Sacramento por Ele instituído.

3. Obedecem aos Pastores Constituídos por Ele. Toda sociedade tem os seus superiores e um chefe supremo. Jesus Cristo, como veremos, instituiu a Igreja e estabeleceu nela os Pastores, cujo chefe é o Sumo Pontífice. Este representa Jesus Cristo na terra, faz as suas vezes, e, por isso, rege e governa a Igreja em nome d'Ele. O verdadeiro chefe da Igreja é Jesus Cristo, mas Ele só no céu é que está visivelmente; na terra, na Eucaristia, encontra-se de modo invisível. Nem do céu, nem da Eucaristia Ele ensina, rege ou governa a Igreja: rege-a a governa-a por meio do Papa, que

constituiu seu Vigário, seu representante na terra. Os outros Pastores instituídos por Jesus Cristo são os Bispos, que, em comunhão com o Papa, regem e governam a Diocese que lhes foi designada. Os que não obedecem ao Papa e ao respectivo Bispo não são verdadeiros cristãos.

Prática

Rezemos pelo Papa e por todos os clérigos, para que correspondam à graça e cumpram os desígnios de Deus.

Exemplos

O reino e o templo, imagem da Igreja.

A Santa Igreja é um reino espiritual semelhante aos reinos temporais. Em um reino há o governo e o povo, e semelhantemente na Igreja há o clero que governa, e os fiéis que são governados. Num reino há o rei, os governadores civis, os administradores dos conselhos, com os seus subalternos que os ajudam; assim também na Igreja há o Papa, chefe da Igreja, o pastor universal; os bispos, pastores das dioceses; e os párocos, pastores da paróquias. Estes pastores de almas governam os fiéis em nome de Jesus Cristo, Príncipe dos pastores e Chefe invisível da Igreja.

Para compreender mais claramente o que é a Santa Igreja, olhai para esta igreja material. Diferem nela duas coisas: o edifício e tudo que nele está contido. Na Santa Igreja, que Jesus Cristo fundou sobre São Pedro, distinguem-se igualmente o edifício e tudo quanto o Senhor colocou nele, como depósito e instituição inviolável. O edifício, composto de alicerces, paredes, colunas, e de abóbada, que remata todo o conjunto, é feito de pedras inanimadas; a Santa Igreja é constituída de pedras vivas, que são os fiéis que dela fazem parte.

Nesta igreja, feita por homens, vedes um altar e uma mesa para a comunhão, um púlpito para pregar, a pia batismal, os confessionários e as santas cerimônias celebradas pelos sacerdotes; todas estas coisas mostram-vos a Igreja de Jesus Cristo, ou seja, a palavra de Deus e os Sacramentos, pelos quais alcançamos a salvação. A cátedra de verdade representa a doutrina da verdadeira fé e a palavra de Deus; o altar, o sacrifício e o sacerdócio; a balaustrada, mesa da comunhão, é complemento da mesa do altar; a pia batismal, os confessionários, os vasos que encerram os santos Óleos indicam os Sacramentos do Batismo, da Penitência, da Extrema Unção; enfim, a igreja recorda-nos ainda o Sacramento da Confirmação e do Matrimônio, que os fiéis ali vêm receber.

The Church of St. PETER at ROME.
L'Eglise de St. PIERRE a ROME.
London Printed for Robt Sayer Map and Printseller at the Golden Buck near Serjeants Inn Fleet Street.

Sou cristão

Santa Águeda, Virgem, era uma donzela ornada dos mais belos dotes e pertencente a uma das mais ilustres e nobres famílias da Sicília. Apenas conheceu a fé cristã, abraçou-a e professou-a com fervor, preferindo-a a todas as fortunas da terra. Durante a perseguição de Décio foi denunciada como cristã e conduzida ao tribunal pelo pretor Quinciano, onde lhe perguntaram: És tu Águeda, a nobre? Sim, respondeu, sou Águeda nobre, mas nobre porque sou cristã.

Já entre os mártires de Lyon, que no ano 177, durante a perseguição de Marco Aurélio, morreram pela fé nas Gálias (França), encontrava-se um diácono de nome Santo. Conduzido perante o Governador, às várias perguntas que este lhe fez nunca deu outra resposta senão está: Sou cristão. Qual é o teu nome? Perguntou-lhe o juizo. Santo respondeu: Sou cristão. Qual a tua pátria? Sou cristão. Qual a tua condição? És nobre ou escravo? Sou cristão. Ao Santo bastava o título de cristão: o resto pouco lhe importava.

Sonho de Nabucodonosor

Os Impérios que precederam a Igreja. O Profeta Daniel cerca de quinhentos anos antes da fundação da Igreja contemplou-a sob a figura de um Império que se levanta sobre as ruínas de outros Impérios e que será eterno. Nabucodonosor teve um sonho que o aterrou e que depois lhe fugiu da memória. Os adivinhos não foram capazes de o recordar e de lhe explicar. Foi-lhe então indicado Daniel, um dos judeus cativos em Babilônia. Daniel, depois de muitas súplicas dirigidas a Deus, disse a Nabucodonosor: "O segredo que o Rei pergunta, não o podem revelar o rei nem os letrados, nem os adivinhos. Mas há no céu um Deus que revela os mistérios e Ele é que te anunciou a ti, ó rei Nabucodonosor as coisas que hão de acontecer nos últimos tempos. Tu, ó rei, tiveste uma visão; vias uma grande estátua: terrível era o seu aspecto. A cabeça dessa estátua era de ouro finíssimo; o peito e os braços de prata; o ventre e as coxas de bronze; as pernas de ferro; quanto aos pés uma parte era de ferro e a outra de barro. E eis que se desprendeu do monte uma pedra, bateu nos pés da estátua e despedaçou-a.

Então despedaçaram-se igualmente o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro e reduziram-se a pó. Mas a pedra converteu-se numa grande montanha e encheu toda a terra. Este era o sonho. E a interpretação é esta: Tu és o rei dos reis, e o Deus do céu deu-te um reino, fortaleza, império e glória; tu és, portanto, a cabeça de ouro. Outro reino surgirá depois de ti, menor que tu, que será de prata; e um terceiro reino de bronze que dominará toda a terra. E o quarto reino será como de ferro. Como o ferro subjuga todas as coisas, assim esse reino esmagará e despedaçará todas estas coisas. Mas depois do tempo desses reinos o Deus do céu fará surgir um reino que nunca

será destruído: e o seu reino não passará a outra nação mas despedaçará e destruirá todos esses reinos: e ele durará eternamente" (Daniel).

Este império universal, que há de durar sempre é a Igreja de Jesus Cristo.

Amizade com Deus

A piedade é uma vida interior

De todas as formas da vida, é a piedade aquela cuja atividade se manifesta mais no interior. É interior, não só por seu princípio, mas também por seus efeitos porquanto, como adiante diremos; tem ela por fim a transfiguração das próprias faculdades da alma. Quer consideremos as potências que a piedade dirige para Deus, quer o lugar donde se opera o encontro de Deus e do homem, a piedade nos aparece como vida toda interior.

Com efeito, onde reside a piedade? Bem sabemos que não está nem nos joelhos que se dobram, nem nas mãos que se cruzam, nem nos braços estendidos, nem nos olhos que se viram para o céu, nem na inclinação da cabeça, nem nos lábios que proferem palavras sonoras, se bem que os sinais exteriores sejam preciosos auxiliares quer para expressar, quer para excitar a piedade. É a alma mesma a que ela agita e move até no fundo; sua atividade se exerce até nas mais íntimas dobras da alma.

O espírito concentra toda a sua atenção e fixa em Deus o duplo olhar da ciência e da fé a fim de ser alumiado por suas luzes e seduzido por suas grandezas. A imaginação vem em auxílio da inteligência e lhe empresta o socorro das representações simbólicas tiradas do que possui a natureza de mais majestoso e belo. O coração conquistado é então arrastado ao amor, ao arrependimento, à oração, a todos os sentimentos que as lembranças do passado ou as apreensões do futuro podem despertar; estas disposições do coração, que são a gratidão ou a contrição, a plena adesão de todo o ser a Deus, a súplica, a confiança, constituem a medula da piedade. A vontade, finalmente, colhe neste comércio íntimo as energias que lhe dão decisão e ardor; assim como vemos, sob a ação do calor, nossas poderosas máquinas acumularem tesouros de energia, que se transformará em trabalho, assim, à medida que a piedade abrasa de amor o coração, a vontade se enriquece de uma energia cuja manifestação será a prática das virtudes cristãs.

Sendo estes os atos que caracterizam a piedade, não temos direito de dizer que ela é uma vida interior?

Não menos o é pelo lugar em que ela alcança seu objeto, que é Deus. O Deus que procurais, ó cristãos piedosos, não está no termo de longas romarias, nem na palavra dos afamados pregadores que ides ouvir, nem nas vozes tocantes dos órgãos ou dos cantores, nem mesmo nesses livros que d'Ele vos falam com a mais sincera emoção.

Todas estas influências externas vos ajudarão, sim, a encontrá-Lo, não porque O contém, mas porque vos chamam para onde menos vos achais e onde ele sempre

vos espera, no meio do vosso próprio coração. Já experimentastes que o culto religioso vos leva a Deus, porque vos chama ao centro mesmo de vossa alma e de Deus. Neste santuário se consumará a inefável união, fim da piedade.

Sendo uma atividade interior, a piedade existe em proporção desta atividade. Se, pois, tendes uma vida de união com Deus, é verdadeira vossa piedade; pode passar por vários degraus, mas existe. Se, pelo contrário, não tendes esta vida interior, se nos mais santos exercícios nada vos comove, não sois piedosos; vosso exterior vos dá aparências de piedade, mas não colhereis seus frutos.

Guardai-vos, contudo, de crer que a piedade exija ininterrupta tensão de espírito e do coração; ainda que seja sobrenatural, é também humana. Concilia-se com as inevitáveis distrações do espírito, com a obsessão dos estudos e dos negócios, com a aridez e desgosto oriundo do hábito. As mesmas almas simples, que têm limitada atividade interior, são sujeitas a estas dificuldades.

A perfeição da piedade, decerto, consistiria em que a alma estivesse constantemente atenta a Deus e para Ele se atirasse em impetuosos transportes. A este ideal, aliás inacessível à nossa fraqueza nesta terra, cada um de nós deve tender segundo a graça que recebeu.

Não vos admireis das distrações que parecem suspender vossa atividade interior: são resultado fatal de nossa fragilidade nativa. Não vos entristeçais por isso, ao menos quando não são voluntárias; porque assim como os pássaros, em seu voo, não batem sempre as asas, mas se deixam docemente levar pela força adquirida em vigorosos esforços, assim a alma tem alternativas de esforço e de repouso e mesmo nas fases de repouso não deixam de avançar em virtude do impulso dado. Cessando a atenção só por fraqueza, não cessa a vida da piedade. Contudo, é dever nosso prevenir, quanto possível, e combater as distrações a fim de que não se apoderem da alma gerando nela finalmente a preguiça espiritual.

É de recear, particularmente nos que são dados ao estudo ou aos negócios, que uma vida estranha à piedade invada sua alma por completo, e absorva todas as suas atividades. Por isso é que, em tantas pessoas, o estudo prejudica a piedade, não de ordinário pelas perigosas ideias que lhes insinua, mas pelo lugar que progressivamente ocupa em detrimento da piedade.

Todas as pessoas sobrecarregadas de obras e negócios são expostas aos mesmos enfraquecimentos da piedade. Dois meios há para, nestes casos, conservar-se intacta a vida religiosa. Consiste o primeiro em tratar com Deus, na oração, de nossos mesmos estudos, negócios e empreendimentos; assim a piedade penetrará a alma inteira e santificará tanto quanto nos preocupa. O segundo consiste em renovar de tempos a tempos o pensamento de Deus em nossa alma, oferecer-lhe, como um sacrifício e uma oração, as atividades que despendemos em nossos deveres de estado. Com efeito, trabalhar é orar.

Se formos provados pela aridez, pela frieza, pelo enfado, tornando-se a nós penoso o íntimo comércio com Deus, não devemos nos desanimar, nem nos assustar, nem abandonar os exercícios de piedade. Não nos espante o enfraquecimento da nossa atividade interior: este mal, todo material, passará com algum tempo de descanso. Pode acontecer que o repisar sempre as mesmas ideias e sentimentos tire o dom de nos comover: bastará muitas vezes mudar nossas leituras ou métodos para se reanimar em nós a vida. O enfado na piedade não é perigoso pelo sofrimento que causa, mas pela negligência a que expõe. Importa, pois, que então, sem amargura, com o coração suavemente entregue a Deus, continuemos fiéis às nossas relações. A vida interior não acaba, está sem chama como o fogo sob as cinzas.

Parece que, entre os homens simples, não pode haver piedade por lhes faltar quase toda a vida interior. Desenganai-vos: há almas incultas e ingênuas em que a piedade atinge grau elevadíssimo. Não possuem as ideias e os sentimentos complexos das almas instruídas, mas a sua mesma ignorância das coisas terrestres lhes permite fixar em Deus e nos mistérios de Cristo um espírito e um coração livres de qualquer preocupação, e nesta contemplação permanecem menos instáveis, menos perturbados, mais consoladas e fiéis. Era uma alma simples, mas de grande atividade interior, esse homem a quem o Cura d'Ars interrogava um dia a respeito das longas horas que passava na igreja diante do Santíssimo Sacramento, e que respondeu falando de Jesus presente no sacrário: "Eu O contemplo, e Ele me contempla!"

Língua Portuguesa

Apresentação

Esta disciplina tem por objetivo proporcionar ao estudante a aquisição efetiva da língua portuguesa, de maneira que ele possa exprimir-se corretamente; comunicar-lhe o gosto pela leitura de bons escritores; ministrar-lhe apreciável parte do cabedal indispensável à formação do seu espírito e do seu caráter.

Para tanto, o estudo da Gramática é o princípio para todos os outros âmbitos que serão estudados, uma vez que esta arte é, antes de tudo, a arte da escrita, organizada de modo a normatizar a fala.

Dessa forma, a leitura dos grandes escritores, quando bem escolhida e orientada, oferece um manancial de ideias que fecundam e disciplinam a inteligência: concorrem para acentuar e elevar o espírito do estudante e formar seu caráter, além de incliná-lo às virtudes, à devoção, ao amor à Pátria e, especialmente, a Deus.

Leão XIII afirmava que entre os meios de defesa da religião nenhum havia mais eficaz do que a imprensa. Além disso, um dos meios proveitosos, e sem contestação, é a propaganda da leitura sã. Para tanto, atentos ao que se passará pelas janelas da alma de cada aluno (os olhos), dispusemos leituras diversificadas e cuidadosamente selecionadas, que de nenhum modo ferem a moral, a beleza e os bons costumes.

Com a graça de Deus, os frutos serão abundantes e todo esforço valerá a pena!

Para auxiliar este aprendizado, nesta introdução são propostas dicas para melhor organização e aplicação da disciplina. Para iniciar o trabalho, leia atentamente cada tópico.

Observação: as considerações simbolizadas pelo ícone ⚠ estão presentes apenas para orientação do responsável.

Como se organiza o material de Língua Portuguesa?

Para alcançarmos os fins almejados, a partir dos princípios desta disciplina, dispomos este material didático em diferentes seções, para que os objetivos de cada uma, ainda que complementares e indissolúveis, sejam facilmente observados.

Gramática

Seção essencialmente dedicada ao estudo de conceitos e regras gramaticais, principalmente a partir da exposição de conteúdos e exemplos; verificação de conteúdos por meio de exercícios; revisões; memorizações; resumos e avaliações bimestrais.

O objetivo desta seção é a formação, principalmente, para o bom entendimento e boa compreensão na comunicação, na fala, na leitura, na elaboração textual; é conseguir expressar-se sem vícios de linguagem, isto é, expressar-se corretamente a partir da norma culta-padrão da Língua Portuguesa. Por isso, esta seção tem por finalidade a busca da perfeição no uso da língua, em quaisquer contextos, sem nenhuns vícios ou equívocos gramaticais, para, assim, expressar com exatidão aquilo mesmo que se quer dizer.

Para realizar este trabalho de modo mais verdadeiro, utilizaremos a abordagem tradicional da gramática. Como referência, utilizamos na escrita do material a *Suma Gramatical da Língua Portuguesa – Gramática Geral e Avançada*, do professor Carlos Nougué. A escolha desta gramática orienta a seção por seu autor ser um gramático tomista. Em sua *Suma*, ao apresentar conceitos – sejam eles fonéticos, morfológicos, sintáticos ou semânticos –, o professor refuta todas as ideologias e valores modernistas que infelizmente penetraram até as raízes de nossa língua portuguesa. A Gramática de referência é avançada também por trazer muitas citações de outros gramáticos (muitas vezes ideologizados) e os refutar de modo a apresentar aquilo que é bom, belo e verdadeiro em nossa língua e em nossa gramática.

O estudo desta arte é o princípio para todos os outros desta disciplina, uma vez que a gramática é, antes de tudo, a arte da escrita, organizada de modo a normatizar a fala, e, para tanto, a obediência às regras é sua base.

Produção de textos

As duas seções textuais – produção de textos e análise de textos – são complementares, mas se diferenciam quanto aos fins.

Esta seção, Produção de Textos, tem por objetivo capacitar o aluno a elaborar, editar e analisar textos, assim como bem escrever e bem colocar-se em Língua Portuguesa, por meio da escrita ou da fala. A apresentação de diversos gêneros de textos (tais como o conto, a carta e o poema), bem como de outros elementos constituintes das composições textuais, são basilares para a exposição dos conteúdos. Dessa forma, a finalidade desta seção é proporcionar ao aluno o entendimento acerca das classificações, estruturas e aspectos textuais para que consiga expressar-se eximiamente, de modo escrito ou oral.

Análise de textos

Os componentes curriculares da disciplina de Língua Portuguesa são abordados a partir da contemplação da Beleza, da Verdade e da Bondade expressos na seleção cautelosa de textos virtuosos, em consonância com a moral e os bons costumes.

A partir da leitura aprofundada dos textos, proporcionaremos ao aluno as habilidades oratórias, interpretativas e gramaticais necessárias para o bom entendimento e compreensão do que é lido.

Para auxiliar a seleção de composições ao longo de toda a coleção, nos regemos por obras censórias de zelosos sacerdotes, como "Através dos Romances", do Frei Pedro Sinzig, "Lecturas Buenas y Malas", do Pe. Otaola, e "Novelistas buenos y malos", do Pe. Guevara.

Leitura mensal

A cada volume, o responsável deve escolher um livro para ser trabalhado detalhadamente, desde seus aspectos literários, ortográficos e gramaticais até seus aspectos interpretativos. Este livro deve ser adquirido separadamente pelo responsável.

ATENÇÃO: esta seção será disponibilizada aos assinantes mediante solicitação através do contato oficial do Suporte pedagógico.

Frequência das Seções

Para contemplarmos toda a disciplina de Língua Portuguesa, propomos que as Seções sejam abordadas na seguinte frequência:

Gramática: três dias por semana.

Produção de Textos: uma vez por semana.

Análise de Textos: uma vez por semana.

Leitura mensal: pode ser feita como trabalho mensal ou semanal, como disciplina na grade de estudos ou como atividade no contraturno, a critério do responsável.

A frequência pode ser alterada conforme a necessidade de cada aluno.

Responsável, atenção!

Realize um planejamento mensal de cada volume: organize e distribua as seções, as lições e as atividades conforme o seu planejamento, escolhendo o dia em que trabalhará cada uma, considerando a frequência orientada em cada disciplina.

Por exemplo, para Língua Portuguesa poderia ser:

Período	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
MANHÃ TARDE	GRAMÁTICA	GRAMÁTICA	PRODUÇÃO DE TEXTOS	GRAMÁTICA	ANÁLISE DE TEXTOS
NOITE	LEITURA MENSAL (MEMORIZAR)	LEITURA MENSAL (MEMORIZAR)	LEITURA MENSAL (MEMORIZAR)	LEITURA MENSAL (MEMORIZAR)	LEITURA MENSAL (MEMORIZAR)

Conte com o auxílio do Instituto para resolução de dúvidas e orientações, por meio da tutoria e do apoio dos nossos docentes.

Estabeleça uma rotina e seja fiel ao tempo e dias de estudo; dessa forma o aluno aprenderá a ter disciplina, e conseguirá ordenar as coisas e se organizar.

Fique atento aos registros que o aluno fará no caderno. Leia tudo o que ele escrever, motive-o, corrija-o com docilidade, firmeza, e interceda sempre, pois será um dos maiores responsáveis por todas as virtudes que ele poderá alcançar, com a Graça e a Providência de Deus.

Dicas para os responsáveis

Registro das atividades

O registro de todas as atividades e avaliações são fundamentais não apenas para atingir o objetivo desta disciplina, mas também para a organização do aluno, o seu amadurecimento, o modo como está se desenvolvendo e até mesmo o reconhecimento legal de tudo o que está aprendendo.

Diariamente propomos que seja feita uma checagem do que foi feito pelo aluno. A leitura dos textos ou das respostas elaboradas também o motivarão a progredir cada vez mais, de modo seguro e eficaz.

Quando um registro é bem elaborado, haverá, por parte do responsável e do aluno, um acompanhamento dos frutos, dos passos, do desenvolvimento, o que os tornará mais motivados, seguros e confiantes de estar no caminho certo.

A checagem e vistoria das atividades pode ser feita de diversos modos: avaliação oral, observação do caderno, leitura das atividades realizadas, dentre outras possibilidades. O que enfatizamos é que este **registro e análise deve ser sempre feito, preferencialmente todos os dias** em que se estudar a disciplina.

Como corrigir textos?

A tarefa de produção de textos é fundamental para o desenvolvimento, crescimento e formação do aluno, mas, justamente por seu imenso valor, exige uma atenção e um trabalho maiores por parte dos responsáveis.

Oferecemos, abaixo, indicações fundamentais que auxiliarão na conferência e abordagem da produção textual, desde as respostas mais simples até a elaboração de textos.

- Sempre encontrar e **dizer primeiro os aspectos positivos** da produção textual: seja o título, a letra, a ideia, a quantidade de palavras, o empenho... O elogio alcança milagres com todos os alunos, desde que verdadeiro, sincero e oportuno. Nunca faça afirmações elogiosas se não forem, de fato, merecidas.
- Todos os erros devem ser corrigidos, mas com cautela e paciência.

  Se o aluno **apresentar muitas dificuldades** com a escrita, deverá ser corrigido, **mas** com cuidado para que as palavras não fiquem perdidas dentro de um mar vermelho de correções. Para isso é importante manter a organização. Priorize um aspecto por vez para correção, e aos poucos corrija tudo o que é necessário.

Se o aluno **não apresenta dificuldades** com a escrita, para incentivá-lo, pode sugerir que reescreva o texto deixando-o **mais formal,** o que o fará aumentar seu vocabulário.

➢ Atividades de **reescrita, a partir da correção dos erros**, podem ajudá-lo a desenvolver-se, refletindo sobre o que escreve.

➢ Não responda às dúvidas ortográficas rapidamente (por exemplo: "PORQUE" se escreve junto ou separado? "PASSO" se escreve com SS ou Ç?). Sugerimos que **incentive a procura em dicionários**, para que seja mais difícil esquecer o que é aprendido. Muitos optam sempre pelo mais rápido e mais fácil, o que não combina com um aprendizado efetivo, que busca cooperar para a formação de sábios e santos.

➢ A maioria dos erros podem ser evitados com a **releitura do texto, feita com muita atenção, antes de mostrá-lo ao responsável**. Quando identificar um problema que seria facilmente evitado com a releitura, destaque o parágrafo e peça-lhe que o releia, tentando perceber se algo está errado. Quando notar o equívoco, peça-lhe que o corrija imediatamente. Na ansiedade de acabar as atividades propostas, muitas vezes o aluno pula algumas palavras, não conjuga alguns verbos, não faz a concordância correta do verbo com o sujeito, costuma utilizar palavras e expressões da oralidade informal (exemplos: tipo assim... aí, né... daí...), dentre outros erros que são mais claramente observáveis e que devem ser sempre corrigidos.

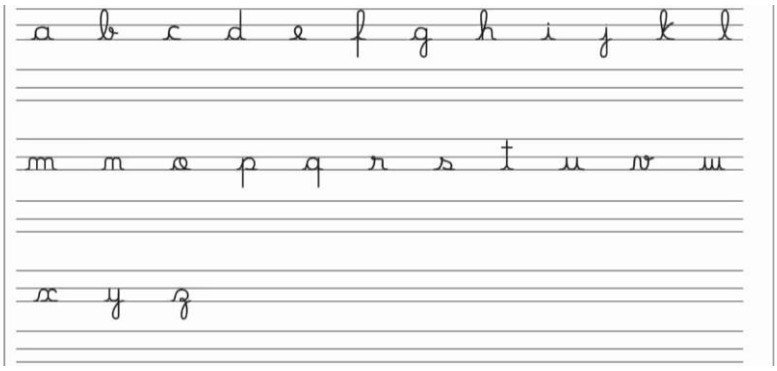
➢ **Nunca subestime o aluno!** Este é um dos maiores erros, pois, julgando a incapacidade do aluno, o nivelam "por baixo", tornando o ensino limitadíssimo e fraco. Não caia na tentação de pensar "isto é muito difícil, nunca aprenderá". Isso não significa que deve estipular metas inalcançáveis, mas sim que, de modo equilibrado, deve sempre levar em conta que a inteligência é um dom dado por Deus e que se perseverar, com a Sua Graça, aprenderá e dará muitos frutos. Coragem!

➢ **Caligrafia:** ter uma bela grafia exige esforço, treino e atenção. Caso o aluno apresente dificuldades ao escrever qualquer letra, ou tenha se habituado a uma grafia incorreta, sugerimos que uma vez por semana o responsável indique um texto (ou ao menos alguns parágrafos) da seção "Análise de textos" que deverá ser copiado em um caderno de caligrafia.

É importante que sempre obedeça às linhas do caderno de caligrafia da seguinte forma:

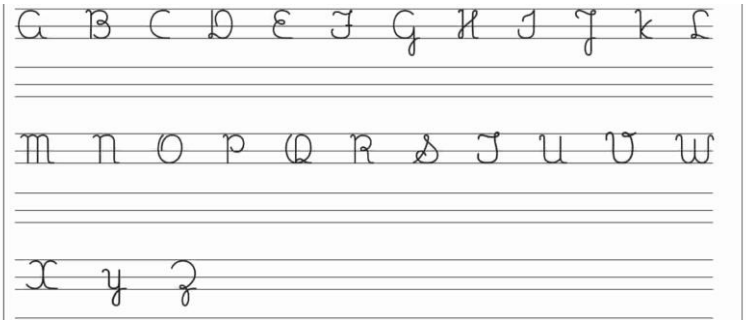
A **linha central** servirá para escrever as letras minúsculas, e deverá sempre ocupar toda a altura desta linha.

Exemplo de como se devem escrever as letras minúsculas:



A linha superior, localizada acima da linha central, servirá para fazer as letras maiúsculas e as letras minúsculas de maior altura (como o l, t, h, etc.). Estas letras devem encostar na linha superior.

Exemplo de como se devem escrever as letras maiúsculas.



A **linha inferior**, abaixo da linha central, servirá para desenhar partes de algumas das letras, como do **f,** do **g,** do **p e** do **q**. Deverá sempre começar escrevendo pela linha central e depois puxar a parte debaixo da letra, ocupando parte do espaço inferior.

- **Peça ajuda:** muitas vezes a humildade abrirá todas as portas necessárias para um efetivo aprendizado. O encaminhamento de dúvidas para os professores responsáveis pela disciplina poderá ajudar muito e poupar horas de trabalho em excesso por parte do responsável.

Qual é o significado desta imagem?

A apresentação deste ícone, no desenvolvimento do conteúdo, sinaliza a proposta de uma atividade que precisará de supervisão dos responsáveis.

Apresentamos, a seguir, um modelo de roteiro que os amparará na correção de textos e na análise de leitura. **Estes roteiros poderão auxiliar qualquer disciplina.**

Roteiro para correção de textos

- ✓ Aspectos positivos.
- ✓ Grafia (Letra legível? Diferencia letras maiúsculas e minúsculas).
- ✓ Pontuação (Vírgula, ponto final, interrogação...).
- ✓ Coerência (Tem sentido? Começo, meio e fim?).
- ✓ Abordagem do tema (Concluiu o objetivo da atividade?).
- ✓ Aspectos que devem ser melhorados.

Roteiro para aferição de leitura

- ✓ Aspectos positivos.
- ✓ Clareza, dicção (pronúncia correta e articulada das palavras).
- ✓ Pontuação.
- ✓ Entonação, ritmo da leitura.
- ✓ Intensidade/altura da voz.
- ✓ Velocidade da leitura.

Avaliações

Após a realização das atividades mensais, atividades avaliativas são propostas em todos os volumes, as quais deverão ser cuidadosamente analisadas pelos responsáveis.

Avaliação da Seção "Gramática": avaliação bimestral que visa verificar os conhecimentos adquiridos.

Avaliação da seção "Produção de textos": avaliação bimestral que visa verificar os conhecimentos adquiridos nas seções Gramática e Produção de textos.

Avaliação da Seção "Análise de textos": avaliação bimestral que visa verificar os conhecimentos adquiridos nas seções Gramática, Produção de textos e Análise de textos.

Minigramática: um resumo dos principais conceitos gramaticais vistos no volume, feito separadamente. Este resumo se unirá com os resumos dos demais volumes e formará uma minigramática ao término deste ano.

Moral da história: uma vez que os textos apresentados têm por objetivo a elevação do espírito e a formação do caráter, esta atividade separada quer recolher os ensinamentos que as leituras feitas geraram na vida do aluno (formará um livro no término deste ano).

TABELA DE CORREÇÃO DE TEXTOS AVALIATIVOS

ASPECTOS AVALIADOS	PRIMEIRA ANÁLISE	REESCRITA DO TEXTO	AVALIAÇÃ FINAL
Aspectos positivos Identifique todos os bons aspectos da escrita, como argumentos, letra			
Caligrafia Letra legível e caprichada?			
Ortografia A grafia das palavras está correta?			
Coerência O texto escrito possui sentido e ligação entre as ideias?			
Coesão O texto está claro e sem ambiguidade?			
Pontuação Utilizou corretamente a pontuação?			
Tema Obedeceu ao que foi pedido?			

Parágrafos Os parágrafos foram empregados corretamente? Em sentido e em estrutura?			
Repetição Foram utilizadas as mesmas palavras muitas vezes?			
Confusão O texto apresenta ideias confusas?			
Ausência de palavras Por algum motivo, palavras importantes foram esquecidas?			
Outras observações importantes:			

ATENÇÃO:

Caso queira atribuir uma nota à produção elaborada, estabeleça um ponto (1,0) para cada item analisado, mas, em cada item, deverá analisar se o texto está:

0 – Insatisfatório.

0,5 – Satisfatório.

1,0 – Plenamente satisfatório.

Os **aspectos positivos** (primeiro item) poderão acrescentar até um ponto-bônus, caso se destaque em algum quesito.

TABELA DE AFERIÇÃO E AVALIAÇÃO DE LEITURA

ANÁLISE DA LEITURA	AVALIAÇÃO DA GRAVAÇÃO	RELEITURA	AVALIAÇÃ FINAL
Entendimento do texto A partir da leitura, é possível identificar com facilidade o assunto do texto lido?			
Clareza, dicção Pronúncia correta e articulada das palavras			
Pontuação, entonação, ritmo da leitura			
Intensidade/altura da voz			
Velocidade da leitura			

ATENÇÃO:

Caso queira atribuir uma nota à produção elaborada, estabeleça um ponto (1,0) para cada item analisado, mas, em cada item, deverá analisar se o texto está:

0 – Insatisfatório.

0,5 – Satisfatório.

1,0 – Plenamente satisfatório.

Os **aspectos positivos** (primeiro item) poderão acrescentar até um ponto-bônus, caso se destaque em algum quesito.

Gramática

LIÇÃO 1

Introdução e revisão

INICIAR os estudos gramaticais no 6º ano tem um grande significado: adentrar o Ensino Fundamental II! No âmbito gramatical, isso é muito importante. A Gramática abrange cinco grandes áreas: a **fonética** (domínio do som); a **versificação** (domínio dos aspectos musicais da palavra, domínio da prosódia da língua); a **morfologia** (domínio das particularidades de cada palavra); a **sintaxe** (domínio das relações criadas entre as palavras); e a **semântica** (domínio da significação gerada no todo pelas partes – palavras).

Até aqui, nossos estudos gramaticais se ocuparam, principalmente, das três primeiras áreas: a **fonética**, a **versificação** e a **morfologia**. Por isso, podemos dizer que dominamos as pronúncias de cada som (fonemas) e suas representações gráficas (letras); dominamos a tonalidade de cada palavra, suas sílabas átonas, suas sílabas tônicas, a entonação ao fazer uma pergunta, uma exclamação ou uma declaração; e, além disso, dominamos também as características das palavras de nossa língua: se têm caráter substantivo, adjetivo, pronominal, etc.

Neste 6º ano, portanto, revisaremos e aprofundaremos os principais conceitos dessas três grandes áreas vistas do Ensino Fundamental I, de modo a buscar a perfeição, principalmente na interpretação e na compreensão do que um texto nos diz. Por estes motivos, neste primeiro volume nos dedicaremos à revisão dos aspectos sonoros da língua e introduziremos os estudos aos aspectos morfológicos de cada palavra – estudos esses que terão continuidade no volume a seguir.

Vogais

As vogais são fonemas (sons) que se produzem pela saída de ar ou pela boca ou pela boca e pelas fossas nasais, sem encontrar-se com nenhuns obstáculos. São elas: orais ou nasais.

Fonemas vogais orais

/a/, /ê/, /é/, /i/, /ô/, /ó/, /u/.

Exemplos com /a/:

— "Na pétala perfumada
De linda rosa vermelha,
Travaram prosa animada
Uma formiga e uma abelha!" (Raimundo Correia)

— "Essa que vês aqui, antigamente
Na doce primavera aparecia
Cheia de flores, orgulhosamente..." (José Nogueira)

Exemplos com /ê/:

— "Mal desponta, no Oriente, a doce madrugada,
Quando os astros, sumindo em terna revoada,
Ocultam-se do sol." (Carmo Gama)
— "Se os pássaros falassem,
Talvez os teus ouvidos escutassem
Este cativo pássaro dizer:
'Não quero o teu alpiste!'" (Olavo Bilac)

Exemplos com /é/:

— "Diamante que reflete um mundo inteiro e abarca
A alma de Camões e a alma de Petrarca.
Não basta a um verso ter as sílabas da conta;
É forçoso tender a uma outra lei que aponta
Para cada medida as próprias dominantes." (Silva Ramos)

— "Esta é, pois, a mulher muito forte que encerra
Valor que vem de longe e dos confins da terra." (Padre José de Anchieta)

Exemplos com /i/:

— "Um belo ratinho,

No seu buraquinho,

Contente vivia" (Marieta Gullo)

— "– Como estás, menino?

– Menos mal; o senhor como vai?

– Bem. Que andas a fazer pela Avenida?

– Estou a espairecer um pouco. Hoje tive duas provas escritas. Amanhã outras duas." (Carlos de Laet)

Exemplos com /ó/:

— "Pelo cipó solitário

Em fio o sereno cai,

Com as bagas do rosário

Da filha que chora o pai." (Castro Alves)

— "Agora que um dever acena-te, meu filho

É dolorosa e aclive a estrada que eu palmilho...

Mas nem por isso deterei teus passos.

Parte, meu filho! Quero ver-te herói!

Para ceder-te à Pátria, afrouxarei meus braços

E calcarei no peito o coração que dói!" (Dulce de Siqueira Boucault)

Exemplos com /u/:

— "Minh'alma inebriada em dúlcida alegria,

Em místico transporte, exalta o meu Senhor;

Num hino de louvor, num salmo de harmonia

Meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador" (Mendes de Aguiar)

— "No bom tempo em que os animais falavam, houve uma assembleia de bichos que se reuniu para deliberar sobre uma grande questão."

▶ Atividades

1. Leia em voz alta, no mínimo duas vezes, cada um dos exemplos acima, de modo a perceber o movimento de seus lábios ao pronunciar cada uma das vogais orais em destaque. Em seguida responda:

a) Por qual cavidade sai o ar na pronúncia das vogais orais?

b) Qual é a diferença de movimento dos lábios ao pronunciar os sons /ê/ e /é/?

c) Qual é a diferença de movimento dos lábios ao pronunciar os sons /ô/ e /ó/?

d) Qual é a diferença de movimento dos lábios ao pronunciar os sons /a/ e /u/?

2. Identifique estes sons nos versos a seguir:

"Na escuridão, segura,
Pela secreta escada, disfarçada,
Oh! ditosa ventura!
Na escuridão, velada,
Já minha casa estando sossegada." (São João da Cruz)

LIÇÃO 2

Fonemas vogais nasais

/am/, /em/, /im/, /om/, /um/.

Exemplos com /am/:

— "Salve, lindo pendão da esperança
Salve, símbolo augusto da paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz!" (Olavo Bilac)

— "Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação."

Exemplos com /em/:

— "Gosto de vê-lo, de manhã, bem cedo,
Passando, levando ao braço o seu livrinho:
Vai com ar muito sério; mas sem medo,
Como quem trata o estudo com carinho." (Francisco Viana)

— "Antes de erguer-se de seu leito de ouro,
O rei dos astros, o Oriente inunda
De sublime clarão.
Antes de as asas desprender no espaço,
A tempestade agita-se e fustiga
O turbilhão dos euros." (Fagundes Varela)

Exemplos com /im/:

— "E em toda parte os exemplos
Dos heróis acham festins.
Levantam-se airosos templos
Da terra pelos confins!" (Presciliana Duarte de Almeida)

— "Doido, rubro, veloz, incandescente,
O incêndio que acordou!
A floresta rugindo as comas curva... (Castro Alves)

Exemplos com /om/:

— "A alma arrogante, a alma bravia
Do mar, que vive a combater,
Comove-se à melancolia
Conventual do entardecer. (Vicente de Carvalho)

— "Cidades pequenas,
Cidades grandes,
Municípios e capitais.
Cheias de fábricas,
Ou com grandes fazendas.
Mas nunca são iguais." (Graça Batituci)

Exemplos com /um/:

— "E as figuras que dão ou tiram letra? Nunca
Me verás recorrer à que estira e à que trunca." (Silva Ramos)

— "Entre os fecundos pais és o pai mais fecundo,
E ficas como tal filha o mais feliz do mundo." (Padre José de Anchieta)

▶ Atividades

1. Leia em voz alta, no mínimo duas vezes, cada um dos exemplos acima, de modo a perceber o movimento de seus lábios ao pronunciar cada uma das vogais nasais em destaque. Em seguida responda:

a) Por qual cavidade sai o ar na pronúncia das vogais nasais?

b) Pronuncie pausadamente as vogais /am/ /em/ /im/ /om/ /um/: como é a posição dos lábios ao final da pronunciação?

2. Identifique estes sons nos versos a seguir:

"Ó rei Emanuel, esperança de glória,
Que em toda a retidão reges a nossa história,
Ergue-te enfim e vem com teu braço robusto!
Reveste teu vigor, Filho de Deus augusto!
Queira Deus rompas já os umbrais da amplidão,
Desças, redentor santo, ao nosso humilde chão." (Padre José de Anchieta)

LIÇÃO 16

Verbo: flexão modo-temporal

Estudaremos agora o outro tipo de flexão do verbo: a flexão modo-temporal. Como o próprio nome diz, é aquela que indica a variação do verbo em **modo** e em **tempo**.

Flexão de modo

Modo verbal é a indicação da atitude de quem fala em relação ao fato expresso pelo verbo. Este modo pode nos indicar se o que a pessoa está dizendo indica uma certeza, ou se é apenas uma ideia ou possibilidade, ou ainda se está pedindo, ordenando algo. Cada uma destas sugestões recebe uma diferente caracterização. Temos, portanto, três modos do verbo: indicativo, subjuntivo e imperativo.

INDICATIVO: é aquele que expressa certeza.

Exemplos:

— "Eu me **lembro**! Eu me **lembro**! **Era** pequeno
E **brincava** na praia; o mar **bramia**
E erguendo o dorso altivo, **sacudia**
A branca espuma para o céu sereno." (Casimiro de Abreu)

SUBJUNTIVO: é aquele que expressa incerteza, hipótese, dúvida, possibilidade.

Exemplos:

— "Preciso de um coração ardente de ternura,

Que **permaneça** sempre o meu apoio,

Que em mim **ame** tudo, até minha fraqueza,

Que nunca me **deixe**, nem de dia, nem de noite."

Não pude encontrar nenhuma criatura,

Que sempre me **amasse** sem nunca morrer." (Santa Teresinha do Menino Jesus)

IMPERATIVO: é aquele que expressa ordem, pedido, súplica, conselho.

Exemplos:

— "Aves, **cantai**! Florestas verdejantes,

Agitai-vos formosas!

Espalhai, disse às virações errantes,

Os perfumes e as rosas!" (Guilherme Braga)

Flexão de tempo

Tempo verbal é a indicação do momento em que ocorrem as ações, os fenômenos naturais e os estados expressos pelo verbo. Ele é determinado pela relação que se estabelece entre o momento em que a pessoa fala e a ocorrência do fato expresso pelo verbo. Por exemplo, quando alguém chega até nós e diz "Cheguei", isso significa que, neste momento presente, ocorreu a ação de ela chegar até o lugar.

Além dos tempos naturais dos verbos (pretérito, presente e futuro), que já estudamos nos anos anteriores, vamos aprofundar-nos em todos os outros tempos verbais.

Os tempos verbais são:

Presente simples (amo) – expressa algo que acontece no momento da fala.

Pretérito perfeito (amei) – expressa uma ação pontual, ocorrida em um momento anterior à fala.

Pretérito imperfeito (amava) – expressa uma ação contínua, ocorrida em um intervalo de tempo anterior à fala.

Pretérito mais-que-perfeito (amara) – contrasta um acontecimento no passado ocorrido anteriormente a outro fato também anterior ao momento da fala.

Futuro do presente (amarei) – expressa algo que possivelmente acontecerá em um momento posterior ao da fala.

Futuro do pretérito (amaria) – expressa uma ação que era esperada no passado, mas não aconteceu.

Como estudamos anteriormente, o verbo apresenta três modos. Agora veremos quais são os tempos de cada um destes modos:

Modo indicativo: presente; pretérito perfeito; pretérito imperfeito; pretérito mais-que-perfeito; futuro do presente; futuro do pretérito.

Modo subjuntivo: presente; pretérito imperfeito; futuro.

Modo imperativo: não apresenta tempos, será ou *negativo* ou *afirmativo*.

AMAR			
Modo indicativo			
Pessoa do discurso	**Presente**	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
Eu	amo	amava	Amei
Tu	amas	amavas	Amaste
Ele	ama	amava	Amou
Nós	amamos	amávamos	Amamos
Vós	amais	amáveis	Amastes
Eles	amam	amavam	Amaram
Pessoa do discurso	**Pretérito mais-que-perfeito**	**Futuro do presente**	**Futuro do Pretérito**
Eu	amara	amarei	Amaria
Tu	amaras	amarás	Amarias
Ele	amara	amará	Amaria
Nós	amarámos	amaremos	amaríamos
Vós	amáreis	amareis	Amaríeis
Eles	amaram	amarão	Amariam

Modo subjuntivo			
Pessoa do discurso	**Presente**	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
Que eu	ame	(Se eu) amasse	(Quando eu) amar
Que tu	ames	(Se tu) amasses	(Quando tu) amares
Que ele	ame	(Se ele) amasse	(Quando ele) amar
Que nós	amemos	(Se nós) amássemos	(Quando nós) amar-mos
Que vós	ameis	(Se vós) amásseis	(Quando vós) amardes
Que eles	amem	(Se eles) amassem	(Quando eles) amarem

Modo imperativo		
	Afirmativo	**Negativo**
	----	----
	ama tu	não ames tu
	ame ele / ela	não ame ele / ela
	amemos nós	não amemos nós
	amai vós	não ameis vós
	amem eles / elas	não amem eles / elas

Desinências modo-temporais do indicativo

Pretérito perfeito: -ra- apenas a 3ª pessoa do plural.

Pretérito imperfeito: -va- para os verbos da 1ª conjugação e -ia- para os verbos da 2ª e 3ª conjugações.

Pretérito mais-que-perfeito: -ra- átona.

Futuro do presente: -ra- tônica e -re-

Futuro do pretérito: -ria-

Exemplos:

— "O mesmo, por experiência, **viram** outras pessoas a quem eu **aconselhava** encomendar-se a Ele (São José), e hoje há muitas que lhe são devotas e experimentam cada dia esta verdade." (Santa Teresa de Jesus)

— "Ainda que o caminho seja plano e suave para os homens de boa vontade, o caminhante **avançará** pouco e custosamente se não tiver boas pernas e ânimo, e nisso mesmo com animosa porfia." (São João da Cruz)

Desinências modo-temporais do subjuntivo

Presente: -e- para os verbos da 1ª conjugação, e -a- para os verbos da 2ª e 3ª conjugações.

Pretérito imperfeito: -sse-

Futuro: -r-

Exemplos:

— "Que me importa estar no purgatório até o dia do juízo, se com as minhas orações **pudesse** ser salva mesmo uma única alma?" (Santa Teresa de Jesus)

— "É uma grande coisa procurar em tudo a honra e a glória de Deus. Como seríamos felizes se por isso Ele nos **permitisse** morrer, até mil vezes." (Santa Teresa de Jesus)

Atividades

1. Quais são os modos do verbo? O que eles expressam?

2. Quais são os tempos do verbo? O que eles expressam?

3. Baseado na primeira expressão de cada grupo, complete as outras **SEM** modificar o TEMPO dos verbos.

a) Ele protege os fracos; tu _____ protege os fracos; os fortes _____ os fracos; eu _____ os fracos; nós _____ os fracos; tu e o Antônio _____ os fracos.

b) Cremos nas verdades de fé; todo católico _____ nas verdades de fé; vós _____ nas verdades de fé; nossos compatriotas _____ nas verdades de fé; eu _____ nas verdades de fé; tu _____ nas verdades de fé.

c) Não é bom que percais a paciência; não é bom que o professor _____ a paciência; não é bom que papai e mamãe _____ a paciência; não é bom que nós _____ a paciência; não é bom que tu _____ a paciência.

4. Mude o NÚMERO dos verbos grifados e faça a concordância (não se deve mudar o TEMPO nem a PESSOA).

a) Privados de ar, nós **falecemos**.

b) **Conhecemos** santos que morreram por amor a Deus.

c) **Leiamos** nós um bom livro.

d) Quando **recebemos** um presente, **agradecemos**.

5. Conjugue em todos os tempos e modos os verbos a seguir:

a) Estudar.

b) Escrever.

c) Decidir.

Produção de textos

LIÇÃO 1

Texto narrativo

NESTA seção, "Produção de textos", são apresentados critérios de identificação, análise, elaboração e edição de textos, tendo em vista a arte da Gramática.

A boa escrita tem a capacidade de registrar e dar continuidade à língua, bem como transmitir com clareza a doutrina, os pensamentos, os poemas e as histórias, a fim de fixá-los e aprimorá-los em seu entendimento, que vai além da simples fala.

Segundo Carlos Nougué (2015, p. 44), para falar, além do uso da razão, faz-se necessário o uso de uma série de elementos do corpo próprios para tal ação. A escrita, porém, tem sua necessidade além da razão e das partes do corpo, exigindo bons materiais para materializá-la, como lápis, caneta, máquina de escrever, computador e papel, demonstrando que, para ela, é necessário o aprimoramento além do que é natural.

A palavra gênero tem sua origem na palavra latina *generus*, que significa família, raça, ou seja, união de elementos que apresentam as mesmas características. Os textos também são divididos em gêneros de acordo com o assunto ou o modo como quais o autor se expressa. Nosso estudo acontecerá a partir do reconhecimento destes diversos gêneros de textos.

Gêneros de textos são modelos variados que definem e distinguem os textos a partir de suas funções comunicativas: narrativos, descritivos, dissertativos, argumentativos ou injuntivos. Ou seja, os gêneros textuais adequam os tipos de texto ao uso que deles se faz.

São exemplos de gêneros de textos os romances, os contos, as crônicas, as poesias, as cartas, as memórias, as catequeses, os discursos, e muitos outros, que estudaremos ao longo dos anos subsequentes.

Neste Volume revisaremos alguns conteúdos abordados nos anos anteriores.

Os tipos textuais

Os tipos textuais são as classificações que um texto pode receber de acordo com sua estrutura e finalidade. Existem diferentes tipos de textos, cada um apresentando

sua estrutura própria, e seu vocabulário e sua linguagem específicos. Porém é importante advertir que muitos textos podem apresentar mais de uma tipologia textual.

De maneira geral, os **tipos textuais** são categorias maiores de classificação textual, grandes grupos que englobam e organizam os gêneros textuais de acordo com a sua finalidade e estrutura. São eles, insista-se: **narrativo, descritivo, dissertativo, expositivo e injuntivo**.

O texto narrativo

Os textos do tipo narrativo são aqueles que **expõem um fato real ou imaginário** com as circunstâncias que o precederam, acompanharam ou seguiram. Uma boa narração contém **unidade**, e para isso o escritor deve ter o cuidado de que todo e qualquer detalhe de seu texto se refira ao fato principal que está narrando. São exemplos de textos narrativos os contos, os romances e as fábulas.

Para melhor entender o texto narrativo, é necessário o conhecimento dos **elementos que o constituem: narrador, personagens, tempo, espaço e enredo.** Conhecendo-os, é possível perceber o modo como se organizam para construir uma história e transmitir uma mensagem.

Narrador

Narrador é aquele que narra ou conta a história; é o locutor que explica, descreve ou comenta aquilo que é mostrado.

Os tipos de narrador são:

NARRADOR-PERSONAGEM: o narrador-personagem conta uma história da qual participa como personagem.

Exemplo:

Um pedaço de giz

G. K Chesterton

Lembro-me de uma esplêndida manhã, toda azul e prateada, nas férias de verão, em que eu relutantemente interrompi a tarefa de não fazer nada em particular, coloquei um chapéu qualquer e peguei uma bengala, e pus seis pedaços de giz de cores vivas em meu bolso. Depois entrei na cozinha (que, juntamente com o restante da casa, pertencia a uma velha senhora muito justa e sensata de um vilarejo de

Susses) e perguntei à proprietaria e ocupante da cozinha se teria papel pardo. Ela tinha bastante. Na verdade, tinha demais; e enganava-se quanto ao propósito e à razão da existência do papel pardo. Ela parecia imbuída da ideia de que se uma pessoa quisesse papel pardo é porque devia estar querendo fazer uma embrulho, o que era a última coisa que eu queria: com efeito, é algo que descobri estar além da minha capacidade mental. Assim, ela discorreu longamente sobre as muitas qualidades de resistência e durabilidade do material. Expliquei-lhe que apenas queria desenhar nele e que não queria que durasse de forma alguma, e que do meu ponto de vista, portanto, era mais uma questão não de consistência resistente, mas de superfície responsiva, algo comparativamente irrelevante num pacote. Quando ela entendeu que eu queria desenhar, ofereceu-se para submergir-me em blocos de notas, aparentemente supondo que eu fazia minhas anotações e correspondências em velhos embrulhos de papel pardo por motivo de economia.

UM PEDAÇO de giz. In: CHESTERTON, Gilbert Keith. **Tremendas Trivialidades**. Tradução: Mateus Leme. Campinas - SP: Ecclesiae, 2012. cap. 2, p. 9-10. ISBN 978-85-63160-92-8.

NARRADOR-OBSERVADOR: o narrador-observador conta a história do lado de fora, sem participar das ações.

Exemplo:

Por que os sinos tocaram

Existia num país distante uma igreja maravilhosa com uma torre de pedra cinza, com trepadeiras subundo pelas paredes até onde se podia enxergar. Na torre, ficavam os sinos de Natal da igreja. Foram pendurados ali quando se construiu a igreja centenas de anos antes, e eram os sinos mais bonitos do mundo.

Durante muito tempo, na véspera do Natal, todos na cidade traziam à igreja suas ofertas para comemorar o nascimento do menino Jesus. Quando a maior e melhor oferta era colocada no altar, as vozes dos sinos de Natal começavam a soar em meio à música do coro. Havia quem dissesse que o vento tocava, mas havia quem dissesse, também, que eles estavam tão altos que os anjos conseguiam fazê-los balançar.

ALDEN, Raymond. Por que os sinos tocaram. In: BENNET, Willian J. (ed.). **O Livro da Fé para Crianças**. Ilustração: Michael Hargue; Tradução: Ricardo Silveira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002. p. 90-94. ISBN 85-209-1304-0.

NARRADOR-ONISCIENTE: o narrador-onisciente conta a história de outros e, às vezes, permite certas intromissões narrando em 1ª pessoa (eu que escrevo). Ele conhece tudo sobre as personagens e sobre o enredo, sabe o que se passa no íntimo

das personagens, conhece suas emoções e pensamentos, razão por que é denominado "onisciente".

Exemplo

Excerto do romance "Vidas Secas", de Gracialiano Ramos

Realmente para eles era bem pequeno, mas afirmavam que era grande – e marchavam, meio confiados, meio inquietos. Olharam os meninos, que olhavam os montes distantes, onde havia seres misteriosos. Em que estariam pensando? zumbiu Sinhá Vitória.

Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas Sinhá Vitória renovou a pergunta – e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem." (*Vidas Secas*, Graciliano Ramos)

Personagens

As personagens são os seres que vivenciam a história contada pelo narrador. A classificação das personagens acontece através da importância e da função que desempenham na narrativa:

PROTAGONISTA: é a personagem central, principal, da trama. O protagonista pode ser caracterizado como herói que se destaca por atitudes virtuosas.

Exemplo

No livro *Margarida Alacoque: o Amor do Coração de Jesus*, a protagonista da história é Santa Margarida Alacoque.

ANTAGONISTA: é a personagem que cria o conflito da trama, opondo-se ao protagonista. A palavra antagonismo significa oposição, rivalidade, incompatibilidade. Não se faz necessariamente presente em toda narrativa.

Exemplo

Na história da Criação podemos classificar como antagonista Lúcifer, pois este se opõe ao Bem supremo, que é Deus.

SECUNDÁRIO: são personagens sem grande relevância na narrativa, os quais, porém, participam da ação e possuem relação com o desenvolvimento da trama.

Exemplo

No conto "Um chapéu para Dom Bosco", o Padre Francesco é um exemplo de personagem secundária, que todavia está envolvida com a trama.

FIGURANTES: são as personagens que vivenciam ações da narrativa, sem interferir nelas ativamente.

Ao apresentar uma personagem, é importante que o narrador também torne conhecidas suas características física e morais.

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS: a apresentação das características físicas é como fazer um retrato da personagem. Podem ser incluídos: cor da pele, cor do cabelo, cor dos olhos, altura, tipo de cabelo, etc.

Exemplo

"Mandou-o, pois, chamar e apresentou-o (a Samuel). Ele era loiro, de olhos formosos e belo aspecto. O Senhor disse: Levanta-te, unge-o, porque é esse mesmo (que eu escolhi). (1Sm 16, 12)

CARACTERÍSTICAS MORAIS: a apresentação das características morais contém informações sobre o caráter, o humor, o comportamento, o temperamento, o modo de reagir, etc., da personagem.

Exemplo

No livro "Margarida Alacoque: o Amor do Coração de Jesus", Santa Margarida Maria Alacoque é descrita: Margarida tinha caráter amável, tinha vivacidade, era muito risonha e gostava de brincar.

Tempo

O tempo é a indicação do período histórico, da época do ano ou do período do dia em que se passam os fatos narrados. O tempo da narrativa pode ser **linear** – em ordem cronológica – contando os fatos do início ao fim – ou **não linear** – começando no meio da ação, avançando e retrocedendo (*flashback*), conforme as intenções do narrador.

Espaço

O espaço é a indicação de lugar (país, região ou ambiente) em que ocorrem os fatos narrados. Trata-se do cenário em que a ação está localizada; sua apresentação pode ser simples ou bem descrita, dependendo da intenção do autor e de sua relevância para a história.

Enredo

O enredo é a estruturação dos acontecimentos da narrativa, de modo a prender a atenção do leitor. O enredo das narrativas tradicionais encerra, em geral, a seguinte sequência: apresentação – complicação (ou conflito) – clímax e desenlace (ou desfecho).

APRESENTAÇÃO: exposição que dá a conhecer o local e o momento da narrativa, apresenta as personagens e apresenta os precedentes do enredo, e leva o leitor a conhecer o que texto tratará. É comum que alguns textos não tenham apresentação, mesmo sendo uma parte importante da narrativa.

É interessante que a apresentação seja curta e rápida, se atenha apenas ao que é essencial para seu fim. Além do mais, sua simplicidade também garante que não sejam reveladas partes do desfecho.

COMPLICAÇÃO (OU CONFLITO): desenvolvimento das ações e dos conflitos que levarão ao clímax.

CLÍMAX: momento mais tenso da trama, o qual exige uma solução no texto. Este é o ponto em que a ação atinge seu momento crítico.

DESENLACE (OU DESFECHO): última parte da narrativa, na qual é resolvido o clímax e a história tem seu fim. É interessante que seja breve e surpreendente, pois, se o leitor o adivinhar, o interesse pode ser perdido.

▶ Atividades

1. O que são os Gêneros de texto?

2. O que é o tipo textual narrativo?

3. Leia o conto a seguir com atenção e responda às questões:

O milagre eucarístico de Santa Clara de Assis

Durante o ano de 1244, a armada de Frederico assolou o vale do Spoleto, que era parte do patrimônio da Santa Sé. Seus soldados avançaram então em direção a Assis, mas eles se aproximaram primeiro do convento de São Damião, que ficava a meio caminho. Quando os soldados escalaram os muros e estavam prestes a invadir o claustro, as irmãs do convento acorreram apressadas para junto de sua já debilitada fundadora, Santa Clara, a qual lhes assegurou que Nosso Senhor as salvaria.

Ajudada pelas irmãs, Santa Clara dirigiu-se para a entrada do convento, levando consigo uma pequena caixa de marfim em que estava guardado o sacratíssimo Corpo de Cristo. Prostrando-se diante dele, a santa clamou em alta voz: "É do vosso agrado, meu Deus, entregar às mãos destas feras as filhas indefesas que eu nutri no vosso amor? Suplico-vos que protejais estas a quem eu já não sou mais capaz de proteger". Da hóstia ouviu-se sair a voz como de uma criança, dizendo: "Ter-vos-ei sempre sob meus cuidados".

Assim que os soldados viram o Santíssimo Sacramento, um pânico tomou-os de súbito e imediatamente os fez correr em retirada. É por causa deste episódio que Santa Clara costuma ser retratada com uma custódia ou um cibório em mãos. Clara mandou que, enquanto estivesse viva, as irmãs nunca mencionassem com ninguém esse fato.

CRUZ, Joan Carroll. "O milagre eucarístico de Santa Clara de Assis". In: **Christo Nihil Praeponere**. [S. l.], 11 ago. 2017. Acesso em: 27 out. 2021.

a) Qual é o tipo de narrador? Justifique-o.

b) Identifique as partes do enredo da história.

c) Identifique as personagens e classifique-as.

d) Descreva o tempo e o espaço da narrativa.

▶ Atividades de análise gramatical

1. Leia novamente o primeiro parágrafo do texto "O milagre eucarístico de Santa Clara de Assis" e responda:

a) Há fonemas vogais orais? Quais?

b) Há fonemas vogais nasais? Quais?

2. Agora, leia o segundo parágrafo desse mesmo texto, e responda aos itens a seguir:

a) Há dígrafos consonantais? Quais?

b) Há encontros consonantais? Quais?

c) Qual é a palavra composta por uma letra que não tem som?

Análise de textos

LIÇÃO 2

São Partênio, Bispo e confessor e História de um ninho

São Partênio, Bispo e Confessor

São Partênio, filho de um bom homem chamado Cristódulo, era originário de Melitópolis, pouco conhecedor das letras humanas, era, em compensação, versadíssimo nas Escrituras santas.

Condoído com a sorte dos pobres, moço, fez-se pescador; todas as tardes, religiosamente, era visto pela cidade a vender o produto do trabalho diário, cujo apurado, totalmente, distribuía à pobreza.

Deus principiou a operar milagres por intermédio daquela santa alma. Quando Partênio completou dezoito anos livrando do espírito impuro muitos possuídos pelo demônio, foi chamado pelo bispo de Melitópolis e feito sacerdote. Ordenado padre, ficou encarregado de visitar as ovelhas do rebanho do bom bispo. Foi numa dessas visitas que, encontrando-se com um cão raivoso, o matou tão somente, fazendo o sinal da cruz, diante do animal que lhe saltava ao pescoço, selvagemente.

O bispo de Cízica, Áscolo, fê-lo bispo de Lâmpsaco, lugar em que a população era quase totalmente pagã. Pelas orações e instruções, principalmente pelos milagres ali operados, o santo converteu a cidade inteira.

Um dia, determinando usar uma grande pedra que pertencera a um dos templos dos idólatras de Lâmpsaco, ordenou a transportassem para a igreja que fervorosamente levantava na cidade.

Entre os homens que se incumbiram da remoção da enorme peça estava um operário chamado Eutiquiano. Esse Eutiquiano, posta a pedra no carro, foi, em dado momento, escorregando, pôr-se debaixo das rodas. Amassado, morreu na hora. Quando Partênio soube do sucedido, ficou emocionadíssimo, e, atribuindo-o a uma investida do demônio, correu ao local do acidente, encontrando o homem morto. Ajoelhando-se-lhe ao lado, ergue os olhos para o céu e dirigiu, a chorar, uma fervente prece ao Senhor.

Terminada a oração, Eutiquiano voltou à vida. Sentado, olhava para um e para outro, sem saber o que lhe havia sucedido.

Conta-se também de São Partênio que, em Hecleia, metrópole da Trácia, ao visitar o bispo Hipatiano, encontrou-o gravemente doente. No mesmo instante, por revelação divina, descobriu a causa do mal do prelado: a avareza.

— Tua doença — disse a Hipatiano — não te vem do corpo, mas da alma.

— Da alma? Fez o prelado debilmente. Mas como?

—Sim — confirmou Partênio. — É a avareza o que te corrói, pouco a pouco. E, se quiseres recuperar toda a sua saúde, restitui a Deus todos os bens dos pobres, que conservas.

O bispo, chamado o ecônomo, deu-lhe ordens para distribuir à pobreza tudo o que ferrenhamente guardava.

— Não — tornou o Santo. — Tu mesmo é que deverás fazê-lo.

— Mas — tornou o doente prelado — sinto-me sem forças. Como deixarei este leito, tão fraco estou!

—Não te sentirás fraco amanhã — sentenciou São Partênio convictamente. — Manda que, amanhã de manhã, toda a pobreza se reúna na igreja de Santa Glicéria e vai cumprir o dever.

Hipatiano, no dia seguinte, fez-se transportar para a igreja. E, à medida que se livrava dos bens que conservava, ia recuperando, milagrosamente, as forças que o haviam abandonado.

Três dias depois, estava com toda a saúde de outrora. Quando São Partênio morreu, aquele bispo, em companhia doutros prelados, prestou-lhes os últimos deveres.

PADRE, Rohrbacher. São Partênio, Bispo e Confessor. In: **Vida dos Santos**. São Paulo: Editora das Américas, 1959. v. III, cap. Vida, p. 95-97. E-book.

▶ Atividades

1. No segundo parágrafo há o emprego da palavra “religiosamente”. Explique qual é seu sentido na frase em que está inserida.

2. Que mal praticado por Hipatiano lhe causava a doença física?

3. Qual foi a atitude de Hipatiano para reparar o mal causado e recobrar a saúde física?

Atividades de análise gramatical

1. No texto "São Partênio, Bispo e Confessor", encontre as palavras compostas pela letra sem som, e:

a) Escreva-as em caderno.

b) Indique se fazem parte de algum processo, por exemplo "lh" = dígrafo consonantal.

História de um ninho

Saíra cedo, muito cedo, ao romper do dia, trinando alegremente pelo espaço de fora, caminho da mata, onde ia buscar alimentos para os filhinhos.

E partira despreocupadamente, naquela formosa manhã de primavera, quando o sol começava a iluminar a terra, espalhando suaves e doces reflexos de luz na relva dos caminhos e por sobre a verde folhagem dos arvoredos, onde se dependuravam prenhes de cintilações prismáticas, as gotas de orvalho, as brilhantes lágrimas da madrugada.

Os camponeses dirigiam-se para o trabalho, ferramenta ao ombro, entoando uma cantiga simples, repassada de tons bucólicos, fresca e alegre.

Ouvia-se o balir das ovelhinhas, o mugir prolongado do gado nos currais, de onde se levanta um vapor enfumaçado, bom e sadio, sadio e agradável, que tonificava os pulmões e a todos dava um grande bem-estar.

Os carros de bois chiavam cadencialmente pelos caminhos, em demanda das roças, onde iam carregar-se dos produtos das colheitas.

Das árvores do pomar e do centro da mata virgem partia o trinar da passarada e o canto sonoro e distinto do inhambu a reboar ruidosamente pelo ar...

Ouvia-se todo esse ruído poético que anuncia a vida do campo ao amanhecer.

E ela, que partira tão cedo em busca de alimento para os filhinhos, não adivinhara talvez que se ia separar para sempre deles, naquele dia tão azul e tão cheio de luz.

Dirigira-se para a entrada da mata, e ali, descuidadamente, revolvia a terra úmida, os pequenos seixos e gravetos que encontrava pelo chão, as folhas secas e orvalhadas...

Súbito ouviu-se um estampido...

Rápido, abriu ela as asas, distendeu-as, pretendendo alçar o voo, procurando fugir.

Fora, porém, certeira, a pontaria do bárbaro caçador. Mas, lembrando-se dos filhotes, ela, ferida, quase agonizante, fez um supremo esforço, um esforço heroico de que só as mães são capazes e... Voou.

Recordando o azul em voo incerto, caindo aqui, depois levantando-se acolá, correndo por entre os espinheiros para voar de novo, atravessando com dificuldade os moitais ou as touceiras de capim, uns felpudos, outros cortantes, foi cair por fim exânime ao lado do ninho – uma laranjeira copada no centro do pomar, coberta de flores e de orvalho, dourada pelo sol. Os filhotes, num pipio triste e desesperado, viram a carinhosa mãe com as penas empastadas de sangue, o peito arfando, os olhos semicerrados, cheios de terra como um cristal embaciado, já sem luz – viram-na exalar o último suspiro, entreabrindo o pequeno bico de onde caíram alguns vermes e insetos – o alimento que fora buscar para eles, para a sua prole estremecida.

... No dia seguinte cedo, muito cedo, logo ao romper do dia, quando o sol começava de iluminar a terra espalhando suaves e doces reflexos de luz na relva dos caminhos, as avezinhas implumes foram encontradas frias, inteiriçadas, no pequeno ninho de filamentos de capim e penugens brancas e acinzentadas da laranjeira copada no centro do pomar.

E do fundo da mata virgem partia o trinar da passarada, o chilrear dos pequenos passarinhos e o canto sonoro e distinto do inhambu a voar ruidosamente pelo ar.

Ao longe, na quebrada dos caminhos orvalhados, chiavam os carros de bois, ouvia-se a cantiga simples, alegre e fresca dos aldeões e o balido das ovelhas e o mugir prolongado do gado nos currais...

Tancredo do Amaral

▶ Atividades

1. Pesquise em um dicionário as palavras “bucólico” e “reboar”.

2. O que a mãe do ninho saiu para fazer? Ela conseguiu cumprir seu objetivo?

3. Apesar de se tratar de um conto, gênero de tipo narrativo, o texto é repleto de elementos descritivos. Selecione um parágrafo da história e analise sua composição descritiva.

▶ Atividades de análise gramatical

1. Encontre neste texto, "História de um ninho", quatro exemplos de:

a) Monossílabos.

b) Dissílabos.

c) Trissílabos.

d) Polissílabos.

Matemática

Apresentação

"Não entre quem não souber geometria."

A frase com que decidimos iniciar a apresentação desta disciplina estava gravada nos pórticos da Academia de Platão, filósofo grego do século quarto antes de Cristo. Mas por que esta frase estava em evidência na entrada de uma escola de filosofia? Que tem a geometria a ver com isso? Pois bem, é o que temos o intento de explicar nesta apresentação da disciplina de Matemática.

Por muito tempo, a disciplina Matemática era também denominada as matemáticas, uma vez que muitos são seus ramos, e cada qual apresenta um tipo de estudo diferente: a geometria, as formas; a aritmética, os números; a álgebra, as variáveis; até mesmo música e astronomia eram aqui consideradas. No entanto, dado que todas essas disciplinas apresentam algo em comum, convenciou-se resumi-las todas a uma única área de estudo, a Matemática. A palavra matemática deriva do grego mathema = conhecimento, e thiké = arte, no que poderia ser traduzida como "arte de conhecer",[4] nome bem apropriado para tal disciplina. E aqui já temos nossa primeira resposta ao porquê de o filósofo Platão haver requerido seu estudo: a matemática é a arte de conhecer as coisas. Portanto, ela apresenta uma utilidade muito grande para a filosofia, que busca a verdade sobre todas as coisas.

Mas em que sentido dizemos que a matemática é "a arte de conhecer" ou por que ela pode assim ser classificada? Veremos.

Outro filósofo da antiguidade, chamado Aristóteles, díscipulo de Platão, elaborou uma tese acerca do conhecimento de tudo aquilo que existe, conhecida como as dez categorias do ente. Tudo que existe na realidade pode ser classificado, em maior ou menor grau, em cada uma destas categorias. Pois bem, a matemática estuda basicamente uma destas dez categorias, a categoria da quantidade. Para Aristóteles, a matemática é a abstração do acidente da quantidade. Assim, a matemática nada mais é do que o estudo de uma parte da realidade, enquanto esta se manifesta em suas formas e quantidades. Sendo assim, se a Filosofia é o estudo da realidade e da verdade sobre todas as coisas, serve-lhe também a Matemática de poderoso auxílio.

A Matemática é a Ciência das grandezas mensuráveis (a Ciência da quantidade). Chama-se grandeza tudo quanto é suscetível de aumento ou diminuição, como a extensão, o tempo, o peso, o movimento, etc. Porém a matemática considera somente

[4] Cumpre notar, no entanto, que a matemática não é uma arte, e sim uma ciência, pois trata de coisas necessárias, e não contingentes.

aquilo que é mensurável, não levando em conta as abstrações das qualidades físicas e sensíveis de uma grandeza, como a cor, o belo e o útil, por exemplo. Ao considerarmos somente o mesurável, teremos uma ideia das grandezas, que são do domínio das Ciências Matemáticas. Podemos dizer, portanto, como afirma Santo Tomás, que a matemática tem como sujeito a quantidade.

Para entender o que a matemática estuda, servir-nos-emos de um trecho das Sagradas Escrituras: Deus dispôs "tudo com medida, número e peso" (Sb 11,20). É este número, esta medida ou forma o que o matemático procura quando observa a realidade. No entanto, diferentemente do artista, que procura as formas específicas daquilo que procura retratar, o matemático procura as formas imutáveis e eternas. Enquanto o artista se preocupa com os efeitos dos raios solares sobre uma paisagem, o matemático analisa o formato circular do Sol. Os raios solares se esvaem, e, à vista do artista, a paisagem se altera. No entanto, a forma circular do Sol permanece, ainda que agora seus raios incidam nos campos do outro lado do mundo. Há algo em comum entre o Sol e a íris do olho humano, entre as rodas de um carro e um bambolê de uma criança: seu formato circular. E, embora nenhuma destas coisas sejam círculos perfeitos – que afinal só existem enquanto definição e não empiricamente – , todas elas fornecem formas mais ou menos regulares que nos permitem elaborar o conceito de círculo. E este conceito, uma vez elaborado, já não precisa de nenhuma correspondência com coisas concretas: o círculo existe, suas propriedades são eternas e imutáveis, e, se alguém as utiliza erroneamente, o erro está no homem e não na Matemática.

Mais simples do que entender as formas é entender os números. Imagine três lápis, três casas, três pessoas, três janelas. Qual é a relação entre todas essas coisas? A quantidade. E curiosamente, depois de contar todas essas coisas, podemos considerar apenas o número três, como se fosse ele mesmo algo por si mesmo, sem levar em consideração os objetos a que se refere. E podemos combiná-lo com outras tantas quantidades: 3 mais 2 são 5, e dizer o contrário é novamente erro humano, e não da realidade, não da matemática. Em sua obra intitulada O Livre-arbítrio, Santo Agostinho diz que existe algo imutável, que não perde sua essência e que não se transforma, independentemente do gosto ou da maneira como cada um o utiliza: o Número! Não importando como serão utilizados, a essência e verdade dos números nunca serão alteradas. Acreditar ou não que a soma de quatro e três resulta em sete não mudará a realidade desta constatação, e isto é um fato imutável em todos os países, para todas as culturas.

Sendo assim, pelo caráter de imutabilidade, de eternidade, a matemática apresenta mais uma vez grande utilidade para o estudo da filosofia. Platão, mais uma vez, estava certo.

E, nesta disciplina, o rigor nas definições, as demonstrações incontestáveis dos teoremas, a necessidade de delimitar o que se está estudando e de compreender bem os pressupostos para cada uma das demonstrações são capazes de dar à alma uma fineza e uma agudeza de inteligência que saberá se debruçar sobre qualquer estudo, procurando sempre os pressupostos ali adotados e as consequências dali tiradas. Pressupostos falsos, consequências falsas; pressupostos verdadeiros, consequências verdadeiras. Assim, a Matemática torna-se um bastião de que a verdade absoluta deve, necessariamente, existir. Mais uma vez o estudo da matemática demonstra sua utilidade no estudo da filosofia, ou, por melhor dizer, da metafísica. E não existe conhecimento natural mais sublime do que o conhecimento da metafísica.

Então, a matemática possui a finalidade de preparar o espírito humano para compreender melhor todas as coisas, de maneira especial a metafísica. E por que é tão importante estudar metafísica? Porque esta disciplina é escrava da disciplina por excelência, a Teologia, estudo mais sublime que existe. Se é verdade que o fim último do homem é dar glória a Deus, é também verdade que buscar conhecê-Lo muito contribui para alcançar este fim. Assim, provada está a posição de Platão, provada está a importância da Matemática.

E curiosamente ela apresenta também uma utilidade para as ciências teológicas. Os Santos da Igreja, profundos conhecedores da Palavra que são, também escrevem em consonância com estas palavras. O Doutor e Santo Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) escreve que, "sem os recursos da Matemática não nos seria possível compreender muitas passagens da Santa Escritura", e para São Jerônimo (347-420 d.C.) "a Matemática possui uma força maravilhosa capaz de nos fazer compreender muitos mistérios de nossa fé".

Os números nos são absolutamente necessários, e, como seres dotados de razão, somos os únicos a captá-los, entendê-los e utilizá-los. Diz-nos Santo Isidoro (560-636 d.C.):

"Em alguma medida, nossa vida dá-se sob a ciência dos números: por ela sabemos as horas, acompanhamos o curso dos meses, sabemos quando retorna cada época do ano. Pelo número aprendemos a evitar enganos. Suprimido o número de todas as coisas, tudo perece. Se se tira o cômputo dos tempos, tudo ficará envolto na cega ignorância e o homem não se pode diferenciar dos animais, que ignoram os procedimentos de cálculo".

Observada a imutabilidade dos números e das leis matemáticas, estaremos preparados para meditar e contemplar a imutabilidade do que é Divino e Eterno, por exemplo os Dez Mandamentos, os dogmas da Santa Igreja Católica e a essência de toda a Criação, que nos remeterão sempre ao Imutável Criador de toda a imutabilidade, ou seja, ao próprio Deus.

Orientações

Dado que a matemática pode ser um caminho para conhecer Nosso Senhor Jesus Cristo e compreender mais profundamente os mistérios de seu plano de salvação, faz-se necessário conhecer, antes de tudo, a própria Matemática, seus fundamentos e suas leis. Esperamos que este conteúdo possa ser útil neste processo, e para isso é preciso seguir com humildade e paciência algumas orientações:

1º Este material didático foi dividido em lições; cada volume possui 16 lições que devem ser estudadas durante um mês. Em um mês geralmente temos quatro semanas: o estudante deverá estudar quatro lições por semana.

2º O estudante desta etapa deverá operar cálculos complexos, porém não somente mecanicamente, mas atendo-se a entender a essência e o fundamento do que será feito. O estudante não precisa terminar rapidamente as tarefas, ou adiantar conteúdos para provar que é capaz. Isso é orgulho. Uma vez aprendido um conteúdo, ele ficará gravado na memória e será usado sempre que necessário para compreensão de uma nova gama de lições. Por isso, é importante que o estudante só passe para o próximo conteúdo quando aprender de maneira satisfatória aquele que está estudando.

3º O aluno nunca deve perder de vista que não é detentor do conhecimento, ou seja, ele ainda não sabe e está em processo para aprender. Assim sendo, é função dos responsáveis fomentar diariamente a virtude da humildade em seus aprendizes, antes de começar cada novo aprendizado.

4º O método de ensino utilizado neste material didático exige a abstração como ferramenta para aprender matemática. Iremos desenvolver a abstração dos estudantes, para que estejam capacitados ao aprendizado da filosofia e de todas as outras matérias, já que a abstração matemática aprimora o pensamento.

5º Ao final de cada lição o estudante encontrará o tópico "Atividades". Neste tópico é importante que o responsável verifique e corrija tudo o que o estudante fizer. O uso da régua é fundamental para desenhos, tabelas e gráficos. As atividades devem ser realizadas depois de estudar a lição.

6º Quanto aos procedimentos de avaliação, temos três sugestões:

- Um resumo oral para os reponsáveis sobre o que foi aprendido naquela semana.
- Os próprios exercícios no caderno.
- A avaliação a cada dois volumes.

7º É preciso também ter prudência para não elevar a Matemática a algo maior do que é – embora seu papel para chegar à contemplação seja de maior importância –, como se aprendê-la tivesse como consequência o abandono do estudo das outras disciplinas. Tudo o que você irá aprender só trará benefícios à sua alma se antes existir uma profunda intimidade com Nosso Senhor Jesus Cristo e se houver empenho no conhecimento da Filosofia, dedicação e disciplina na aquisição do aprendizado em todas as outras ciências, como a História, a Geografia, as Artes, etc., e exímio domínio da Língua Portuguesa.

LIÇÃO 1

Notações Numéricas

OS diferentes sistemas de numeração que foram encontrados ao longo da história causam verdadeiro interesse aos matemáticos. Ora encontramos um povo que tinha por base o número 5, ora um povo que tinha por base o número 20; alguns se aventuraram em um sistema de base 12, e até houve quem utilizasse um sistema de base 60. Cada um destes povos atribuía um vocábulo e um símbolo diferente para a representação do número. Veja os exemplos a seguir:

a) 80 em francês se diz *quatre-vingt*, que pode ser traduzido como *quatro vintes*, o que demonstra um resquício de um sistema de base 20 na França.

b) A civilização babilônica utilizava o sistema de base 60, e influenciou o modo pelo qual computamos o tempo – 60 segundos, 60 minutos –, e pelo qual medimos os graus de uma circunferência – que tem 360 graus, número múltiplo de 60.

c) Muitas tribos indígenas utilizavam um sistema de base 5, que se comprova pelos vocábulos atribuídos aos números. Assim, o número 5 é, para eles, o mesmo que podemos traduzir para "uma mão"; o número 6 como "uma mão e um dedo"; o número 10 como "duas mãos"; o número 20 como "um índio".

E não somente os sistemas de numeração eram dos mais diversos, mas também o eram os símbolos que eram utilizados em cada um deles. Veja os exemplos:

a) Os egípcios representavam o número 1 por um traço vertical, o 10 por uma ferradura, o 100 por um rolo de corda, etc.

b) Os chineses representavam os números com diversos símbolos, como podem ser vistos ao lado:

一	1	六	6	百	100
二	2	七	7	千	1000
三	3	八	8	萬	10000
四	4	九	9		
五	5	十	10		

Entretanto, o que mais salta aos olhos quando estudamos os diferentes sistemas de numeração é o fato de que aquele que mais apareceu, que mais teve lugar entre as diferentes culturas e povos, foi o sistema de numeração decimal. Isso aconteceu muito provavelmente porque

temos 10 dedos, e não é à toa que denominamos os números por dígitos, que deriva do latim *digitus*, que significa *dedo*. Assim, o sistema de numeração decimal claramente saiu vitorioso entre todos os sistemas de numeração, e permitiu os mais variados avanços na ciência aritmética.

▶ Atividades

1. Procure traduzir os seguintes números do francês e escreva como ficaria o nome de cada um deles em português:

a) 60: soixante = _____.

b) 70: soixante-dix = _____.

c) 80: quatre-vingt = _____.

d) 90: quatre-vingt-dix = _____.

e) 95: quatre-vingt-quinze = _____.

2. Muitas tribos indígenas utilizavam os dedos das mãos e dos pés para se referir aos números. Acompanhe a tabela a seguir:

VOCÁBULO	VALOR
MÃO INTEIRA	5
DUAS MÃOS	10
PÉ INTEIRO	15 (Pois contar os dedos do pé significa que já se contaram os dez da mão.)
HOMEM	20

Sendo assim, utilize os algarismos atuais para representar as seguintes quantidades:

a) Mão inteira e três dedos da outra mão.

b) Mão inteira e um dedo da outra mão.

c) Pé inteiro e dois dedos do outro pé.

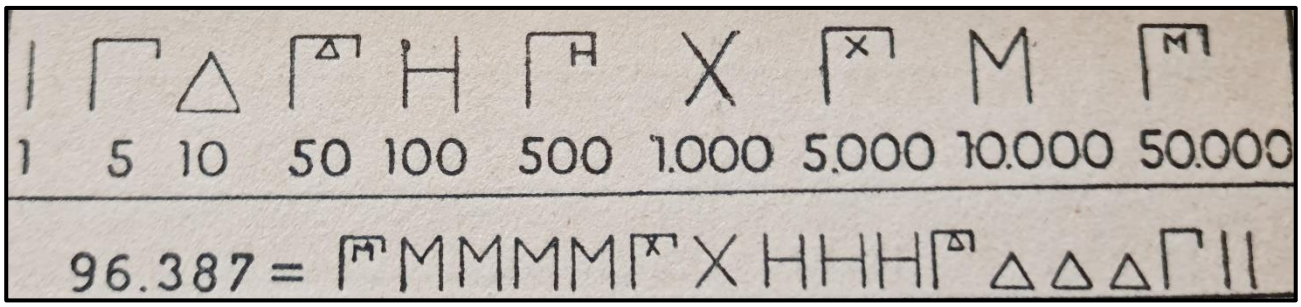
d) Dois homens.

e) Três homens e duas mãos.

f) Dois homens e o pé inteiro do terceiro homem.

g) Quatro homens, pé inteiro e três dedos do outro pé do quinto homem.

3. O sistema jônico de numeração funciona com o método aditivo de símbolos. Assim, eles possuem alguns símbolos que podem ser somados uns aos outros para obter os mais variados números. Veja:



Os símbolos utilizados para representar o 96.387 foram somados. Desta maneira: 96 387 = 50.000 + 10.000 + 10.000 + 10.000 + 10.000 + 100 + 100 + 100 + 50 + 10 + 10 + 10 + 5 + 1 + 1.

Utilize os símbolos jônicos para representar os sequintes números:

a) 8.

b) 15.

c) 89.

d) 11.424.

e) 3.333.

LIÇÃO 2

Numerais Egípcios

A palavra numeral é o nome que se dá ao símbolo escrito dos números. Um exemplo simples para entender esse conceito é pensar nos diversos símbolos que utilizamos para escrever o número quatro:

QUATRO	4
IV	4

Todos os símbolos representam o número quatro em todos os conjuntos de quatro itens: Quatro carros, 4 Casas, IV horas.

Como vimos, símbolos diferentes podem representar a mesma coisa, pois os numerais foram sendo modificados ao longo dos séculos.

Vamos estudar os numerais que tiveram maior importância na história, e para isso iniciaremos com os numerais egípcios.

Numerais Egípcios

Estudando a história do povo hebreu, deparamos com a história de José do Egito, filho de Jacó, que em meio às suas desventuras foi socorrido pela Divina Providência, que o elevou à categoria de govenador junto ao faraó. Assim, trouxe para morar no Egito o seu pai, junto com todos os seus irmãos e família. Dessa forma, o povo hebreu estabeleceu-se no Egito.

Os egípcios foram grandes matemáticos, e diz Santo Isidoro de Sevilha que foram eles os que desenvolveram os primórdios da geometria.

A escrita desse povo era toda feita por figuras e desenhos, e os números não eram diferentes. Para os egípcios cada figura representava um valor numérico único, independentemente da posição em que estivesse. A composição de qualquer número egípcio é sempre feita pela soma dos símbolos listados abaixo. Cada número poderia

ser repetido até nove vezes, e um novo símbolo seria criado caso fosse necessário repeti-lo mais uma vez.

Vejamos a tabela abaixo:

SÍMBOLO	NOME	VALOR CORRESPONDENTE
	Bastão	1
	Calcanhar	10
	Rolo de corda ou papiro	100
	Flor de lótus	1.000
	Dedo dobrado	10.000
	Sapo ou girino	100.000
	Homem ajoelhado	1.000.000

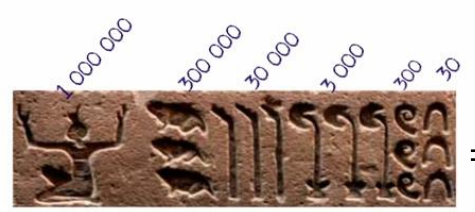
Primeiro exemplo:

	1 + 1 + 1 = 3
	1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 = 9
→	10
	1.000 + 1.000 + 100 + 1 + 1 + 1 + 1 = 2.000 + 100 + 4 = 2104
	10 + 10 + 10 + 10 + 10 + 1 = 50 + 1 = 51

Perceba que na segunda linha de nossa coluna o símbolo é repetido até nove vezes, o que representa o número nove. Logo na terceira linha temos um novo

símbolo, para representar o número dez após um mesmo símbolo ser repetido nove vezes.

Segundo exemplo:



= 1.333.330

O grande problema da numeração dos egípcios é que eram precisos cada vez mais símbolos para representar um novo número, o que dificultava o avanço no pensamento matemático, uma vez que poucos eram capazes de guardar tantos símbolos.

O povo hebreu, que veio através de José do Egito, foi crescendo cada vez mais e tornou-se forte na terra do Egito, o que causou grande preocupação ao novo faraó, que não tardou em aplicar-lhes as mais duras penas e escravizá-los.

Vendo todo o sofrimento de Seu povo, Deus suscitou um libertador, de nome Moisés, que retirou, não sem oposição do faraó, os hebreus das mãos infernais de tão tirano governador. Eis então que o povo é conduzido à Terra Prometida, uma terra onde "jorra leite e mel" (Ex 3, 8). Após permanecer longos anos nesta terra que lhes foi dada pela Divina Providência, o povo mostrou-se infiel a Deus, preferindo a companhia dos pagãos e de seus deuses à d'Ele. Então Deus permitiu que seu povo caísse nas mãos do cruel Nabucodonosor, e o longo exílio da Babilônia teve seu início.

▶ Atividades

1. O que é um numeral?

2. Quais são os símbolos que os egípcios utilizavam para representar um número? Que operação eles utilizavam para escrever os números?

3. Escreva, utilizando o sistema de numeração dos egípcios, os seguintes números:

a) 110

b) 243

c) 1412

d) 974

LIÇÃO 20

Multiplicação de potências de mesma base

Perceba que na introdução da lição 2 deste volume utilizamos a palavra **miríades**, que pode representar tanto uma imensidão como o número 10.000. Acontece que este número pode ser escrito como $10 \,.\, 10 \,.\, 10 \,.\, 10$, que por sua vez pode ser escrito como 10^4. Este era o maior número conhecido, e é por isto que muitas vezes o termo miríades aparece nas Sagradas Escrituras (Gn 24, 60; Nm 10, 36; Dt 33, 17; Sl 143, 13; Hb 12, 22; Ap 5, 11). Também é possível encontrar "miríades de miríades", que seria a multiplicação de 10.000 por 10.000. Preste atenção a esta multiplicação e às conclusões que podemos tirar dela:

Exemplos

1) Sabemos que

$$10.000 = 10^4$$

Portanto,

$$10.000 \,.\, 10.000 = 10^4 \,.\, 10^4$$

Sabemos também que

$$10.000 \,.\, 10.000 = 100\ 000\ 000$$

Logo, se $10.000 \,.\, 10.000 = 10^4 \,.\, 10^4$
e $10.000 \,.\, 10.000 = 100.000.000$ } **Então,** $100.000.000 = 10^4 . 10^4$

Sabemos que 100.000.000 pode ser escrito como:

$$10 \,.\, 10 \,.\, 10 \,.\, 10 \,.\, 10 \,.\, 10 \,.\, 10 \,.\, 10$$

E que, por sua vez, pode ser escrito como 10^8.

Logo, se $100.000.000 = 10^4 \,.\, 10^4$

e $100.000.000 = 10^8$

Então, $10^4 \,.\, 10^4 = 10^8$

O resultado encontrado apresenta algo muito interessante nos expoentes. Se você é um bom observador, perceberá que a soma dos expoentes (4 + 4) de $10^4 \cdot 10^4$ é igual ao expoente encontrado no resultado final 10^8. Isto acontecerá sempre que tivermos a multiplicação de duas potências de mesma base. Essa é uma das propriedades que podemos encontrar na operação entre potências. Vamos estudar essas propriedades.

Uma propriedade é uma verdade matemática que se verifica ("sempre dá certo") utilizando qualquer número.

Multiplicação de potências de mesma base

Vamos observar a multiplicação de potências de mesma base e estabelecer qual será o algoritmo para resolver os problemas em que tal situação se apresenta.

Exemplos

1) Dada a multiplicação de

$$2^5 \,.\, 2^3$$

Resolvendo as potências:

$$\underbrace{2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2}_{2^5} \,.\, \underbrace{2 \,.\, 2 \,.2}_{2^3}$$

Perceba que 2 . 2 . 2 . 2 . 2 . 2 . 2 . 2 pode ser escrito como 2^8, logo:

$$\boxed{2^5 \,.\, 2^3 = 2^8}$$

De fato, vamos verificar de mais uma forma se $2^5 \cdot 2^3$ são iguais a 2^8. Sabemos que:

$2^5 = 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 = 32$

$2^3 = 2 \,.\, 2 \,.\, 2 = 8$

$2^8 = 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 = 256$

Então:

$$2^5 \,.\, 2^3 = 2^8$$

$$32 \,.\, 8 = 256$$

$$\boxed{256 = 256} \checkmark$$

Portanto, como a igualdade é verdadeira, está provado que de mais uma forma $2^5 \cdot 2^3$ são iguais a 2^8.

Observando novamente os expoentes, fica claro que no resultado se conservou a base e se somaram os expoentes. Portanto, o enunciado da Propriedade da Multiplicação de Potências de Mesma Base é:

Dada uma multiplicação de potências de mesma base, o resultado se obtém conservando a base e somando os expoentes:

$$a^b \cdot a^c = a^{b+c}$$

Com *a, b e c* podendo ser quaisquer números naturais.

2) Encontre o resultado de $3^4 \cdot 3^2$.

Resolução: Poderíamos resolver aplicando as potências, ou, ainda, aplicando a propriedade de potências de mesma base. Vamos resolver das duas formas:

Aplicando as potências:

$$3^4 = 3 \,.\, 3 \,.\, 3 \,.\, 3 = 81$$

$$3^2 = 3 \,.\, 3 = 9$$

Logo, $3^4 \cdot 3^2 = 81 \cdot 9 = 729$.

Aplicando agora a propriedade:

$$3^4 \cdot 3^2 = 3^{4+2} = 3^6 = 3 \cdot 3 \cdot 3 \cdot 3 \cdot 3 \cdot 3 = 729$$

Resposta: $3^4 \cdot 3^2 = 3^6 = 729$.

3) Descubra o valor de $2^3 \,.\, 2^5$

Resolução: Aplicando diretamente a propriedade:

$$\begin{aligned} 2^3 \,.\, 2^5 &= 2^{3+5} \\ &= 2^8 \\ &= 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \,.\, 2 \\ &= 256 \end{aligned}$$

Resposta: $2^3 \cdot 2^5 = 2^8 = 256$.

Esta propriedade facilita muito se soubermos alguns resultados decorados. Procure decorar as potências que estão na tabela a seguir e peça a alguém que faça uma chamada oral com você.

Potências de base 2	Potências de base 3	Potências de base 5
$2^1 = 2$	$3^1 = 3$	$5^1 = 5$
$2^2 = 4$	$3^2 = 9$	$5^2 = 25$
$2^3 = 8$	$3^3 = 27$	$5^3 = 125$
$2^4 = 16$	$3^4 = 81$	$5^4 = 625$
$2^5 = 32$	$3^5 = 243$	
$2^6 = 64$	$3^6 = 729$	
$2^7 = 128$		
$2^8 = 256$		
$2^9 = 512$		
$2^{10} = 1024$		

Decorados esses valores, que normalmente aparecem mais do que os outros, ficará fácil resolver multiplicações aplicando a Propriedade da Multiplicação de Potências de Mesma Base.

Exemplos

1) Calcule $2^4 \cdot 2^5$

Resolução: Aplicando a propriedade:

$$2^4 \cdot 2^5 = 2^{4+5} = 2^9$$

Pela tabela, $2^9 = 512$. Logo,

$$2^4 \cdot 2^5 = 2^9 = 512$$

2) Calcule $3^2 \cdot 3^2 \cdot 3^2$

Resolução: Aplicando a propriedade:

$$3^2 \cdot 3^2 \cdot 3^2 = 3^{2+2+2} = 3^6$$

Pela tabela, $3^6 = 729$. Logo,

$$3^2 \cdot 3^2 \cdot 3^2 = 3^6 = 729$$

▶ Atividades

1. Reduza a uma só potência:

a) $3^{26} \cdot 3^{12}$

b) $2^{145} \cdot 2^{97}$

c) $2^{31} \cdot 2^{32} \cdot 2^{33}$

d) $10^{40} \cdot 10^{35} \cdot 10^{60} \cdot 10^{75}$

2. Aplique a propriedade da multiplicação de potências de mesma base, reduza a uma só potência e calcule o valor (quando possível):

a) $2^3 \cdot 2^5 = 2^{3+5} = 2^8 = 2 \cdot 2 \cdot 2 \cdot 2 \cdot 2 \cdot 2 \cdot 2 \cdot 2 = 256$

b) $2^8 \cdot 2^3$

c) $2^5 \cdot 2^2 \cdot 2$

d) $10^4 \cdot 10^3 \cdot 0^6 \cdot 10^7$

e) $3^6 \cdot 3^2$

3. Qual é o expoente que deve ser colocado em lugar do * ?

a) $5 . 5 . 5 = 5^*$

b) $5 . 5 = 5^*$

c) $5 = 5^*$

d) $1 = 5^*$

4. Sabendo que $5^7 = 78.125$, calcule:

a) Quanto é 5^8?

b) Quanto é 5^9?

LIÇÃO 21

Multiplicação de potências

A recíproca da Propriedade da Multiplicação de Potências de Mesma Base

A palavra 'recíproca' deve ser entendida como "ação oposta; inverso". Sabemos também que em uma sentença matemática se existe um sinal de igual pode ser lida da esquerda para a direta ou da direita para esquerda, de tal forma que ela sempre continua verdadeira.

$3 + 1 = 4$

Podemos ler:

Da esquerda para a direita: 3 + 1 é igual 4.

Da direita para a esquerda: 4 é igual a 3 + 1.

Ambas as afirmações são verdadeiras!

Por esse motivo, pela recíproca da Propriedade da Multiplicação de Potências de Mesma Base entendemos que, por exemplo, se $2^6 . 2^6$ são iguais a $2^{6+6} = 2^{12}$, então

$$2^{12} = 2^{6+6} = 2^6 \cdot 2^6$$

Exemplos

1) Calcule 2^{12}.

Resolução: Poderíamos repetir o número 2 doze vezes. No entanto, pensemos na recíproca:

2^{12} pode ser escrito como 2^{6+6}

Pela recíproca da propriedade $2^{6+6} = 2^6 . 2^6$

Portanto, calcular 2^{12} é o mesmo que calcular $2^6 . 2^6$

Sabemos que: $2^6 = 64$

Logo, $2^6 . 2^6 = 64 . 64 = 4\,096$

Multiplicar 64 por 64 é mais prático do que multiplicar o número 2 doze vezes.

2) Calcule 3^{11}

Resolução:

3^{11} pode ser escrito como 3^{5+6}

Pela recíproca da propriedade $3^{5+6} = 3^5 . 3^6$

Portanto, calcular 3^{11} é o mesmo que calcular $3^5 . 3^6$

Sabemos que: $3^5 = 243$ e $3^6 = 729$

Logo, $3^{11} = 3^5 . 3^6 = 243 . 729 = 177.147$

Multiplicar 243 por 729 é mais prático do que multiplicar o número 3 onze vezes.

▶ Atividades

1. Calcule as potências utilizando a recíproca da propriedade da multiplicação de potências de mesma base:

a) 2^{15}

b) 2^{23}

Ciências

Introdução

Caríssimos responsáveis e alunos,

Este material tem o objetivo de, a partir do conhecimento do mundo natural, mais especificamente com ajuda da ciência natural, auxiliar o desenvolvimento do pensamento, da meditação e da contemplação, ações necessárias para que se alcance a sabedoria e se tenha sempre a mente em Deus e nas coisas divinas.

Para alcançarmos este objetivo tão importante rumo à santidade, procuraremos, ao longo deste ano de estudo, possibilitar uma maior compreensão da obra da Criação, do próprio Criador e da Pessoa Humana, criada à imagem e semelhança de Deus.

Sugerimos que este estudo seja realizado duas vezes por semana, ou conforme os responsáveis preferirem, mas em cada semana o estudante deverá realizar a leitura e a compreensão do conteúdo, bem como as atividades sugeridas, para melhor entendimento daquele. As atividades deverão ser corrigidas semanalmente pelos responsáveis, que poderão esclarecer qualquer dúvida com a professora responsável na tutoria.

Vamos começar?

LIÇÃO 1

O que é ciência?

A palavra **ciência** vem do latim (*scientia*) e significa *conhecimento*. Ciência, portanto, é uma forma de conhecimento, ou seja, de conhecer as coisas, de estudar as realidades existentes, de saber melhor sobre elas.

Conhecer algo não é simplesmente saber um pouco sobre algo, mas é compreender o que se estuda de forma profunda, ou seja, não apenas observando os fatos (acontecimentos), mas procurando entender as razões, as causas do que se observa.

Entender a causa das coisas é entender o que se estuda da melhor forma possível, pois é compreender o que cada coisa é.

Por exemplo, ao observamos a água em um copo, sabemos que ela existe, que é um líquido sem cheiro, sem cor e sem gosto; temos um pouco de conhecimento sobre a água, o que é um princípio de ciência. Ter uma verdadeira ciência profunda sobre a água é saber, por exemplo, que ela é formada por substâncias menores (o oxigênio e o hidrogênio), que foi criada por Deus para que os seres vivos pudessem existir (conforme Gênesis 2,4-5), e, ainda mais, que é a água derramada sobre a cabeça no batismo o que permite o nascimento para uma vida nova e verdadeira, em Cristo, de modo a tornar a pessoa filha de Deus, parte da Igreja. Mesmo que não tenhamos escrito tudo o que se pode conhecer sobre a água, podemos entender com esse exemplo que ter a ciência das coisas é procurar este conhecimento mais profundo, que busca a causa, a função e o objetivo de as coisas existirem.

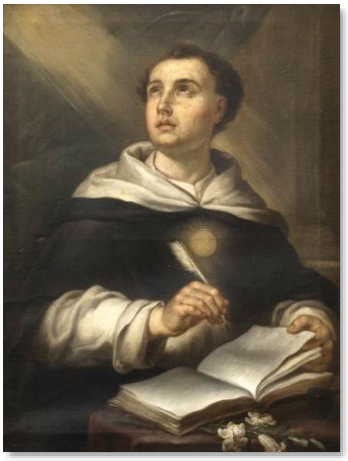
Vitral representando o batismo de Jesus

Outro exemplo: ao observarmos o mundo ao nosso redor, o céu azul, o Sol que todos os dias vai e volta iluminando o dia, as belas aves, as árvores verdes com suas

sombras frescas, a chuva caindo para refrescar o calor... vemos em meio a tudo uma beleza e uma ordenação extraordinárias.

Isso certamente nos leva a pensar de onde veio tudo, quem criou toda esta maravilha, e não é difícil chegar à conclusão de que só existe ordem onde há uma inteligência que tudo ordena... Isso já é um princípio de ciência, pois contemplando a natureza conseguimos saber que ela provém de Deus. Mas ainda não é uma ciência profunda sobre Deus, pois, para que O conheçamos a Ele profundamente, é necessário mais.

Santo Tomás de Aquino (imagem a direita) é um santo Doutor da Igreja porque seus muitos livros e ensinamentos nos ajudam a conhecer melhor a Deus e a Sua vontade. Este santo nos ensina também sobre Ciência no início de uma obra chamada *Suma Teológica* (um "resumo" de várias coisas importantes que saber sobre Deus e sua doutrina). Santo Tomás foi um homem muito sábio, e tinha o dom da ciência, ou seja, de conhecer profundamente as coisas, o que elas são, a causa delas. Ele nos ensina o seguinte sobre ciência:



Santo Tomás de Aquino, Doutor da Igreja

Existem dois tipos de ciência:

1) A ciência que se faz a partir do conhecimento de realidades que podem ser vistas, observadas, e são passíveis de ser estudadas pela luz natural da inteligência. São exemplos a matemática, a lógica, a biologia.

2) A ciência que se faz a partir do conhecimento de realidades que são superiores à luz natural da inteligência, pois tem origem na revelação feita por Deus. É o caso da Ciência Sagrada ou Teologia.

Neste material estudaremos as ciências naturais, e a seguir veremos detalhadamente o que ela estuda e seu método. Mas primeiro vamos entender por que o ser humano tem o desejo de conhecer as coisas.

O desejo natural de saber

Santo Tomás de Aquino, também em sua *Suma Teológica*, ensina-nos que a criatura racional (que é o ser humano, como estudaremos mais adiante) tem o desejo natural de saber tudo, o que constitui a perfeição do intelecto, ou seja, de sua inteligência. E o que constitui a perfeição do intelecto é conhecer o que as coisas são, seu ser, e sua causa (suas razões), razão por que a verdadeira ciência contribui com o desejo natural de saber que toda pessoa tem.

É interessante ainda o que o Santo nos acrescenta: ele diz que outros conhecimentos (como as coisas que não existem e que Deus poderia fazer) não fazem parte da perfeição do intelecto, e por isso não temos um desejo natural desses conhecimentos.

Utilizando-se dos ensinamentos de Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino explica ainda algo maravilhoso: conhecer a Deus profundamente é o que permite a maior perfeição do intelecto, uma vez, que conhecendo a Deus, conhecemos Aquele que é a fonte e o princípio de tudo o que existe e de toda a verdade. Portanto, ao conhecermos profundamente a Deus, o nosso desejo natural de saber é totalmente preenchido, a tal ponto que nada mais se buscará além de estar com Deus. Mas conhecer a Deus perfeitamente é impossível para nós nesta vida terrena, uma vez que temos um intelecto limitado.

As diferentes formas de conhecimento são importantes para que o intelecto humano possa ir se aperfeiçoando e conhecendo a verdade.

Ciências Naturais

As Ciências Naturais, também chamadas Ciências da Natureza, estudam os entes móveis ou materiais, não viventes ou viventes, naquilo que têm de necessário. Procuram compreendê-los por suas causas.

Compreendamos melhor a definição acima:

"As Ciências Naturais [...] estudam os entes móveis ou materiais [...]".

Os entes são os diferentes "seres" existentes. Apesar de o termo "ser" estar mais presente na linguagem comum, o termo correto para designar algo que existe é ente, isto é, ente é tudo aquilo que seja material ou espiritual, e o ente criado por Deus é mantido por Ele na existência. Por exemplo, uma pedra é um ente, pois existe; uma pessoa é um ente, pois existe; um anjo é um ente, pois existe. São os entes materiais que são o objeto de estudo da ciência natural.[5]

Todos os entes materiais são móveis, isto é, apresentam movimento. É importante compreender, no entanto, que movimento não significa simplesmente uma mudança física de lugar (ir de um lugar a outro). Movimento inclui todas as alterações observáveis no mundo real. São exemplos de movimento: deslocamento, mudança de cor, de temperatura e de consistência, crescimento, as transformações em geral.

[5] Como vimos, os anjos também são entes, mas são puro espíritos. Os entes espirituais não fazem parte do estuda da ciência natural.

"[...] não viventes ou viventes [...]".

Todos os entes materiais, como vimos acima, são móveis, isto é apresentam movimento. No entanto, o movimento dos entes pode ser de dois tipos, e isso os diferencia em entes não viventes ou entes viventes. Os dois tipos de movimentos são:

– Movimento transeunte: é aquele que passa de um ente a outro; ou aquele movimento pelo qual um ente move outro ente.

– Movimento imanente: é aquele que permanece no próprio ente, ou aquele pelo qual um ente é capaz de mover-se a si mesmo. Os movimentos imanentes contrapõem-se aos transeuntes.

Os viventes são os entes capazes de produzir movimento imanente, isto é, capazes de mover-se a si mesmos de algum modo. Compreendamos melhor com dois exemplos:

Pensemos em uma rocha (pedra). Ela existe (possui o ser), mas pode mover-se (de lugar) apenas com uma força externa (quando uma pessoa atira a rocha para longe, por exemplo). Ela também não consegue por si mesma crescer ou quebrar-se. Qualquer movimento (mudança de propriedade) que realize se dá por uma causa externa. A rocha, portanto, é um ente não vivente.

Pensemos agora em uma planta (uma árvore, por exemplo). Ela existe (possui o ser) e pode mover-se a si mesma (o movimento da planta ocorre quando ela se alimenta, cresce, ou realiza qualquer atividade para manter-se viva). Ela é, portanto, um vivente, mas não é a causa primeira de seu movimento; ela realiza naturalmente aquilo que é conforme sua natureza, que lhe foi dada por Deus.

Desse modo, concluímos que a diferença entre os entes não viventes e viventes se dá conforme o tipo de movimento que eles realizam.[6]

"[...] naquilo que têm de necessário [...]".

Há o necessário e o contingente.

Necessário é tudo aquilo que conforme a natureza do ente se dá de determinado modo, não podendo ser de outro modo. Por exemplo, o ente é determinado, não podendo ser outro ente. São as coisas necessárias aquelas que o intelecto busca conhecer.

Contingente é tudo o que se dá de modo variável, não seguindo as leis da natureza do ente, podendo mudar. O contingente não faz parte daquilo que o intelecto busca conhecer, pois pode dar-se de um modo ou de outro, é algo imperfeito.

"[...] Procuram compreendê-los por suas causas."

O modo pelo qual as Ciências Naturais estudam os entes materiais é principalmente por meio de suas causas, isto é, procura compreender a causa material, formal, eficiente e final do ente.

A causa material corresponde à matéria prima, da qual o ente é feito. A causa formal corresponde àquilo que dá forma ao ente, isto é, que faz o ente ser o que é. Essas duas causas explicam a constituição dos entes.

A causa eficiente é aquilo que deu origem ao ente. A causa final é a finalidade do ente. Essas duas causas explicam os movimentos dos entes.

Finalizamos assim a compreensão da definição de Ciência Natural. Precisamos entender também por que é importante este estudo, e os motivos são vários. Seguem alguns:

– o estudo da natureza remove a ignorância, retirando a superstição e criando uma piedade confiante em Deus;

– a observação da natureza e de todo o universo nos permite reconhecer a ordenação de tudo, e, consequentemente, direciona-nos para Aquele que tudo criou e ordenou;

– o ser humano é a única criatura material que pode não apenas observar, mas procurar compreender o que vê, conhecer em profundidade a Criação, o sentido de as coisas existirem.

---

[6] Ainda com relação ao movimento dos entes materiais, é importante saber que o movimento de cada ente (seja imanente ou transeunte) possui uma causa externa, uma vez que, mesmo que o vivente consiga mover-se a si mesmo, ele não é a causa última de seu movimento, e possui uma causa externa para que o movimento ocorra. A diferença é que um vivente consegue mover-se a si mesmo a partir de uma causa externa, enquanto o não vivente não consegue fazer isso.

Pensemos, por exemplo, em uma floresta. Ao observarmos uma parte da floresta e tudo o que ela contém (o movimento das árvores com o vento, as aves e outros animais, as plantas que alimentam os bichos, o sol que aquece e ilumina a floresta durante o dia, o solo que serve de apoio para os seres vivos, etc.), tudo está em ordem. O mínimo que conseguirmos refletir sobre a realidade que observamos, como a floresta, já nos permite perceber quão belo e ordenado foi o que Deus fez; e como essa beleza visível na natureza só pode se originar da beleza perfeita, que é o próprio Deus Criador.

Estudando as Ciências Naturais, procuraremos conhecer em profundidade os entes criados, e assim compreender as coisas que existem e a razão de elas existirem.

"Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra."

▶ Atividades

1. Leia o texto acima duas vezes: a primeira silenciosamente, e a segunda em voz alta.

2. Faça em seu caderno um resumo do texto acima. Este resumo deve conter as seguintes explicações:

a) O que é ciência?

b) Existe um único tipo de ciência? Explique-o.

c) Por que o ser humano quer conhecer as coisas?

d) Que conhecimento pode saciar todo o desejo de saber do homem?

e) O que a Ciência Natural estuda? Explique-o.

f) Qual é a importância do estudo da ciência Natural?

LIÇÃO 5

O Cosmo

Parte I

Introdução

NO volume anterior, compreendemos o objeto de estudo da ciência natural e seu método, e analisamos a relação entre a fé e a ciência. Começamos também o estudo da ciência natural entendendo o que é a criação e a pessoa humana. Vimos que Deus criou todas as coisas do nada, materiais e espirituais.

A partir de agora, faremos o estudo dos entes materiais, que são o objeto de estudo das ciências naturais. Faremos nosso percurso de estudo das maiores realidades (como o Universo) para as menores (como as células).

Neste volume estudaremos o Cosmo, a maior realidade material conhecida.

O que é o cosmo?

Quando observamos a realidade ao nosso redor, identificamos rapidamente sua composição material, e, ainda que não a compreendamos minunciosamente, podemos observá-la, já que ela faz parte do mundo sensível, isto é, daquilo que apreendemos rapidamente pelos nossos sentidos.

Cosmo é uma palavra que vem do grego e que significa **universo**. De fato, os antigos comumente utilizavam essa palavra para se referir ao Universo e a toda a realidade criada, tanto material (como os animais, as plantas, a pessoa humana, as estrelas, a Lua) quanto espiritual (os Anjos).

Quando observamos a realidade material, aquilo que se conhece de maior é o **Universo**. Este, por sua vez, é formado por diversos astros (planetas, estrelas, entre outros corpos celestes) organizados e em movimento. Um desses corpos celestes é a Terra, o planeta em que habitamos e que por isso podemos conhecer melhor. A Terra por sua vez é formada por diversas criaturas vivas (como os animais, as plantas, a pessoa humana) e não vivas (como os minerais, a luz, entre outras).

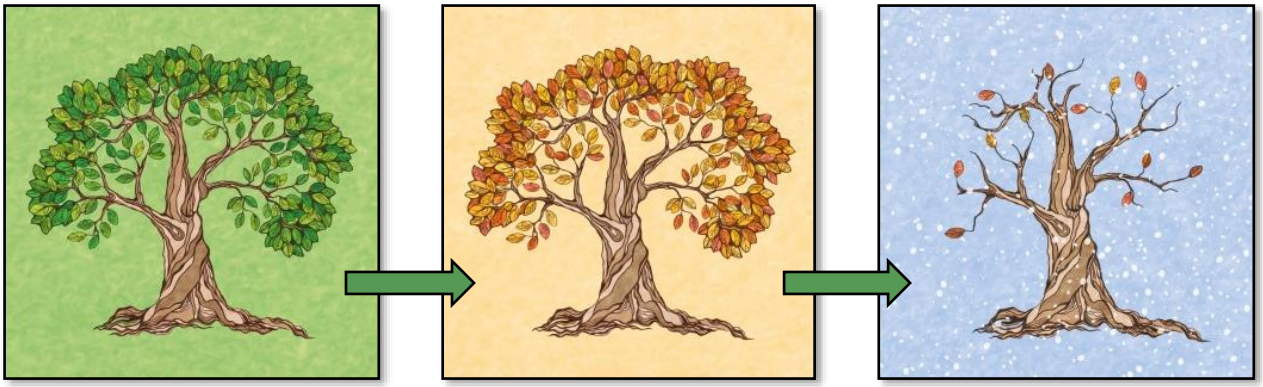
Todo o cosmo é de tal forma ordenado, que permite a existência da vida. Essa organização não acontece ao acaso, mas é um reflexo da sabedoria e providência d'Aquele que tudo criou.

Representação de uma parte do Universo.

Vimos no volume anterior que as coisas foram criadas por Deus de nada. Neste volume perceberemos que as coisas não só foram criadas, mas apresentam uma perfeita ordenação, sendo portanto governadas. Podemos perceber, segundo Santo Tomás de Aquino, que tudo o que existe é governado por Deus, principalmente pelos seguintes motivos:

1º – Em razão daquilo que se manifesta nas próprias coisas: vemos acontecer nas coisas naturais sempre (ou pelo menos na maioria das vezes) aquilo que é melhor.

Compreendamos com um exemplo: no interior das árvores existe a seiva, um líquido que leva os nutrientes das raízes até as folhas, fazendo com que estas permaneçam verdes e saudáveis, com energia para sobreviver. No entanto, no frio, o tronco da árvore fica comprimido, ou seja, fica mais fino, e se a seiva permanecer passando por ali pode arrebentar o tronco. A árvore não tem inteligência e por isso não sabe que isso vai acontecer, mas automaticamente, no inverno, ela faz com que a seiva fique nas raízes e não chegue até as folhas, fazendo com que estas fiquem todas alaranjadas e caiam dos galhos. Assim a árvore se mantém viva e perde apenas as folhas. Incrívelmente, existe na árvore uma ordenação que faz com que aconteça aquilo que é melhor para ela, pois é melhor perder as folhas do que morrer por inteiro.



As árvores decíduas perdem as folhas no frio mantendo a seiva presa nas raízes para que o tronco não arrebente.

Isso não aconteceria se as coisas naturais não fossem conduzidas por uma providência a um fim bom. A própria ordem exata das coisas demonstra, de maneira

clara, que o mundo é governado. Agora pense: quando entramos em uma casa bem arrumada, logo percebemos que alguém a arrumou. Não é possível que uma casa de repente fique organizada, com todas as coisas em seu devido lugar, sem que alguém tenha tido o trabalho de arrumar.

2º – É próprio do Excelente produzir coisas excelentes: não convém à bondade soberana de Deus não conduzir à perfeição as coisas por Ele produzidas, e, portanto, cabe à divina bondade, assim como produziu as coisas no existir, também conduzi-las ao fim para o qual foram criadas. Deus nunca erra porque é a própria perfeição. Ele poderia fazer algo ruim? Não. Tudo o que Ele criou é bom.

"Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom" (Gn 1,31).

Podemos ir ainda mais longe: Deus não apenas criou tudo, mas, por ser infinitamente bom, Ele quer conduzir as coisas para que cheguem à perfeição. Assim, Deus, além de produzir as coisas no existir, também as conduz ao fim perfeito para o qual foram criadas.

3º – Assim como nada pode existir que não tenha sido criado por Deus, da mesma forma nada pode existir que não esteja submetido ao governo de Deus.

Pense novamente no exemplo de uma casa arrumada. Imaginemos que foi a mãe quem a arrumou e que tudo está na mais perfeita ordem, pois ela cuida muitíssimo bem do lar da sua família. A sua arrumação é excelente e fica tudo lindo. Mas não adianta a mãe arrumar uma vez e nunca mais fazê-lo novamente. Para que a casa mantenha sua ordem, a mãe precisa estar constantemente trabalhando para conservar a organização. Assim como Deus, que não apenas criou tudo bom, mas também está constantemente mantendo a ordem do que Ele criou. Portanto, Deus criou e mantém todas as coisas. Se Ele deixar de pensar em algo, isso deixa de existir.

Mesmo submetidas ao governo de Deus, algumas criaturas apresentam livre-arbítrio, aquelas que são inteligentes, isto é, os Anjos e as pessoas humanas. A pessoa humana tem liberdade e deve dela utilizar em cada ação que realiza na sua vida. Isso ocorre porque ela se governa a si própria pela inteligência e pela vontade, que precisam ser regidas e aperfeiçoadas pela inteligência e pela vontade de Deus. Dessa forma, com sua liberdade, a pessoa precisa ser governada por Deus, para que ela consiga atingir o fim que Deus pensou.

Santo Tomás explica que tudo está submetido ao governo de Deus citando a frase de Santo Agostinho:

"Deus não deixou sem harmonia de suas partes nem só o céu e a terra, nem só o homem e o Anjo; nem as vísceras do menor e do mais vil dos animais, nem a pena do pássaro, nem a humilde flor dos campos, nem a folha da árvore".

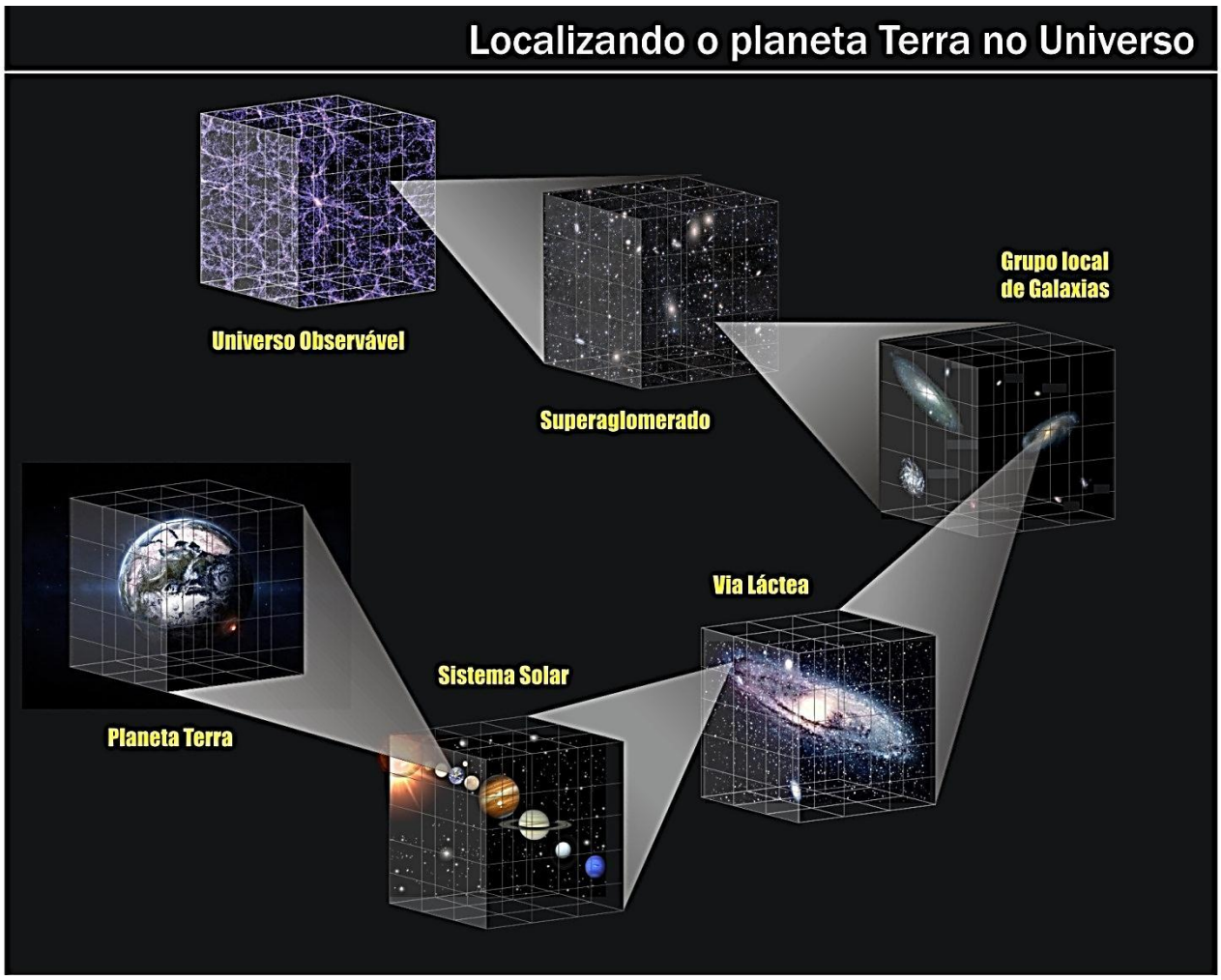
Deus por sua providência governa tudo, mas a execução desse governo pode ser de duas formas: Deus governa de maneira imediata (diretamente) ou Ele governa certas coisas mediante outras (por exemplo, através dos Anjos). Em todo caso, é impossível acontecer alguma coisa fora da ordem do governo divino, já que Ele é a causa universal de tudo.

Santo Tomás ensina que: *"O ser de qualquer criatura depende a tal ponto de Deus, que ela não poderia subsistir um instante sequer e seria reduzida ao nada, se não fosse conservada na existência pelo poder divino"*.

O Universo

O Universo pode ser considerado, até o momento, o que chamamos de Cosmo. É a maior realidade material.

O Universo é formado por inúmeras galáxias, que por sua vez são formadas por estrelas e espaço interestelar.



Veremos a seguir os principais componentes que formam o Universo:

Galáxia: é o conjunto de estrelas, nuvens de gás e poeira, planetas, cometas, asteroides e outros corpos celestes.

As galáxias podem ter diferentes formatos, divididos em espirais, elípticas e irregulares. Alguns exemplos de galáxias conhecidas são Andrômeda (é a galáxia mais perto da nossa) e Via Láctea (essa é a galáxia em que se encontra o planeta Terra), e ambas têm formato espiral.

As galáxias se agrupam em aglomerados de galáxias (que podem conter de dezenas a milhares de galáxias, e o aglomerado no qual a Via Láctea (nossa galáxia) se encontra é denominado "Grupo Local" e possui cerca de 40 galáxias. Os aglomerados de galáxias formam superaglomerados.

Os três tipos básicos de galáxias: respectivamente, Andrômeda (galáxia do tipo espiral, muito parecida com a Via Láctea e a mais próxima de nossa galáxia); Messier 87 (galáxia elíptica da constelação de Virgem, maior que a Via Láctea); e Pequena Nuvem de Magalhães (galáxia irregular e anã que fica perto da Via Láctea).

Estrelas: são corpos celestes que emitem luz própria. O Sol, por exemplo, é a estrela mais próxima de nós.

O Universo possui bilhões de estrelas, e por isso, de noite, podemos ver o brilho delas ao olhar para o céu. De dia não vemos as estrelas porque a luz do Sol é mais forte que a luz das demais estrelas por estar mais próximo de nós. A luz e o calor do Sol, a estrela mais próxima de nós, são essenciais para a vida na Terra.

A luz que as estrelas emitem se originam das tranformações químicas que ocorrem no interior delas. Essas transformações são principalmente fusões de átomos de hidrogênio, originando átomos de hélio. Estrelas maiores podem fazer outros tipos de fusão originando outros elementos químicos. As transformações no interior das estrelas, bem como a temperatura delas, faz com que elas apresentem diferentes cores.

Veja o esquema a seguir, que mostra a variação das estrelas em cor e tamanho, bem como a temperatura delas. As estrelas mais quentes são as azuis, e na sequencia as brancas, as amarelas e as vermelhas.

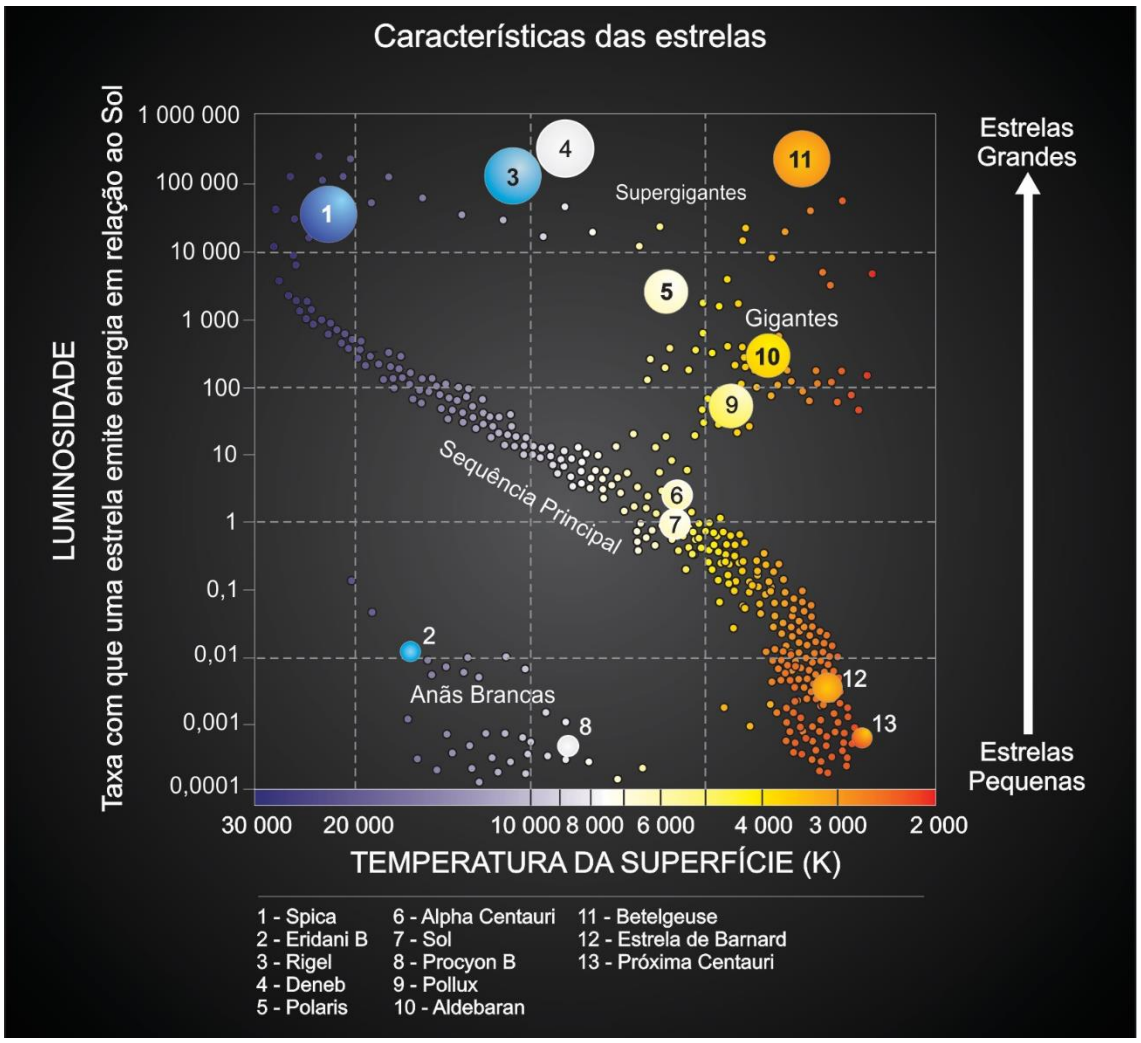


Diagrama H-R: este tipo de diagrama foi criado por Hertzsprung e Russel e demonstra a relação entre a luminosidade de uma estrela (eixo y) e sua temperatura (eixo x). Neste esquema a estrela com o número 7 representa o Sol. A sequencia principal demonstra onde a maioria das estrelas se situa.

As estrelas sempre serviram para auxiliar as civilizações na percepção das estações do ano, bem como na localização. É interessante inclusive lembrar que Deus se utilizou de uma estrela em um dos momentos mais importantes da história da humanidade:

> *"Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo. (...). Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou."* (MT 2, 1-2. 9).

Planetas: são corpos celestes que não emitem luz.

O planeta em que habitamos chama-se Terra. O segundo capítulo do livro do Gênesis narra como era a Terra quando Deus a criou e ao lê-lo podemos perceber que tudo o foi criado para habitarmos o planeta Terra.

Existem sete outros planetas que se encontram perto da Terra, no que chamamos de Sistema Solar. São eles: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Estudaremos mais sobre o Sistema Solar e sobre cada planeta nas próximas aulas.

Representação dos planetas próximos à Terra (da esquerda para a direita: Mercúrio, Vênus, **Terra,** Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno). As imagens não estão proporcionais ao tamanho real.

Os planetas de modo geral orbitam as estrelas. Há planetas conhecidos fora do Sistema Solar, mas eles são de difícil visualização porque normalmente a estrela próxima a eles ofusca a visualização dos mesmos.

Corpos menores: são "pequenos" corpos celestes que estão em movimento no Universo. São pequenos se comparados aos planetas, mas são bem grandes por poderem ser vistos de tão longe. Fazem parte dos corpos menores os cometas, os asteroides e os objetos transnetunianos.

Os cometas são corpos que orbitam o Sistema Solar, e suas órbitas são elípticas muito alongadas. São pequenos (cerca de 10 km de diâmetro) e vistos apenas quando se aproximam do Sol. Muitas pessoas confudem os cometas com estrelas cadentes, o que não existe. Os cometas são feitos de material gasoso congelado e poeira.

Já os asteroides são corpos que também orbitam o Sol, e localizam-se principalmente no Cinturão de Asteroides (que fica entre Marte e Júpiter). Há asteroides também que ficam mais distantes, no chamado Cinturão de Kuiper. Os maiores asteroides do cinturão são Pallas (570 x 525 x 482 km) e Vesta (530km). A maioria dos meteoritos que caem na Terra são asteroides que provêm deste cinturão.

A massa total dos asteroides conhecidos corresponde a no máximo 5% da massa da Lua.

Os TNO (objetos transnetunianos – em inglês *Trans-Neptunian Objects*) são aqueles que orbitam o Sol a distâncias maiores que Netuno (o planeta mais distante

do Sol). É uma região muito vasta, na qual se encontra, por exemplo, o Cinturão de Kuiper. A importância desses objetos está ligada à história do Sistema Solar, pois eles mantêm sua composição química primitiva.

Fotos representando cometas (fotos de cima) e asteroides (fotos em baixo).

▶ Atividades

1. Após ter feito a primeira leitura do texto silenciosamente, faça agora uma segunda leitura, em voz alta.

2. Faça em seu caderno um resumo do texto acima. Este resumo deve conter as seguintes explicações:

a) Explique os três motivos pelos quais Santo Tomás afirma que podemos perceber que tudo o que existe está submetido a um governo.

b) O que é o Universo?

c) O que é uma galáxia?

d) O que é uma estrela? Por que elas apresentam diferentes colorações?

e) O que é um planeta?

f) O que são os chamados corpos menores do espaço?

História

LIÇÃO 1

Conceitos de História

Definição de história

HISTÓRIA é, em um sentido, a narração autêntica e bem ordenada dos acontecimentos memoráveis que pertencem à história do gênero humano. Etimologicamente, história (do grego ἱστορία) significa pesquisa, conhecimento adquirido por meio de investigação. Mas a palavra significa principalmente *o desenvolvimento ou desdobramento no tempo das ações dos homens organizados em cidades ou sociedades*.

Importância da história

A história desempenha um papel muito importante no campo do conhecimento. "*Historia magistra vitae*" (A história é a mestra da vida). Com esta expressão, o orador romano Cícero (106-43 a.C.) afirmava que, por meio dos exemplos, dos sofrimentos, dos sucessos, das tragédias e dos grandes feitos das gerações anteriores, podemos extrair lições para nos orientarmos no presente, diante dos problemas que se apresentam.

O estudo da história desvenda as trevas do passado, aponta milhares de exemplos virtuosos que imitar, inspira horror do vício pela vista dos males que ele traz aos indivíduos e aos povos. Manifesta igualmente a mão da Providência que dirige os acontecimentos humanos e os leva a seus fins amorosos com admirável sabedoria. Ilumina o passado, moraliza o presente, descortina o futuro e glorifica a Deus (Pe. Raphael Galanti, S.J.).

O tempo

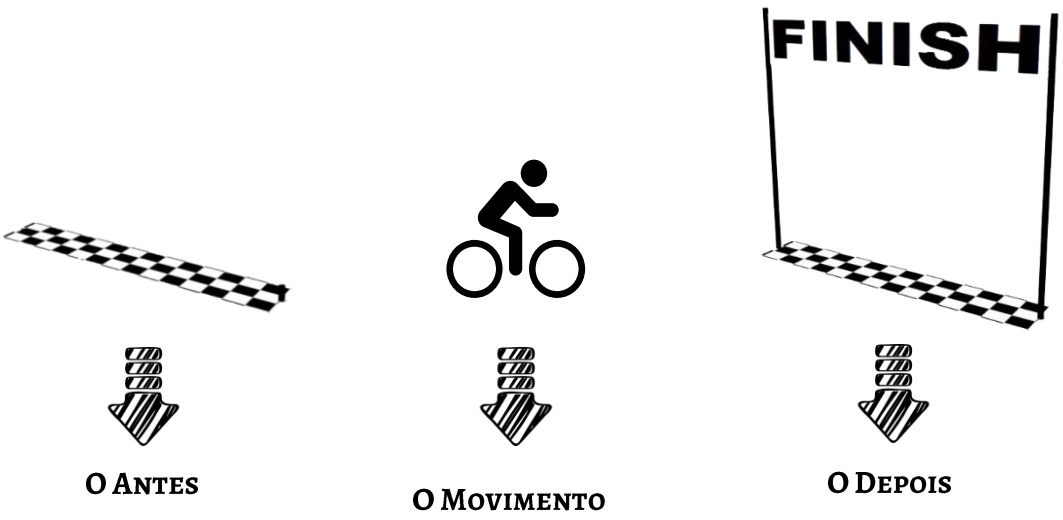
A humanidade caminha no tempo. Mas o que é o tempo? A definição, segundo Aristóteles, e aceita por Santo Tomás de Aquino, é: "O tempo é o número (ou numeração, ou contagem) do movimento segundo um antes e um depois".

O tempo é um número das coisas que se movimentam ou mudam. O movimento, para Santo Tomás, não é somente o local (assim como um cachorro se movimenta na casa), mas também são as mudanças, por exemplo: o cabelo que fica branco é um movimento, é uma mudança. O crescimento de uma criança é um movimento. Quando estudamos realizamos um movimento, uma mudança. Quando corro de um lado para o outro realizo um movimento, um antes e um depois. O número deste movimento é o tempo. Toda e qualquer mudança corpórea, toda e qualquer mudança mental, é sempre um movimento, é uma mudança. Movimento (local) e mudança têm o sentido idêntico em Aristóteles e São Tomás.

> *"O tempo é a medida do movimento ou mudança qualquer. Tudo o que muda pressupõe um tempo. O tempo é a numeração, é a contabilização, a cronometragem, é um número desta coisa que tem um antes e um depois. Pensemos no corpóreo físico, pensemos no desenvolvimento de cada um de nós. Desde a mais tenra infância até a velhice nós vamos crescendo intelectualmente. Isso é universal, isso faz parte da vida de cada homem. Ora, vamos crescendo segundo um passado, um presente e um futuro, ou seja, segundo um antes e um depois."* (CARLOS NOUGUÉ)

Os termos "movimento", "antes" e "depois" são importantes. O momento que você começou estudar este capítulo ficou para trás: é o Antes. Quando terminar este estudo é o Depois. A mudança que este estudo causa em sua inteligência é o Movimento. O tempo é a medida deste movimento segundo o antes e o depois.

> *"O tempo é a medida das coisas que mudam ou se movimentam. É um número. Segundo o antes e o depois. Eu vou correr daqui até ali; eu tenho um antes, o iniciar da corrida, e um depois. O número que indica esse movimento entre o antes e o depois é o tempo. O tempo na verdade é uma contagem, uma cronometragem. E a medida das coisas que se movimentam ou mudam é exatamente o tempo, segundo um antes e um depois."* (CARLOS NOUGUÉ)



O tempo é a medida (uma contagem, uma cronometragem) do movimento segundo um antes e um depois. Imaginemos que o ciclista realizou a prova em 1 hora. Este tempo compreende a contagem desde a linha de partida (o antes), a ação do ciclista (o movimento) e a linha de chegada (o depois). Evidentemente, ao atingir a linha de chegada, esta torna-se "o antes" de, por exemplo, a comemoração do ciclista. Vivemos assim no tempo, segundo um antes e um depois.

O envelhecimento é uma mudança física a que todos os seres vivos estão submetidos. Se há mudança, há movimento. Há um antes (Santa Teresinha menina) e um depois (Santa Teresinha adulta). Ao olharmos as fotos antigas, percebemos com mais clareza a existência do tempo.

Algumas vezes é mais fácil entender um conceito quando estudamos o seu contrário. No caso, o contrário do tempo é a eternidade. Deus não se movimenta, não muda. Para Ele não há tempo, pois não tem movimento, nem antes e depois. Aristóteles chama Deus de "Motor Imóvel", pois Ele movimenta todas as coisas, mas não é movido por nada. Ele é a causa suprema de todos os movimentos. Quando dizemos que Deus é imóvel não significa que somente não realiza o movimento local, mas que também não sofre nenhuma alteração, nenhuma mudança. Afinal, Deus é onipresente, como se moveria de um lugar para o outro sendo que está em todos os lugares?

"Em Deus não há passado, presente ou futuro, não há movimento, não há tempo. Em Deus não há mudança. Ele é imutável, seus decretos são imutáveis, e por isso diz São Tomás que Ele não poderia fazer o passado já não ser, ou não poderia mudar a essência dos entes, exatamente porque suas decisões são instantâneas e imutáveis. É único, pronto e acabado." (CARLOS NOUGUÉ)

Sendo assim, o tempo é a medida de tudo o que foi criado e a eternidade é a medida de Deus. É preciso entender que o tempo é dado ao homem para buscar, com a graça de Deus, a salvação eterna. **É no tempo que o homem se santifica ou se perde.**

> *"É no tempo que o homem se santifica ou se perde, mas o plano de Deus se cumpre e o resultado final será feliz. A história é, à luz da fé, um prolongamento da obra da Criação. Se não fosse boa, se não tivesse razão de ser, se não estivesse ordenada a um fim, se o Filho de Deus não fosse o seu herói, Deus não a manteria na sucessão dos séculos."* (PE. JOÃO BATISTA DE ALMEIDA P. F. COSTA)

Vale ressaltar que as "partes do tempo" são três: passado, presente e futuro. Trataremos nesta disciplina da História, evidentemente, do passado.

Calendário

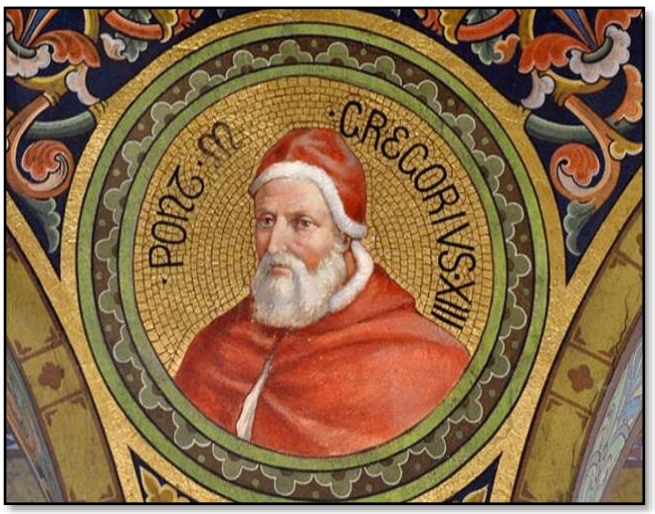
Um dos recursos criados pelo homem para dividir o tempo é o calendário, no qual os dias são agrupados em semanas e estas em meses, formando-se assim os anos.

A principal importância do calendário no estudo da história é a de permitir que todas as pessoas tenham um ponto de referência comum para localizar os fatos no tempo. Assim, todos concordamos que a Primeira Cruzada foi convocada pelo Papa Urbano II (beato) em 1095 e a Primeira Guerra Mundial teve início no ano de 1914.

O calendário também nos permite ordenar os fatos de modo linear – isto é, como se fossem pontos de uma mesma linha –, dando-nos a noção de anterioridade (o que aconteceu antes), simultaneidade (o que aconteceu ao mesmo tempo) e posteridade (o que aconteceu depois). Por exemplo, ainda que uma pessoa não conheça os fatos acima mencionados, ser-lhe-á fácil dizer qual dos dois ocorreu primeiro, ao comparar as datas.

Atualmente, o calendário de uso universal é o gregoriano ou católico, o qual é baseado no ciclo do Sol e tem como referencial o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Este fato corresponde ao ano 1, e divide a história em dois grandes períodos: antes de Cristo (a.C.) e depois de Cristo (d.C.). Os anos e os séculos anteriores ao nascimento de Cristo são contados de forma decrescente e os posteriores de maneira crescente.

O calendário católico ou gregoriano, leva este nome por ter sido estabelecido pelo Papa Gregório XIII em 1582.



Uma comissão liderada pelo astrônomo jesuíta *Christopher Clavius* e o físico *Aloyisius Lilius* convenceram o Pontífice a alterar o calendário anterior – implantado em 46 a.C. pelo ditador romano Júlio César –, por estar defasado em relação às estações do ano, fato que a longo prazo provocaria um considerável atraso na celebração da Semana Santa.

Para a mudança entrar em vigor foram cortados os dias de 5 a 14 de outubro de 1582, fato que trouxe situações curiosas como as exéquias de Santa Tereza de Ávila, morta em 4 de outubro e sepultada no dia seguinte: 15 de outubro... O calendário gregoriano, atualmente, é o mais difundido em todo o mundo. Existem, porém, outros calendários, como o judaico, que tem seu início na criação de Adão (o ano de 2011 do nosso calendário corresponde ao ano 5771 do calendário judaico, também chamando de *luach*), e o islâmico, que tem seu início no evento chamado Hégira, em 622 d.C., quando Maomé fugiu de Meca para Medina (desde modo, o ano 2011 do nosso calendário corresponde ao ano 1432).

Os séculos

Para estudar a história nós usaremos muito o conjunto de anos que chamamos séculos. Por isso, é importante saber a que século corresponde tal ano. Por exemplo, o ano 2010 está no século 21 ou XXI (os séculos na história são representados por algarismos romanos). O ano 420 está no século V. Para saber a que século pertence algum ano, pode-se aplicar uma regra:

- Selecione o ano que você quer descobrir a qual século pertence: **420 d.C.**
- Retire os dois últimos algarismos: **20.**
- Esses algarismos são iguais ou diferentes de zero? **20 ≠ 0.**
- Se for diferente, você deve somar 1 nos algarismos que restaram: **4 + 1 = 5, ou seja, o ano 420 está no século V.**
- Caso os dois últimos algarismos sejam iguais a zero não se deve somar 1. Exemplo: o ano 400 pertence ao século IV.

Essa regra pode ser aplicada a qualquer ano seja antes ou depois de Cristo.

▶ Atividades

1. O que é a História?

2. O que significa a palavra História?

3. Por que é importante estudar a História?

4. O que é o tempo?

5. O movimento é somente o movimento local? Dê exemplos.

6. Qual é o contrário do tempo?

7. Para que o tempo é dado ao homem?

8. Qual é a importância do calendário?

9. Qual o calendário mais usado atualmente? Em que ele é baseado e qual é o seu ponto de referência?

10. A quais séculos correspondem os seguintes anos (lembre-se de colocar em algarismo romanos e indicar se é antes ou depois de Cristo):

a) 27 a.C.

b) 313 d.C.

c) 1500 d.C.

d) 1850 a.C.

LIÇÃO 6

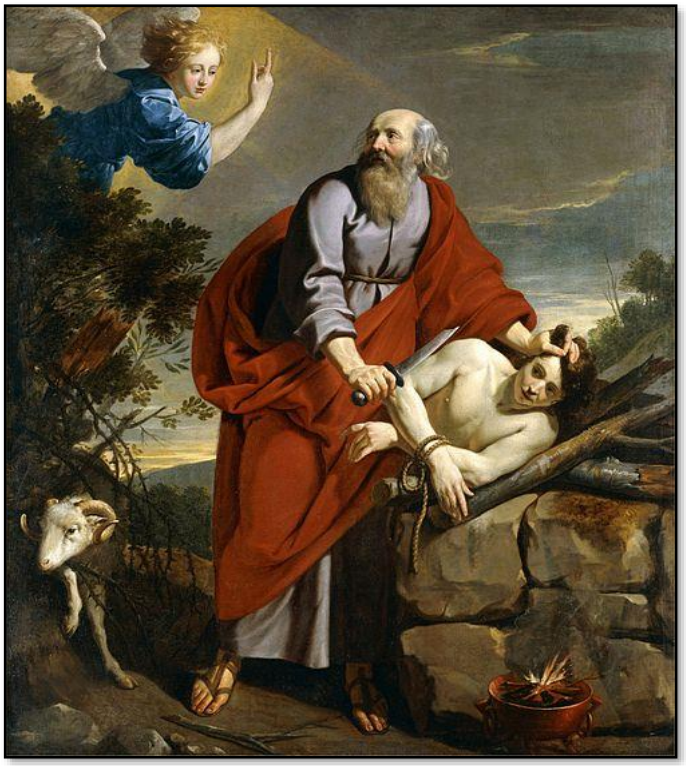
História dos Hebreus

Parte I

Abraão, Isaac e Jacó

Enquanto a idolatria, com suas abominações, se espalhava pelo mundo, e a maior parte dos homens se entregava a toda sorte de vícios, os descendentes de Sem viviam como justos. A fim de conservar a verdadeira religião, Deus elegeu uma família que transmitisse, por sucessão hereditária, a memória do Criador e de suas obras, a fé e a esperança no futuro Redentor.

O chefe desta grande família foi Abraão. Ele habitava em Ur, cidade da Caldeia, onde praticava a verdadeira religião e o culto a Deus. Por isto o Senhor mandou-lhe que saísse da sua cidade e fosse à terra de Canaã (Terra Santa), dizendo-lhe: "Abandona a tua pátria e vai para o país que eu mostrar, e te farei chefe de um grande povo. Por ti as nações serão abençoadas e cumuladas de benefícios. Olha para o céu e conta se puder as estrelas: a tua família será ainda mais numerosa".



Sacrifício de Isaac. Por Phillipe de Champaige

Obediente às ordens de Deus, Abraão partiu com sua mulher Sara e seu sobrinho Lot, levando consigo seus servos e seus rebanhos, por volta do ano 1850 a.C. Chegando à terra de Canaã, o Senhor lhe falou de novo, dizendo: "Eu te darei este país, a ti e à tua geração". Abraão levantou um altar no mesmo lugar onde Deus lhe apareceu em reconhecimento por sua bondade.

Um ano depois da promessa feita por Deus a Abraão nasceu um filho chamado Isaac. Era um menino que temia a Deus e causava grande alegria aos seus pais. Para

provar a obediência e a fidelidade do seu servo, Deus disse a Abraão: "Abraão, toma seu filho único Isaac, a quem tanto amas, sobe ao Monte Moriá e lá me oferece-o em sacrifício". Sem dizer nada, Abraão preparou a lenha, carregou um jumento e, acompanhado por dois servos, pôs-se a caminho com seu filho.

Depois de três dias, chegaram ao pé do monte indicado por Deus. Colocou a lenha sobre o ombro de Isaac (prefiguração de Jesus Cristo carregando a Cruz sobre o monte Calvário) e subiu o monte com o filho. Enquanto subiam, Isaac perguntou: "Meu pai, aqui está o fogo e a lenha, mas onde está a vítima para o sacrifício?" E Abraão respondeu: "Meu filho, Deus providenciará". Chegados ao topo da montanha, Abraão construiu um altar, preparou a lenha, amarrou o filho e o colocou em cima. Isaac cala e obedece. Abraão toma a faca, estende o braço, e quando já ia desferir o golpe um anjo do Senhor lhe fala: "Abraão, Abraão, não faças mal ao menino. Agora sei que temes verdadeiramente a Deus, pois não negaste o teu próprio filho". Abraão parou e voltando-se viu ali perto, preso em uma moita, um carneiro ao qual sacrificou no lugar do filho.

Para recompensar a grande obediência de Abraão, Deus o abençoou e renovou as três promessas que tinha feito no passado. Deus abençoa sempre àqueles que observam seus preceitos.

Isaac casou-se com Rebeca, que gerou dois filhos, Esaú e Jacó. Após receber a bênção de seu pai Isaac, Jacó foi até a casa de um parente seu, chamado Labão. Lá trabalhou por muitos anos para o seu tio com fidelidade e afinco, além de jamais ter perdido o santo temor de Deus. Por isso, Labão concedeu sua filha Raquel em casamento a Jacó.

Depois de 20 anos, Jacó deixou a casa de Labão para voltar à sua terra com sua nova família e todos seus rebanhos e posses, pois havia ficado muito rico. Chegando às margens do Rio Jordão, Jacó enviou um mensageiro a seu irmão Esaú para avisá-lo de que vinha em paz. Enquanto aguardava notícias, durante a noite, apresentou-se a ele um anjo em forma de homem, o qual lutou com Jacó até o amanhecer.

Jacó lutando com o Anjo

A luta foi dura, porém Jacó percebeu que o homem não sentia nenhum cansaço, entendendo, portanto, que se tratava de um anjo do Senhor. Querendo este partir, Jacó disse-lhe: "Não te deixarei partir antes que me dês a tua

bênção". O anjo perguntou-lhe: "Como te chamas?", "Jacó", respondeu ele. E o anjo disse-lhe: "De hoje em diante te chamarás Israel, que quer dizer forte contra o Senhor".

Israel (Jacó) teve doze filhos (daí surgiram as doze tribos de Israel), cujos nomes são:

1. Rubem,
2. Simeão,
3. Levi,
4. Judá,
5. Issacar,
6. Zabulon,
7. Dan,
8. Neftali,
9. Gad,
10. Aser,
11. José e
12. Benjamim.

Entre estes, o mais virtuoso era José que, por isso, era o mais amado do pai, o que gerou muita inveja da parte de seus irmãos. José tinha sonhos proféticos e em um deles viu o sol, a lua e onze estrelas se inclinarem para ele. Isto significava que seu pai, sua mãe e seus irmãos iriam prestar-lhe reverência.

Os sonhos de José e sua predileção por parte do pai geraram verdadeiro ódio em seus irmãos, que tramaram um crime terrível, jogando José em uma cisterna e depois vendendo-o como escravo para mercadores que iam ao Egito. Depois disto, mentiram ao pai dizendo que o irmão tinha sido devorado por feras, o que deixou Israel extremamente triste.

Ainda sendo escravo no Egito, José foi chamado para interpretar um sonho do Faraó (rei do Egito), devido à sua sabedoria.

— Eis o que vi, disse o Faraó. Encontrava-me de pé, nas margens do rio, quando vi sair dele sete vacas gordas e bonitas que se puseram a pastar o capim. E eis que outras sete vacas magras e horríveis saíram também do rio e devoraram as outras vacas.

José disse-lhe:

— Deus anunciou ao Faraó o que irá fazer ao seu reino. As sete vacas gordas anunciam setes anos de abundância. A sete vacas magras indicam sete anos de seca que trarão ao país uma fome assustadora. Agora, escolhe um homem prudente e sábio, encarregando-o do país do Egito. Que o Faraó nomeie comissários para o país e lance um imposto sobre as colheitas do Egito e durante os sete anos de abundância que se acumule nos celeiros públicos toda a alimentação desses anos férteis que se aproximam. Que o trigo se acumule nas mãos do Faraó, para o abastecimento das cidades. Essas reservas serão um recurso para o país durante os sete anos de fome que vão chegar ao Egito.

O Faraó disse a José:

— Em que lugar encontrarei um homem tão cheio de espírito de Deus como este? Jovem, já que o próprio Deus inspirou as palavras que acabas de pronunciar, ninguém aqui te ultrapassa ou iguala em sabedoria: portanto irei te investir de um poder que se estenderá a todos os meus domínios e que o meu povo te obedeça como a mim próprio. Apenas reservo para mim o título de rei e o trono.

José interpretando o sonho do Faraó, de Peter von Cornelius

O Faraó concedeu a José o governo de todo o Egito e deu-lhe um nome egípcio que significa "Salvador do Mundo". Assim quis Deus, para que José fosse uma prefigura de Jesus que, como ele, foi caluniado, perseguido, vendido, antes de ser chamado Salvador do mundo.

Os filhos de Israel tornam-se escravos

Para fugir da fome, os filhos de Israel foram para o Egito onde viveram, por causa de José, um século de fartura e alegria. Porém os dias de provação e lágrimas estavam para chegar. Os antigos reis do Egito reconquistaram através de guerras, o poder e declararam-se inimigos dos hebreus. Assim, quando o novo rei quis celebrar a sua vitória com a construção de cidades, palácios, pirâmides e obeliscos, decidiu que os descendentes de Israel seriam usados como escravos. Também havia a preocupação de que os israelitas se multiplicassem e se revoltassem contra a situação de escravidão.

Desta forma, eles foram submetidos aos mais pesados trabalhos, como a fabricação de tijolos, construção de muralhas e canais. Eram vistos, sob o fogo de um sol ardente, a puxar enormes blocos de pedra, caindo de esgotamento ao longo dos caminhos ou a sucumbir sob o chicote dos capatazes. Mesmo assim, os hebreus continuavam a crescer.

Moisés, o libertador

Vendo o crescimento dos hebreus, o Faraó ordenou que todos os meninos recém-nascidos fossem mortos. Neste contexto, é que Moisés (aquele que foi tirado da água) foi encontrado em um cesto boiando sobre o Rio Nilo pela filha do Faraó que o adotou. Moisés tornou-se grande na corte, mas acabou fugindo do Egito após matar um soldado que maltratava um hebreu.

Ao sair do Egito, Moisés foi para uma região desértica. Cansado da caminhada, parou perto de um poço, onde conheceu as filhas de Jetro, casando-se com uma delas. Moisés viveu como pastor dos rebanhos de Jetro por mais quarenta anos.

Já com oitenta anos, o libertador de Israel estava perto do monte Horeb a observar o rebanho, quando viu uma cena muito peculiar: uma sarça que estava em chamas, porém, o fogo não a consumia. Isto chamou-lhe a atenção e aproximou-se para ver melhor aquele estranho fenômeno.

Do meio da sarça ardente surgiu uma voz que o chamou:

— Moisés! Moisés!

— Aqui estou! Disse tremendo de medo.

— Não te aproximes daqui. Tira a sandálias dos pés, porque o lugar em que te encontras é sagrado. Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó.

Moisés tirou as sandálias dos pés e cobriu o rosto com um manto, pois não se atrevia olhar para Deus. O Senhor disse a ele:

— Eu vi a aflição do meu povo no Egito, tenho ouvido os seus gritos de dor provocados pelos seus opressores. Vou libertá-los da tirania e conduzi-los da terra de

exílio até uma terra fértil e espaçosa, onde corre leite e mel. Vai, envio-te ao Faraó para que tires o meu povo do Egito.

Moisés pensou na incredulidade do povo eleito, afinal, havia se passado muito tempo desde a promessa de Deus a Abraão. Então perguntou:

— E quando eu lhes falar do Deus dos seus antepassados e da mensagem que Ele me encarregou de transmitir, se me perguntarem qual é o seu nome, que lhes responderei?

Deus disse a Moisés:

— Eu sou Aquele que é! Assim falarás aos israelitas: 'Aquele que é envia-me a vós!'

Deus ordenou a Moisés reunir os anciãos de Israel para lhes anunciar a libertação do povo e a sua entrada na terra de Canaã. Deus também o avisou que o Faraó não deixaria o povo de Israel partir e, portanto, castigaria os egípcios. Depois de hesitar, mesmo diante de milagres que Deus fez diante dele, Moisés aceitou sua missão de libertar o povo eleito. Logo se encaminhou para o Egito onde encontrou seu irmão Aarão que seria seu porta-voz.

Diante da recusa do Faraó em libertar o povo hebreu da escravidão, Deus mandou as dez pragas. Resumidamente, as dez pragas podem ser elencadas dessa forma:

1. O Rio Nilo se transforma em sangue.

2. Infestação de rãs.

3. Infestação de mosquitos.

4. Infestação de moscas fétidas.

5. Peste sobre os rebanhos.

6. Chagas sobre os homens.

7. Chuva de pedras.

8. Infestação de gafanhotos.

9. Três dias de trevas.

10. Morte de todos os primogênitos.

A décima praga seria fatal. Por isso, Deus deu uma série de recomendações a Moisés para que ele as comunicasse aos hebreus. Cada família deveria imolar um cordeiro de um ano, macho e sem nenhum defeito. Com o sangue do cordeiro, deveria pintar os batentes das portas de cada casa. Nesse mesmo dia, todos deveriam comer a carne do cordeiro acompanhado de pão sem fermento e ervas amargas. Deus pediu que todos comessem em pé, com os rins cingidos (os povos antigos faziam isso para caminhar melhor em longas jornadas), as sandálias nos pés, o bastão na mão, esperando a Páscoa, isto é, a passagem do Senhor. Deus disse que passaria no meio da

noite e exterminaria todos os primogênitos egípcios, tanto dos homens quanto dos animais, então, saberiam que os seus falsos deuses não valiam de nada.

Após a morte dos primogênitos dos egípcios, o Faraó, que também perdeu seu filho, ordenou a saída dos hebreus, mas logo se arrependeu, marchando contra eles no deserto. Os hebreus se encontraram em uma situação impossível de se resolver, pois à frente tinha o Mar Vermelho, dos lados havia colinas impossíveis de se escalar e atrás marchava o exército do Faraó. Foi nesse momento que Deus, Senhor dos Exércitos, realizou um dos maiores prodígios contidos na Sagrada Escritura: no mesmo instante, o Anjo do Senhor que marchava à frente do povo escolhido mudou de lugar e foi para trás dele, impedindo o avanço dos egípcios. Enquanto isso, Deus ordenou a Moisés estender a mão sobre o mar, que se abriu em duas enormes paredes, permitindo a passagem dos israelitas. Logo depois, vinham os homens do Faraó, furiosos. Porém, a mando de Deus, Moisés estendeu novamente a mão para o mar, que se fechou, matando todo o exército do Faraó.

Esse foi o grande triunfo de Deus e do povo eleito sobre os egípcios. Em seguida, os hebreus deixaram as praias do Mar Vermelho e se dirigiram para o imenso deserto da Arábia, onde andaram por quarenta anos, antes de poderem pisar o solo da Terra Prometida.

Moisés escreveu a História Sagrada desde a criação do mundo até a sua morte. Esta história está dividida em cinco livros (Gênesis, Êxodo, Números, Levítico e Deuteronômio) chamados "pentateuco", palavra grega que significa "obra de cinco volumes". Moisés é o escritor mais antigo cujas obras se conservaram, de modo que os autores da História Sagrada ou profana devem recorrer a ele para saber a verdade das coisas que se sucederam desde a criação do mundo até ao seu tempo. Uma das mais importantes profecias de Moisés foi a da vinda de um profeta, imensamente superior a ele, e que viria fazer milagres e prodígios maiores e mais assinalados que os seus. Este profeta extraordinário é o Messias, isto é, Jesus Cristo.

Antes de morrer, Moisés nomeou Josué como chefe do povo hebreu para introduzi-lo na Terra Prometida.

▶ Atividades

1. Qual é a cidade de origem de Abraão?

2. Para que região ele viajou segundo a ordem de Deus?

3. Em que ano Abraão viajou para Canaã?

4. Por que Deus submeteu Abraão a uma prova?

5. Quais são os doze filhos de Jacó?

6. Como José se tornou um importante governante do Egito?

7. Como Moisés se tornou um membro do palácio do faraó?

8. O que o fez fugir do Egito?

9. Como Deus se revelou a Moisés? O que Ele disse?

10. Quais foram as dez pragas que Deus enviou para castigar os egípcios?

11. Quais foram os cinco livros bíblicos escritos por Moisés?

12. Quem foi escolhido para substituir Moisés?

13. Quem eram os Juízes? Dê exemplos de pelo menos três deles.

Geografia

Apresentação

Caríssimo estudante,

É com grande alegria que lhe apresentamos este material da ciência geográfica, que se esforçará por estar pautado no Bem, na Beleza e na Verdade, dentro daquilo que lhe concerne.

Por isso, a Geografia será analisada com o olhar de uma sã filosofia, e, portanto, uma filosofia iluminada pela Fé e pela Tradição da Igreja Católica. E, naquilo que se remete ao saber científico, buscará apresentar os fatos como são, excluindo qualquer tipo de ideologia nociva ao saber.

Muito bem! Mas, ainda assim, você poderia estar se perguntando: *"Qual é a relevância desta disciplina para minha vida?"*, ou: *"A Geografia serve apenas para estudar mapas e capitais; para que estudar isto?"*.

Pois bem! Primeiramente, para que você tenha uma melhor compreensão da importância desta Ciência e do que, de fato, se estuda em Geografia, vejamos qual é a definição da palavra 'Geografia'. Esta vem do grego, GEOGRAPHIA: 'GEO' significa "terra", e 'GRAPHIA' significa "descrever" ou "descrição". Sendo assim, Geografia significa algo como a "descrição da terra".

No entanto, esta maravilhosa Ciência é muito mais do que simplesmente descrever a paisagem criada por Deus e transformada pelo homem. É também estudar **a relação do homem com a natureza para que, assim, seja construída a civilização, onde será formada uma cultura, cujos princípios, se forem autênticos, se propagarão para as gerações seguintes.**

Como podemos ver, a Geografia abrange muito mais do que se pensa e pode contribuir e muito não só nos seus estudos, mas também no cotidiano, pois os conteúdos nela tratados envolvem toda a nossa vida.

De fato, a Geografia estuda mapas e capitais, como bem pôde ser presumido, mas vai muito além de só decorar nomes e lugares. Neste conteúdo, você estudará os mapas e como devem ser lidos e compreendidos, bem como a melhor maneira de se localizar e se orientar no espaço, ação essa que muitos desconhecem; a esta ciência chamamos **Cartografia**.

Mas não para por aí: para sabermos localizar-nos no espaço, precisamos antes conhecer os elementos que o compõem. Por isso, serão estudados todos os aspectos da natureza material que nos cercam e sua perfeita harmonia, levando aos que a estudam a não somente se localizar no espaço, mas a perceber a Grandeza, Beleza e Glória de Deus Criador nele expressas.

O estudo da natureza, conhecida como **geografia física**, acaba por receber grande destaque: a formação do relevo e suas diferentes configurações no espaço geográfico, bem como os fenômenos que o envolvem – terremotos, erupções vulcânicas, intemperismo, etc. –; os diferentes tipos de vegetação e a beleza quase celestial disposta em cada um; os climas e sua influência na paisagem, bem como os fenômenos que ocorrem na atmosfera – aurora boreal, arco-íris, tempestades, raios, ciclones, furacões, tornados, etc.; os mares, rios e oceanos; enfim, tudo evidenciando ora um toque de perfeição e beleza magnífica, ora um poder assustador que vai muito além de nossa compreensão e controle.

Por fim, na Geografia também são estudadas as relações entre as pessoas, expressas na vivência de sua cultura, na religião, nas guerras, alianças, migrações, etc., evidenciando as transformações ocorridas nelas mesmas e no espaço ao seu redor.

Assim, vê-se que a Geografia possui muitos conteúdos benéficos à vida e cumpre estudá-los para bom proveito do intelecto e da alma.

Orientações práticas

O material de Geografia para o 6º ano tem como objetivo ensinar os principais fundamentos que sustentam esta ciência para que não só você entenda o que ela é, mas, também, possa lhe servir de base para um melhor entendimento de qualquer assunto geográfico que venha a estudar, tendo sempre o fio condutor que o rege; as definições e conceitos básicos que constituem a geografia física, ou seja, os principais elementos e fenômenos que formam a paisagem terrestre, podendo, assim, compreender a composição do espaço geográfico de qualquer país ou região que sejam estudados; veremos, também, como o homem se relaciona com a natureza e como se utiliza dela para sua sobrevivência e para construir a sociedade; junto a este tema, veremos algumas ideologias que perpassam essas vias; alguns conceitos básicos de cartografia também farão parte dos nossos estudos; por último, estudaremos alguns princípios relacionados à demografia e seus desafios.

Posto isto, a seguir serão apresentadas algumas orientações simples e objetivas de como você deve proceder ao longo dos estudos desta etapa. Elas são de extrema importância para o aprendizado; se forem seguidas, poderá obter um ótimo desempenho intelectual e as qualidades necessárias para prosseguir no estudo da Ciência Geográfica.

Seguem as orientações:

- O conteúdo de Geografia será dividido em lições, sendo quatro delas avaliações bimestrais. Basicamente, pode-se adotar a prática de realizar uma lição por semana, pois, se assim o fizer, conseguirá realizar todas as lições em um ano letivo (correspondente a nove meses de estudo).
- Procure ser rígido no estudo semanal de Geografia, tanto teórico (leitura dos textos) quanto prático (exercícios e atividades), seguindo uma rotina de estudos.
- Para o estudo teórico recomenda-se que se estudem cerca de 20 minutos semanais; para o estudo prático não há recomendação de tempo, pois deve-se utilizar o tempo que for necessário para conseguir realizar as atividades e exercícios propostos.
- Trabalho de mapas: será proposta, ocasionalmente, uma atividade sobre a confecção de mapas na folha de papel vegetal, para adquirir uma noção cartográfica dos lugares à sua volta e do estudo que está realizando.
- Tenha sempre nas mãos um dicionário da língua portuguesa para encontrar o significado das palavras presentes nos textos. Para facilitar, seria interessante sublinhar de vermelho as palavras que não souber e colocar uma estrela (ou outro

sinal) ao lado dos parágrafos em que tiver dúvida, para serem esclarecidas na tutoria.

- É muito proveitoso possuir na mesa de estudos um "globinho" para que possa sempre visualizá-lo e ir adquirindo maior conhecimento sobre a localização dos países, capitais, etc. O atlas também contribui para isto.
- Procure a tutoria *online* em caso de dúvidas, utilizando as mídias virtuais disponíveis.

LIÇÃO 1

Definição de Geografia

NO tópico anterior, vimos um pouco sobre o que é a Geografia e sua importância. Nesta lição trataremos o tema com mais profundidade.

Por definição, a **Geografia é a ciência que trata da descrição cartográfica, física e política da Terra**.

À **geografia cartográfica**, ou matemática como era dita até o início do século XX, cabe descrever a Terra quanto à sua figura, dimensões, posição no sistema planetário, movimentos, etc. Portanto, neste ramo do saber geográfico, dá-se maior ênfase aos mapas, métodos e instrumentos de orientação e localização no espaço, que acabam por envolver calculos e medidas matemáticas para se tornarem mais precisos. Daí ela ser também conhecida como "matemática". Através deste ramo da Geografia vemos a posição de todas as regiões da Terra em relação umas às outras e em relação ao céu (atmosfera).

À **geografia física** cabe descrever a superfície da Terra quanto à sua composição sólida e líquida e os três grandes reinos da natureza (animal, vegetal e mineral) que habitam nestas duas repartições da Terra, bem como todos os fenômenos da atmosfera que a cerca.

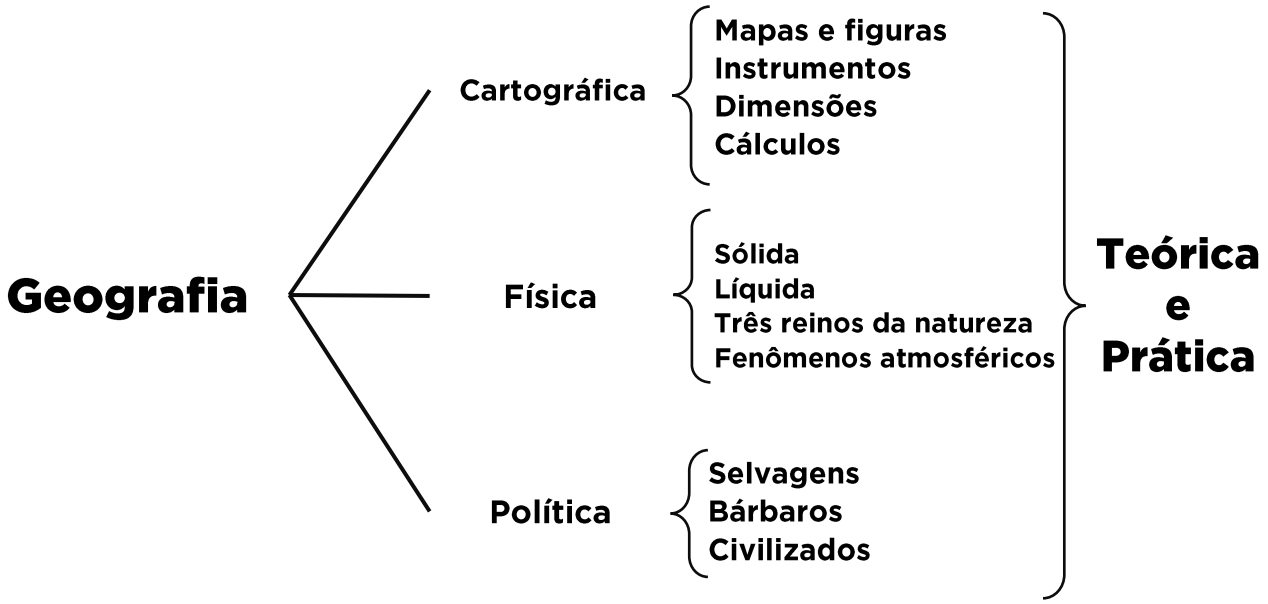
À **geografia política** cabe descrever a Terra quanto a seus habitantes humanos, sejam eles selvagens, bárbaros e civilizados.

Esses três pontos são os principais pilares da Geografia, pois englobam todos os assuntos referentes a esta Ciência. Porém constituem a **geografia teórica**, que descreve a Terra de maneira geral.

A outra vertente da Geografia é conhecida como **geografia prática**, a qual, empregando os princípios da geografia teórica, descreve a Terra de maneira **atual**, tal como ela se encontra em nossos dias; e histórica, tal como se encontrou em diferentes épocas anteriores aos nossos dias. Mas, dando ênfase aos assuntos teóricos, estaremos também tratanto dos assuntos práticos, sem precisar fazer certa distinção.

Ao longo deste volume estudaremos mais profundamente os pilares da Geografia. A respeito do primeiro pilar, a geografia cartográfica, faremos um estudo

mais aprofundado posteriormente, pois ela não trata somente de princípios filosóficos, mas também de vários conceitos técnicos e matemáticos, que requerem alguns conhecimentos prévios.



A geografia física

Esta é a ciência que, valendo-se de observações feitas sobre a natureza da Terra, trata de descrever a sua superfície, seja ela sólida ou líquida, composta de seres vivos, ou cercada dos fluidos atmosféricos.

Quando nos remetemos à sua **descrição sólida**, referimo-nos basicamente aos continentes, ilhas e penínsulas e aos seus componentes, a saber: planícies (campos verdejantes, ambientes secos, várzeas, etc.), montes (montanhas, serras, outeiros, planaltos, etc.), cavidades (crateras, fendas, cavernas, etc.), costas (praias, cabos, dunas, etc.). Em outras palavras, com a descrição sólida da Terra, abordamos tudo aquilo que é sólido no planeta, com exceção das geleiras glaciais.

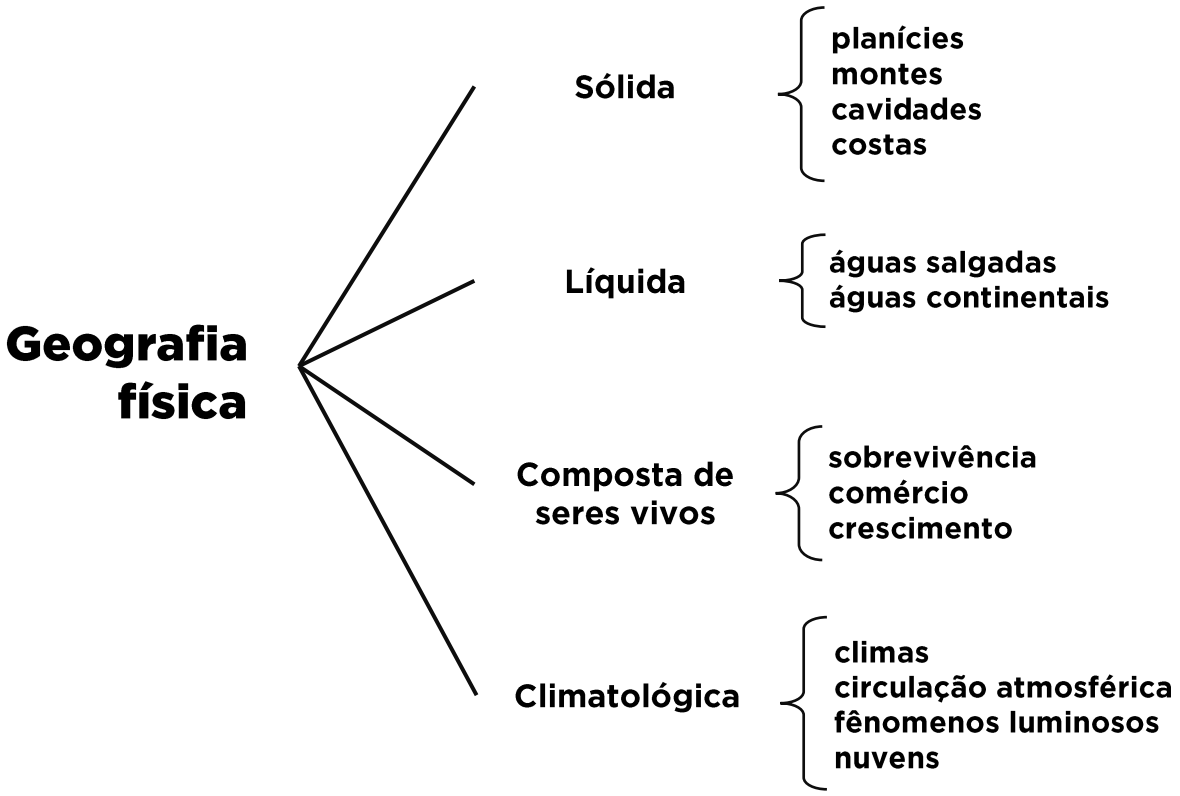
Quanto à **descrição líquida** da Terra, basicamente dividimos o estudo em duas principais vertentes, que são as águas salgadas (mares e oceanos) e as águas continentais (rios, lagos, lençóis freáticos, aquíferos, que em conjunto formam as bacias hidrográficas, etc.). Além disso, também estudaremos outros assuntos ligados à água, como a criosfera (águas congeladas na Terra), o fenômeno das marés, as correntes marítimas e os canais artificiais construídos pelo homem.

A respeito da **descrição da composição dos seres vivos** terrestres, não faremos um estudo biológico destes, pois isso cabe às ciências biológicas fazer. Mas, ao tratarmos dos animais, vegetais e minerais, além de apresentar determinadas caracterísicas desses seres, daremos ênfase à sua utilidade para o homem, por suprir

suas necessidades básicas de sobrevivência, seu comércio, ou seu crescimento civilizatório.

Enfim, ao tratarmos dos fluidos atmosféricos, podemos fazer uso da ciência chamada **climatologia**, responsável pelo estudo dos diferentes tipos de climas que influenciam as paisagens terrestres; a circulação atmosférica (ventos, brisas, ciclones, furacões, etc.); os raios; fênomenos luminosos como as cores do céu, o arco-íris, aurora boreal; as nuvens e tantos outros fenômenos que, além de impressionar a vista por sua beleza e poder, têm grande influência na vida do homem.

Todos esses ramos da geografia física serão estudados ao longo do Ensino Fundamental, tanto na visão teórica quanto na prática.



Porém aqui temos de ressaltar um elemento fundamental para o estudo da geografia física, o qual pode passar despercebido, mas que, se for utilizado corretamente, pode trazer enormes benefícios. Trata-se da contemplação da perfeição e beleza de toda a criação material, a qual veremos no tópico a seguir.

▶ Atividades

1. O que significa a palavra 'Geografia'?

2. Qual é a definição de Geografia? Escreva brevemente sobre seus três principais pilares.

LIÇÃO 7

Fuso horário

O planeta Terra leva 24 horas para fazer o movimento de rotação, ou seja, girar em torno do seu próprio eixo, que ocorre no sentido anti-horário (oeste-leste). Devido ao seu formato esférico e à inclinação do seu eixo, faz com que cada lugar do planeta receba os raios solares em diferentes horários, de acordo com a zona térmica correspondente.

Imagine que Dom Bosco resolva fazer uma espécie de congresso internacional com alguns padres e bispos de toda a Europa para tratar de problemas sociais, políticos e religiosos. De fato, trata-se de uma reunião importante, e ninguém pode faltar. O santo havia marcado o encontro para o dia 15 de agosto, às 15 horas, no Oratório. Porém, quando chegou o dia, alguns chegaram bem mais cedo do que se previa, outros se atrasaram, e alguns chegaram quando a reunião já estava quase em seu termo.

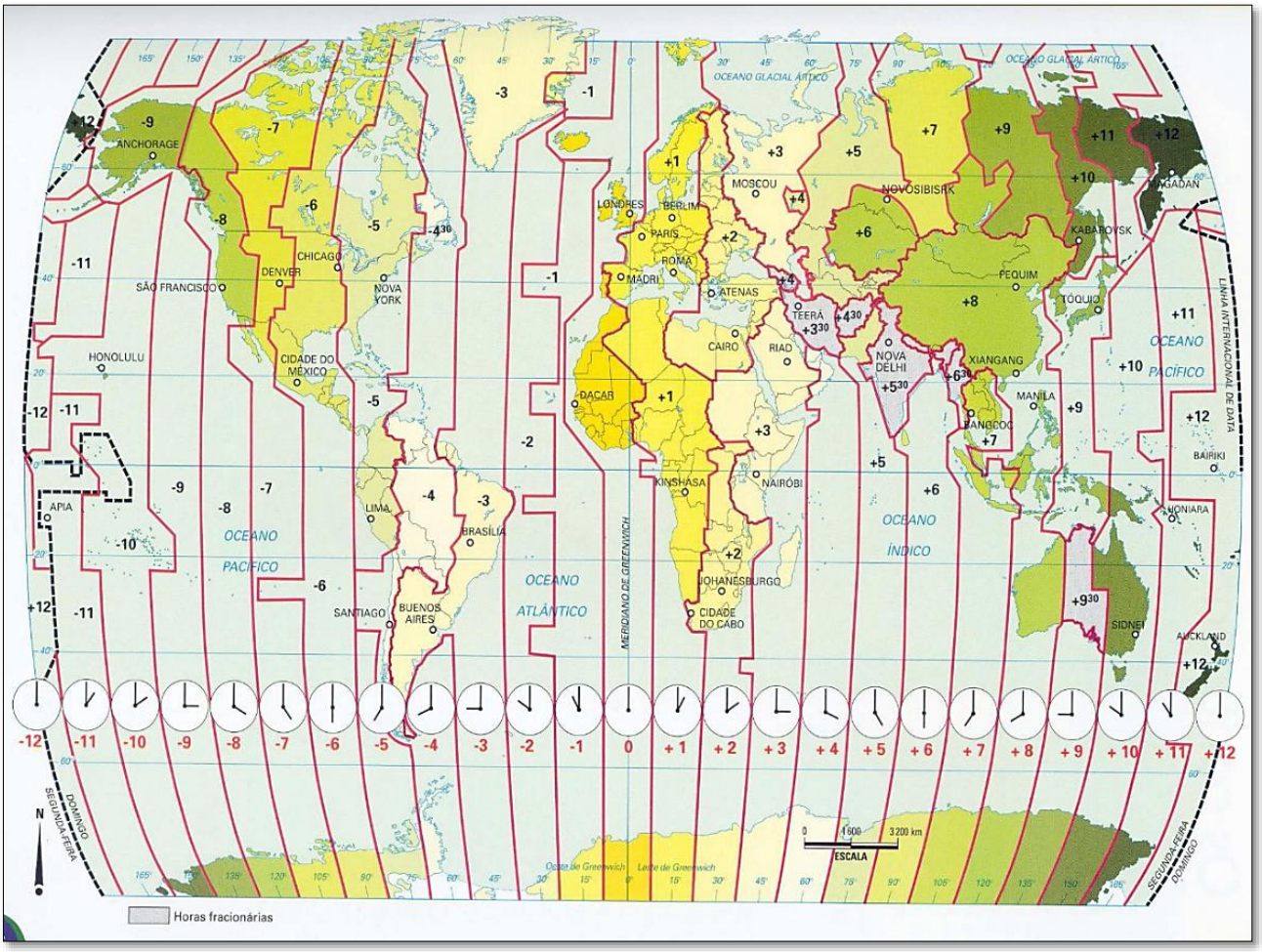
Qual o motivo do atraso e do adiantamento imprevisto? Certamente os padres e os bispos eram pessoas sérias e pontuais, de grande comprometimento com as causas da Igreja. Não demorou muito, descobriu que o problema se deveu à **diferença de horário de cada lugar**, pois, como dissemos, os raios solares não chegam a todos os lugares ao mesmo tempo.

Dom Bosco olhando o relógio de bolso, preocupado com a demora dos membros de seu congresso.

Para resolver este tipo de problema é que existe o **fuso horário**, pois ele funciona como um organizador da diferença de hora em cada país. Ele recebe este nome devido ao fuso, que é a peça onde se enrola a corda de aço dos relógios de bolso e que gira quando se lhe dá corda.

Ele foi criado em 1884, em uma Convenção internacional realizada por 24 países, na cidade de Washington (EUA), com o objetivo de facilitar a mudança de horário entre os países, definindo 24 faixas de fuso no mundo, com base nos meridianos pertencentes às coordenadas geográficas, seguindo os limites dos países ou de seus estados. Cada uma dessas faixas equivale a uma hora.

O Meridiano de Greenwich (GMT) funciona como centro (0h), tendo, assim, 12 faixas positivas à direita do GMT, e 12 negativas à esquerda. Elas recebem estes adjetivos pelo fato de que no Oeste (esquerda) se diminui uma hora a cada faixa percorrida e no Leste (direita) se acrescenta 1h em cada uma. Veja o mapa abaixo:



Mapa-múndi político com destaque para as faixas de fuso.

Dessa forma, toda vez que se passa de uma faixa de fuso para outra, na direção Oeste (esquerda), atrasa-se 1 hora no relógio, e, toda vez que se passa de um fuso a outro, na direção Leste (direita), adianta-se 1 hora.

Acompanhe o exemplo a seguir que evidencia a função do fuso horário.

Exemplo: Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na Santa Cruz às 15h da sexta-feira, e neste momento todo o universo se calou. Se estivéssemos no Rio de Janeiro, cuja faixa de fuso é –3, no momento exato da morte do Redentor, que horas seriam, sendo que a faixa de fuso de Jerusalém é +2?

Resolução: Do fuso +2 ao fuso –3 passa-se por 5 faixas de fuso (+1, 0, –1, –2 e –3); desse modo, são 5 horas de diferença entre os dois. O que nos resta saber é se devemos acrescentar ou diminuir 5 horas em relação à hora da morte de Jesus.

Como a trajetória de Jerusalém até o Rio de Janeiro ocorre no sentido Leste-Oeste, então se caminha para a esquerda, o que faz com que se diminuam 5 horas. Assim sendo, no Rio seriam 10 horas da manhã, no exato momento em que Nosso Senhor expirou.

Vejamos agora outro tipo de situação em que usamos o fuso horário, não somente para marcar a diferença de hora entre lugares diferentes, mas também quando viajamos de um lugar para o outro e temos de acrescentar as horas de viagem.

Exemplo: Giovanni combinou de se encontrar com seu amigo Anthony em Chicago, nos Estados Unidos. Giovanni mora em Roma, na Itália, cuja faixa de fuso é +1. Eles marcaram de se encontrar no aeroporto, no dia 5 de maio às 14 horas. Contudo, Giovanni está com medo de se atrasar, porque seu avião sairá às 22 horas de Roma, no dia 4 de maio.

Levando em consideração que a faixa de fuso de Chicago é –6, e que o tempo de viagem de Roma até Chicago é de 10 horas de duração, Giovanni precisa se preocupar com o atraso? Para isto devemos calcular a diferença de fuso horário e o tempo de viagem de Giovanni.

Resolução: Primeiramente, deve-se tomar conhecimento de que Giovanni está viajando para a direção Oeste, ou seja, para a esquerda. Assim, em cada faixa de fuso que passar deverá diminuir 1 hora em relação à hora de partida. Do fuso +1 ao fuso –6 passa-se por 7 fusos (0, –1, –2, –3, –4, –5 e –6), e desse modo são 7 horas de diferença entre Roma e Chicago.

Para calcular a hora a que Giovanni chegará, primeiramente se adiciona a hora de saída de Roma (22h) à duração da viagem (10h). Dessa maneira, se Chicago tivesse a mesma faixa de fuso que Roma, Giovanni chegaria a seu destino às 8 horas da manhã do dia 5 de maio. Entretanto, como ambas possuem faixas distintas, deve-se fazer a diferença de hora, e já sabemos que em Chicago são 7 horas menos do que em Roma. Portanto, no exato momento em que Giovanni chegar a Chicago, será 1 hora da manhã do dia 5 de maio.

Assim sendo, Giovanni não deve se preocupar com atrasos, mas sim com um lugar para passar a noite.

Faixas de fuso do Brasil

O Brasil é o 5º maior país do mundo, com 8.516.000 km² de extensão, e, por isso, há mais de uma faixa de fuso horário no país.

De acordo com a lei nº 12.876, de 30 de outubro de 2013, o Brasil passou a possuir 4 faixas de fuso (–2, –3, –4 e –5):

- **Fuso –2:** ilhas oceânicas do Brasil (Atol das Rocas, Martim Vaz, Penedos de São Pedro e São Paulo, Trindade e a mais conhecida, Fernando de Noronha).
- **Fuso –3:** Distrito Federal (Brasília), Amapá, Pará, Tocantins, Goiás, todos os estados do Nordeste, do Sudeste e do Sul. Esta é a faixa que compõe o horário oficial do Brasil, devido à localização da capital nacional, Brasília.
- **Fuso –4:** Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Roraima e Amazonas.
- **Fuso –5:** parte sudoeste do Amazonas e Acre. Este fuso havia sido cancelado em 2008 pela lei nº 11.662, mas entrou em vigor novamente em 2013 pela lei nº 12.876.

Mapa político do Brasil com destaque para as faixas de fuso horário.

Arte

LIÇÃO 1

Objetivos da Arte

O conteúdo de Arte tem por objetivo levar o estudante a contemplar a beleza como reflexo de Deus, expressa na obra da Criação e em obras de arte harmoniosas, proporcionais, com formas bem-acabadas e que conduzam ao bom e verdadeiro. Nesta etapa, estudar-se-ão os componentes formais e expressivos da linguagem visual, através de conceitos, técnicas e apreciação de imagens, para que haja desenvolvimento gradativo de percepções, habilidades, senso estético e ordem. Ao identificar, conceituar e expressar-se por meio dos elementos formais, o estudante compreende que, através do talento dado por Deus Criador ao homem, esse foi capaz de ordenar os fundamentos e princípios artísticos para expressar o belo em pinturas, esculturas, mosaicos, vitrais, arquitetura entre outras modalidades.

Estudo da Arte: qual a importância?

A arte está presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos, como uma forma de o ser humano expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de valores estéticos como beleza, harmonia, equilíbrio. Quando o ser humano organiza sons, silêncios, ritmos, cores, linhas, formas, luzes, sombras, movimentos, gestos, etc., e com alguma intenção lhes atribui significados, poetizando-os, transformando-os em música, desenho, pintura, escultura, dança, teatro, etc., está manifestando-se artisticamente.

A arte serve, desde o início dos tempos, como eficiente ferramenta de registros históricos, pois traz indícios sobre a vida, a história e os costumes de um povo ou de uma época, inclusive daqueles já extintos. Assim, conhecemos várias civilizações por meio de sua arte.

Cada sociedade, em épocas e lugares distintos, define seus padrões artísticos e entende a arte de modos diferentes. Mas pode-se dizer que, de forma geral, as manifestações artísticas possuem em comum seu caráter estético. O homem sempre demonstrou possuir um cuidado estético em suas produções ao se esforçar por criar beleza, ao dar expressão ao mundo material ou imaterial que o inspira.

Estética é a tradução da palavra grega *aisthetiké*, que significa: percepção, sensação, faculdade de sentir; é um ramo da filosofia que tem por objetivo o estudo da natureza do belo nas manifestações artísticas e naturais. O termo estética permite caracterizar algo como belo, agradável, sublime, grandioso, alegre, gracioso, poético, ou então como feio, desagradável, inferior, trágico.

Expressão do belo

Ao estudarmos Arte, compreendemos que esta disciplina tem uma grande responsabilidade em "suas mãos": expressar o belo através das obras, e fazer com que as pessoas alcancem a contemplação da Beleza através do encantamento das obras produzidas que elevam o homem ao transcendente: pinturas, afrescos, mosaicos, esculturas, catedrais repletas de vitrais.

Conforme Santo Tomás de Aquino, a beleza é reflexo de Deus, pois "o ser de todas as coisas deriva da Beleza Divina"; sendo assim, na criação artística há aquilo que o tomismo designa por analogia como "procura de Deus na experiência poética, ou o conhecimento poético das imagens de Deus". Afinal, "criado à imagem de Deus", o homem exprime também a verdade de sua relação com Deus Criador pela beleza de suas obras artísticas. Com efeito, o belo naturalmente atrai a atenção humana, agrada ao intelecto e cativa a vontade.

O senso do belo é uma aspiração incessante no aperfeiçoamento do homem. É o verdadeiro caminho para o conhecimento das coisas que são boas. Só a visão do belo desprende a alma de tudo que é pequeno e mesquinho, apura a sensibilidade de todo o egoísmo e inflama em nossos corações a sede da perfeição infinita.

Interior da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Rio de Janeiro. (Acervo digital Unesp.)

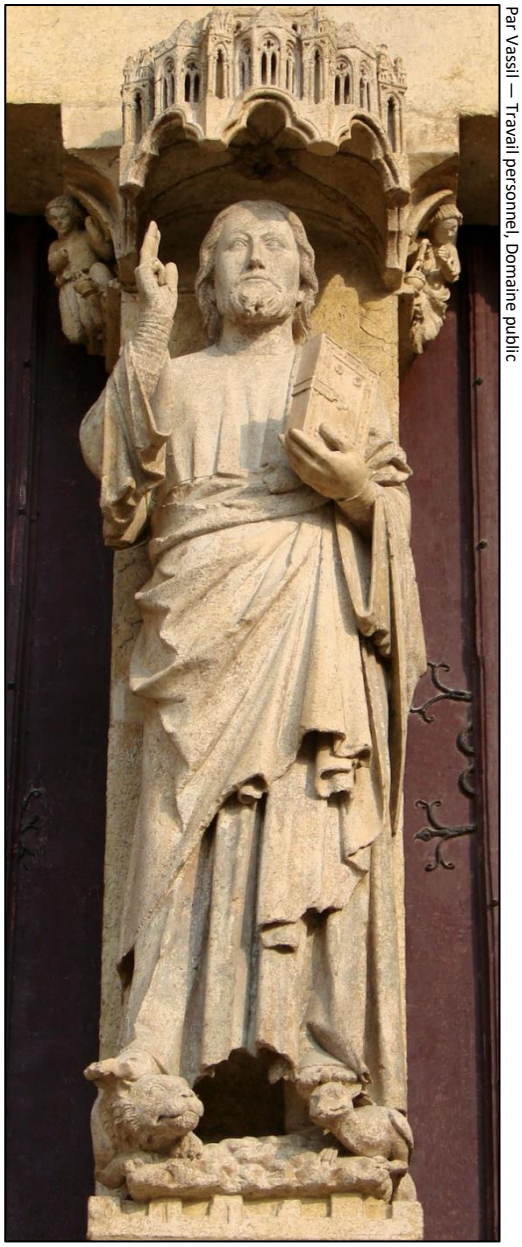
São João Damasceno diz que "Aa beleza e a cor das imagens estimulam a minha oração. É uma festa para os meus olhos, tanto quanto o espetáculo do campo estimula o meu coração a dar glória a Deus".

A arte sacra

Uma obra de arte (arquitetura, pintura, escultura, música, etc.) é considerada sacra quando é destinada a uma função litúrgica. Essa função a distingue da arte religiosa, ou seja, a arte que aborda temas bíblicos, mas não tem função litúrgica. Toda arte sacra é uma arte religiosa, mas nem toda arte religiosa é sacra,

Entre as mais nobres atividades do espírito humano estão, de pleno direito, as belas-artes, e muito especialmente a arte religiosa e o seu mais alto cume, que é a arte sacra. Elas tendem, por natureza, a exprimir de algum modo, nas obras saídas das mãos do homem, a infinita beleza de Deus, e estarão mais orientadas para o louvor e glória de Deus se não tiverem outro fim senão o de conduzir piamente, e o mais eficazmente possível, através das suas obras, o espírito do homem até Deus.

É esta a razão pela qual a santa Mãe Igreja amou sempre as belas-artes, formou artistas e nunca deixou de procurar o contributo delas, procurando que os objetos referentes ao culto fossem dignos, decorosos e belos, verdadeiros sinais e símbolos do sobrenatural. A Igreja julgou-se sempre no direito de ser como que o seu árbitro, escolhendo entre as obras dos artistas as que estavam de acordo com a fé, a piedade e as orientações veneráveis da tradição e que melhor pudessem servir ao culto. Ora, a arte possui uma capacidade muito própria de captar os diversos aspectos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem os vê e ouve.



Par Vassil — Travail personnel, Domaine public

O Belo Deus de Amiens. Catedral de Amiens, França.

O Belo Deus da cidade de Amiens, por exemplo, é uma imagem em que transparece o caráter sacral, por tão majestosa e bondosa beleza. É a representação de um Rei em toda a sua magnitude, que podemos contemplar na nobreza de seu porte, na harmonia de seus traços, na delicadeza de sua atitude.

▶ Exercício de apreciação

Geralmente o pôr do sol é utilizado como sinônimo de beleza. Muitas pessoas param para apreciá-lo ou fotografá-lo, como algo único na beleza do universo. Nas imagens abaixo, o registro fotográfico do pôr do sol em dois diferentes contextos. Observe-os nas imagens. Note como diferem na intensidade das cores, na luminosidade e nas sensações que nos transmitem.

Vista do pôr do sol no mar

Pôr do sol na paisagem serrana.

▶ Atividades

Após ler atentamente o texto e assimilar seu conteúdo, responda:

1. Mencione algumas das modalidades através das quais a Arte se expressa.

2. Independentemente da cultura ou da época, as manifestações artísticas têm em comum o caráter estético. Conceitue o termo "estética".

3. Assim como o retrato ou a paisagem, a arte religiosa é um gênero artístico que tem a arte sacra como vertente. Nesse sentido, que distinção há entre arte religiosa e arte sacra?

4. Imagine a cena. Pedro estava caminhando e ao longe avista uma Igreja. Deseja entrar para apreciá-la um pouco. Logo na entrada depara com obras de arte sacra belíssimas e, ao adentrar e caminhar pelos corredores laterais, vai deslumbrando-o a beleza das esculturas, das pinturas nas paredes...Fica maravilhado e não consegue pensar em outra coisa a não ser: "Se o que o homem faz é belíssimo, imagine o que faz o Criador! Que bela Sua obra!".

5. Ao ler e imaginar a cena descrita, é possível afirmar que a Arte Sacra feita nessa Igreja cumpriu sua função? Fale mais sobre isso.

LIÇÃO 6

Tema, forma e conteúdo

Tema, forma e conteúdo são componentes inerentes a uma obra de arte e nela devem ser inseridos de maneira a formar um todo unificado. Sendo assim, um artista é bem-sucedido em sua obra quando alcança a integralidade recíproca entre os três componentes.

Para exemplificar: se o artista tem um bom tema e uma ideia interessante para a realização de uma obra, mas não tem o domínio da técnica a ser utilizada, é provável que sua obra não atinja a integridade que nos referimos. No caso de o artista ter domínio técnico mas não conseguir elaborar bem a maneira de transmitir sua ideia, dificilmente sua obra nos passará a sensação de totalidade.

Qualquer dos três componentes pode ser o ponto de partida de uma obra. A inspiração para um trabalho pode começar a partir da observação de um objeto (tema), que pode despertar sentimentos fortes no artista (conteúdo) e levar ao desenvolvimento de uma composição (forma).

Devemos considerar que uma obra de arte sofre a influência do período em que foi produzida, assim como a escolha dos materiais e da técnica utilizada define o resultado final da obra. A *Madonna de Santa Trinità* de Cimabue foi produzida no século XIII em têmpera e ouro sobre madeira. A obra reflete a influência do estilo bizantino, que podemos perceber no uso abundante do dourado e na rica simbologia cristã que lhe atribui uma beleza analógica. Cimabue pintou a Virgem Santíssima com o Menino Jesus no colo entronizados ou em majestade (tema), e os representou em escala maior que as demais figuras para indicar sua importância hierárquica. A mão direita da Virgem indica o Menino Jesus, dando-lhe toda gloria, e manifestando que Ele é o Caminho a Verdade e a Vida. Toda analogia presente na obra indica seu conteúdo, enquanto a forma se concretiza na maneira como o artista distribuiu as figuras na composição, utilizou as cores e a técnica da pintura a têmpera.

Abaixo do majestoso trono dourado, a representação de quatro profetas segurando pergaminhos com versículos do Antigo Testamento que os identificam. São eles: Jeremias, Abraão, Davi e Isaías.

Madonna de Santa Trinità, entre 1260 e 1280, têmpera sobre madeira, 385 x 223 cm. De Cimabue. Galeria Uffizi, Florença, Itália.

Os **símbolos** são utilizados como meio de expressão e comunicação desde os primórdios da humanidade e estão presentes em muitas obras de arte. Símbolo é um elemento representativo, podendo ser uma figura ou um sinal gráfico a que se atribui significado. Assim, uma pomba representada na cena da Anunciação simboliza, por exemplo, o Espírito Santo.

Analogia – relação de semelhança estabelecida entre coisas ou fatos distintos. A beleza de uma obra de arte pode estar na sua relação analógica, ou seja, na correlação da imagem com algo de significado primordial à sociedade a que pertence.

▶ Atividade

Exercício 1

1. Quais são os três componentes básicos de uma obra de arte?
2. Com relação à questão anterior, em que consiste a forma?
3. Que critério podemos usar para detectar o tema de uma obra?
4. O conteúdo faz referência a que aspecto da obra de arte?
5. De onde pode partir a inspiração para uma obra de arte?
6. Conceitue o termo analogia.

IHS
A·M·D·G
Ad Maiorem Dei Gloriam